



His
HIGHNESS
THE DUKE

MICHELLE M. PILLOW

Stone Court



Sua Alteza, o Duque

Série
Dragon Lords
Livro Cinco

Michelle M. Dillon





Envio: Parceira PRT e PL

Revisão Inicial: Silvia Helena

Revisão Final: Virginia

Leitura Final e Formatação: Sofia

Resumo

A heroína que pretende ser...

Aeron não quer nada além de continuar vivendo sua longa e solitária vida em um apartamento pequeno de metal, escutando as comunicações do Exército da Federação. Não é fascinante. Nem encantador, mas é seguro. Não existe nenhuma chance de se machucar.

Quando ela interceptou uma comunicação sobre o genocídio do povo de Qurilixian, Aeron não teve nenhuma dúvida, a não ser agir. Ninguém na Federação parecia propenso a fazer qualquer coisa sobre a ameaça, e de repente compete a ela salvar um planeta inteiro. Com a ajuda da irmã leviana, Aeron se encontra como uma possível futura noiva para os bárbaros que está tentando salvar.

O homem que precisava esperar...

Sua Alteza o Duque de Draig, Lorde Bron, não está esperando ansiosamente a sua sétima tentativa falida de uma cerimônia de casamento, mas quando ele vê a adorável Aeron, descobre imediatamente que seus anos de espera finalmente acabaram. Os deuses o abençoaram com uma companheira para toda a vida... ou não? Sua nova noiva insiste que não está ali para se casar, mas somente para uma missão. Depende de Bron convencê-la a ficar, ou correrá o risco de passar o resto da sua vida sozinho.

Capítulo Um

Campeonato de Jogos Intergalácticos. Mercado negro de Torgan

Cidade de Madaga, Planeta de Torgan

Aeron escondeu o longo comprimento do seu cabelo preto sob o capuz negro, inclusive as pontas mais curtas. O uniforme da Federação não era exatamente o traje mais discreto, mas ela fez todo o possível para se misturar com a multidão.

Era a mistura habitual de humanoides e outras criaturas bestiais que se esperavam ver em um planeta de mercado negro. Alguns pareciam machos humanos com diferenças apenas secundárias, como protuberâncias estranhas ou ondulações da carne em seus rostos e corpos. Outros tinham cabelos longos, com grandes braços e peitos enormes. Havia os que tinham a pele de répteis, grandes chifres ou a pele de outras cores. Alguns tinham asas. Alguns tinham dedos diferentes.

Cada criatura esquisita e de má reputação visitava Madaga, homens de negócio corruptos, traficantes de escravos, caçadores de recompensas, assassinos de aluguel e agora aparentemente Analistas fugitivas da Federação que queriam entrar em um negócio degenerado por uma nave espacial.

— Fantasia bonita — Um homem humanoide comentou quando

passou por ela. Ele usava um vestido de penas e calçava botas vermelhas brilhantes. — Onde posso conseguir um?

— Amo uma mulher de uniforme — Seu amigo acrescentou com uma risada aguda.

Aeron não poderia dizer se a pele azul brilhante era pintada ou natural. Ela estremeceu, sorrindo nervosa enquanto rapidamente se afastava. Talvez o uniforme a misturou mais do que ela pretendia. Segundos depois um batalhão de soldados entrou em formação. Ao que parecia, alguém roubou um uniforme da Federação e o vendeu no Mercado negro, o que na realidade era muita sorte para ela.

— Vamos! — Alguém gritou com entusiasmo, vendo seu traje. — Junte-se a nós!

— Em formação, soldado! — O líder gritou, rindo.

Aeron negou com a cabeça, afastando-se. Tropeçou com uma criatura com chifres vermelhos e sua direção mudou imediatamente.

— Com licença.

A criatura gorgolejou forte. Já que ela não falava Gorga, não entendia o que ele estava dizendo.

Aeron olhou para cima, para o teto de vidro em direção às estrelas da noite. Uma barreira de três anéis cortava o céu em seções. Cercavam todo o planeta marrom acinzentado. Ela observou tudo por ali até a aterrissagem. Desde o céu, a cidade de Torganian de Madaga era uma espécie de poeira do inferno em forma de dunas de areias do deserto. De perto, era uma mistura de terra e adubo marrom acinzentada, empurrando-se contra os vidros e metais. Ah...

E não apenas parecia como o inferno, tinha a temperatura do inferno também, pelo menos na plataforma de estacionamento. Dentro da estrutura de metal, o ar era muito mais fresco.

Aeron continuou a andar entre a multidão em direção ao complexo principal, tentando se concentrar mais nas pessoas do que no ambiente. Vários homens da estação espacial colavam pôsteres nas paredes. Grandes bandeiras declaravam o fim muito esperado da longa busca dos Tesouros Galácticos, jogo que foi iniciado há alguns meses atrás. Outras bandeiras brilhavam com imagens sedutoras que anunciavam a chegada das Bailarinas Intergalácticas ao planeta. O complexo principal tinha a aparência de um centro comercial legítimo, mas todo mundo sabia que era um mercado negro virtual de bens fechados e serviços espalhafatosos. Se era ilegal e perigoso, provavelmente poderia ser encontrado ali.

Aeron se aproximou do bar redondo no centro do lugar e andou ao redor das mesas. Esse era o último lugar onde queria estar. A música soava no último volume, o ambiente estava cheio de fumaça e os clientes bêbados estavam muito longes de suas vidas disciplinadas.

Ela nunca teve tempo para dançar ou ouvir música. Ela raramente bebia, salvo em uma situação que exigisse, o que ironicamente, acontecia apenas em seu apartamento de propriedade da Federação.

Enquanto se aproximava do outro lado do balcão do bar, vacilou. Ao longo, mesas de metal se entendiam diante dela, a maioria delas ocupadas.

Ela não queria estar ali, mas teria que fazer isso. Outras

peças certamente não entenderiam. Os militares não a entendiam e nem se importavam, mas ela precisava fazer isso. Durante cinco meses, desde que ouviu aquela maldita transmissão sobre um possível genocídio em algumas minas de minério no quadrante Y, não conseguia deixar de pensar em outra coisa. O planeta era chamado Qurilixen. A Federação não tinha nenhuma autoridade ali, e pouco interesse nele, mas sim em suas operações de minério.

A população se mantinha isolada e pelas poucas informações que conseguiu, viviam de forma muito primitiva. Informou Federação sobre o incidente, mas não gostou da resposta. Por desgraça, a Federação se negou a interferir. Enquanto continuasse chegando os minérios extraídos do planeta de uma maneira ou de outra, manteriam as mãos longe da situação.

Todavia, Aeron não poderia deixar assim. Não se manteria a margem, ao menos tentaria fazer alguma coisa. Ela não conhecia Qurilixen, tinha somente algumas poucas informações que conseguiu tirar dos arquivos da Federação. De qualquer forma, em sua maneira de pensar, resolveu que deveria salvar o planeta, então só havia uma decisão a ser tomada.

Como civil contratada como Analista da Federação, supunha-se que ela deveria escutar, traduzir e analisar a ameaça de acordo com certos protocolos. Para ela, genocídio era uma ameaça. Esse povo primitivo poderia não ter a tecnologia necessária para conseguir se proteger do ataque. Genocídio. Escravização. Qualquer que fosse o que estava previsto para o povo de Qurilixen, não seria nada bom.

Depois de observar vários pares de olhos fixos no alto, ela franziu o cenho. Uma mulher brilhava perto da imagem holográfica.

O cabelo castanho estava penteado para trás revelando um rosto bonito.

Sob sua respiração, Aeron murmurou: — Riona. Você está aí.
— Ela era o centro das atenções.

— Você quer uma cadeira, querida? Venha aqui e eu deixo você se sentar no meu colo. Apenas doerá um segundo. Então você irá se sentir realmente muito bem — Um homem ao lado da Aeron gracejou.

O homem era tão peludo, que Aeron mal conseguia distinguir seus traços. Grandes insetos voavam ao redor da cabeça oleosa, ele colocou as mãos nos quadris como uma ameaça. Aeron saltou rapidamente e correu para Riona.

Aeron ouviu uma mulher rir antes de encontrar Riona em uma mesa no centro do ambiente. Discos de metal flutuavam ante ela em uma grade de jogo. Tinha gatilhos de pressão onde a eletricidade disparava entre eles. As unhas batiam em um disco inerte enquanto a mulher contemplava seu próximo movimento. Não querendo desperdiçar tempo, Aeron agarrou Riona pelo braço e começou a falar.

— Ri...

Riona escolheu lançar o disco justamente naquele momento. O sorriso sumiu e ela piscou forte pela súbita distração. Era muito tarde. Seu dedo deslizou e o disco saiu do seu curso original, direito em uma tira de eletricidade. A unidade parou, piscou uma vez e então foi destruída. As partículas de metal caíram sobre a mesa. Caos estourou em uma série de gritos e golpes de protesto com os

punhos.

Lentamente, Riona se levantou, o sorriso tenso. As luzes piscaram ao redor, e Aeron abaixou a cabeça para evitar as fotografias. Sabia que o Exército poderia localizá-la, mas esperava que uma Analista de baixo nível sumida não fizesse nenhum alarde. Quando essa missão terminasse, explicaria suas ações e pediria perdão aos seus superiores da Federação.

Olhando para Aeron, Riona disse com os lábios apertados.

— Saudações, irmã. Não sabia que a Federação enviou guarda costas para o evento. Você deveria ter me avisado. Eu teria te dito que não era bem vinda!

Aeron endureceu com o modo familiar com que sua irmã falou com ela. Era uma reação automática. Passou a maior parte da sua vida negando-se a falar de sua família. Existia uma razão para isto. Sua irmã era uma jogadora degenerada que não levava nada a sério. Se não fosse pela pista evidente que seguiu rastreando os torneios de jogos, Aeron não teria sido capaz de seguir seu rastro. Havia centenas de planetas que Riona frequentava.

— Eu preciso conversar com você.

— Tão séria. Cuidado, enrugará seu rosto antes do tempo — Riona olhou para seu jogo perdido. — Sempre aparece na hora certa.

Aeron seguiu o olhar indiferente da sua irmã até o jogo, sem se preocupar com o típico sarcasmo de Riona.

— Isto seria um grande jogo, de verdade — Riona olhou ao seu redor antes de voltar a olhar novamente para o jogo, e suspirou. —

Eu posso sentir isso — Riona lamentou.

— Você poderia esquecer este jogo estúpido? Eu preciso que você venha comigo. É muito importante — Aeron insistiu. Por que a sua irmã não a escutava apenas uma vez? Precisava de ajuda, o tipo de ajuda que apenas uma jogadora degenerada como Riona poderia dar a ela. Riona tinha a habilidade para chegar a qualquer parte do universo. Ela sabia como conseguir algumas coisas. Aeron trabalhava em um pequeno escritório de metal em uma nave. Desesperadamente, tentou de novo. — Quando foi que realmente eu vim atrás de você em busca de ajuda? Sabe que não estaria aqui se tivesse outra opção.

— Onde estão os outros militantes? — A expressão de Riona não revelava nada. Ela observou o lugar.

— Estou sozinha...

Riona a observou com surpresa.

— Você está de licença? Deixou aquela nave flutuante para realmente fazer uma viagem?

— Sim, eu estou de licença até... Bem, não, não exatamente, mas depois que eu explicar, verá que não tive outra opção.

Riona ergueu a mão e movimentou a cabeça, falando muito séria: — Este favor... É fora do planeta?

— Sim, mas...

— Você tem uma nave? — Riona interrompeu.

— Sim.

Com um último olhar ao redor do lugar lotado, Riona disse: — Então vamos. Você é da família afinal. Quem sou eu para desapontar a família?

Aeron perguntou-se porque foi tão fácil, mas não parou para questionar a sua sorte. Uma sensação de urgência a percorria sempre que ela pensava em Qurilixen.

— Eu tenho uma nave que pode nos tirar do planeta, mas...

— Sim, sim, diga-me tudo durante o voo, irmãzinha — Riona falou rapidamente. — Teremos muito tempo no espaço para conversar.



Aeron engoliu um grito quando seu corpo bateu com força do lado direito da cabine. Riona voava como se nunca tivesse feito isso antes. Assim que Aeron começou a insistir para assumir o comando dos controles, Riona empurrou a nave na direção oposta. Aeron deslizou através do chão para cair do outro lado.

— Segure-se, irmãzinha! — Riona avisou tardiamente, sorrindo.

Maldição! Sua irmã estava apreciando isso.

Riona endireitou o voo. Aeron gemeu e se levantou. Agarrou o encosto de uma poltrona para o caso da sua irmã decidir brincar com os controles novamente. As luzes começaram a aparecer na tela de bordo indicando que a viagem seria mais tranquila agora. A superfície de Torgan desaparecendo dos sensores da nave.

— Não posso acreditar, Ri — Aeron disse entre dentes. — Fico perto de você dois segundos e já estamos sendo perseguidas pelo

planeta porque você deve dinheiro para um pirata espacial. Sabia que vir atrás de você seria um grande erro. — Quase esperava que alguém explodisse a nave. Se não fosse pela ordem da Federação de quarentena biológica das docas espaciais de Torgan, estariam sendo caçadas pelos piratas que perseguiram Riona. Nesse momento os piratas teriam certa dificuldade para conseguir autorização para decolar.

Riona fingiu não ouvir, enquanto apertava vários botões no console.

— Ok irmãzinha, você me tem aqui. Estamos no espaço. O que é tão importante para aparecer em um bairro degradante?

Aeron franziu o cenho enquanto sua irmã se afastava do painel de controle para deixar a nave no controle remoto.

— Eu preciso da sua ajuda. Tenho que chegar a um planeta na extremidade exterior do Quadrante Y. Não posso pousar com esta nave.

Riona arqueou uma sobrancelha. Aeron odiava aquele olhar satisfeito.

— O planeta é chamado Qurilixen — Aeron explicou. — A Federação não tem autoridade ali, e descaradamente pouco interesse nele ou nas pessoas, mas tem no minério. Sua população são os Draig e os Var que habitam o planeta, e pelas minhas informações vivem muito primitivamente. Há uns cinco meses, eu interceptei alguns dados que me levaram a acreditar que estas pessoas podem estar em sérios problemas. A Federação se negou a interferir. Enquanto colocarem as mãos nos minérios do planeta de uma forma

ou outra, lavam as mãos sobre a situação. Mas, depois de ver nosso mundo de origem explodir, não posso esperar e ver outra raça sumir, apenas por direitos de minérios. Futuramente eu me arrependeria ao pensar que poderia ter feito algo e não fiz.

— Deixa ver se eu entendi — O olhar da Riona se intensificou. — Você deixou seu trabalho sem permissão e roubou uma nave da Federação, que agora tem que abandonar porque se dirige a um planeta primitivo no Quadrante Y e não quer ser seguida pelos militares. E precisa da minha ajuda para chegar até lá.

— Sim — Aeron mordeu o lábio e assentiu. — Vai me ajudar?

Um lento sorriso se estendeu pelos lábios de Riona.

— Ah, irmãzinha... Estou tão orgulhosa de você neste momento, que poderia começar a chorar. Claro que vou ajudá-la a quebrar as leis da Federação. Além disso, você me conhece, estou sempre pronta para um pouco de ação e aventura.

— Ação e aventura? — Aeron franziu o cenho. Dificilmente diria que sua missão fosse algo tão trivial. — É assim que chama o que acabou de acontecer ali embaixo? Em um minuto estava jogando e no minuto seguinte estávamos fugindo de piratas espaciais? Tem sorte por eu estar ali, utilizar os recursos da Federação e sairmos antes que os piratas pudessem nos perseguir.

— Tem algo para comer neste balde flutuante? — Riona ficou de pé, ignorando completamente a irritação da irmã. — Não como nada decente desde antes do torneio.

— Se você achasse um emprego decente, comeria em intervalos decentes e não teria que se sujeitar a... A...

— A divertir-se? — Riona procurava algo pela cabine do piloto.
— A viver em minhas próprias condições? Para... Ah não importa. Achei o simulador de comida! Você quer algo?

— Uma irmã diferente? — Aeron sussurrou irritada. — Uma daquelas normais e que não seja uma criminosa.



— Este é o seu plano que chamou de brilhante? — Aeron olhou fixamente para a irmã com incredulidade. Depois entregou o folheto que pegou na cama da Riona.

Riona ergueu a cabeça e agarrou o impresso sob seu rosto e leu em voz alta.

“A Corporação de Noivas da Galáxia busca quarenta e seis fêmeas férteis da Terra com corpos sãos, sem incapacidade, próximas a idade de procriar e com estado de saúde A5, para casamento com os fortes e sãos machos de Qurilixian em seu festival anual de Reprodução. Com possibilidades de pertencer à realeza. Devem ser companheiras sexuais desejosas e trabalhadoras. A virgindade é um fator favorável. Enviar os documentos de saúde A5, documentos de viagem e o coeficiente intelectual que aparece na tela para: Noivas da Galáxia, Nível Phantom 6, Quadrante X, Base da Terra 5792461.”

Riona ergueu os olhos, olhando para o androide que massageava os músculos das suas costas.

— Então você descobriu, verdade?

Tudo ao redor na nave era para a comodidade delas. Havia vários androides de beleza, domésticos e ainda na parte superior,

simuladores de comida do tipo que poderia materializar qualquer coisa que desejassem, além de uma cama enorme para dormir. Aeron andou pelo quarto de Riona e depois deu a volta. O quarto estava cheio de máquinas e malditos sensores que iluminavam o local com o indicador de presença.

Aeron parou em frente a uma janela oval cheia de estrelas cintilantes.

— Você disse que encontrou o transporte perfeito. Disse que não custaria nada. Disse que esta nave estava destinada a missão de ajudar os nativos de Qurilixen. Disse que poderia nos levar para Qurilixen sem qualquer problema!

— Eu recebi uma melhoria no corpo pela manhã de graça, e estamos a caminho de Qurilixen. Realmente não vejo nenhum problema — Riona parecia mais chateada do que preocupada.

— Você não precisa melhorar seu corpo — Aeron franziu o cenho.

— Era de graça — Riona arqueou uma sobrancelha, como se fosse a razão mais lógica do mundo. — Também comida, massagem, androides de beleza, tudo de graça...

Abaixando a voz, Aeron olhou para o androide de beleza e se aproximou.

— Noivas da Galáxia? Sua solução foi nos inscrever como noivas? O que acontecerá quando chegarmos lá? Eles esperarão que você se case. Não pode falar sério sobre se casar com um estranho.

— Realmente — Riona disse mais alto, não se preocupando

com o robô. Estava seguindo o programa com grande satisfação. Ela sentou na extremidade da cama. — Este é o transporte perfeito. É uma viagem grátis e uma muito feliz. Por sinal, estou totalmente satisfeita. Além disso, disseram que os machos primitivos precisam de noivas, ou então toda sua linhagem morrerá, essa é uma missão de apoio. Não é o que estamos tentando evitar? O desaparecimento de toda uma raça?

— Não seja dramática — Aeron reclamou.

— Quem está sendo dramática? Pesquise nos arquivos que a nave fornece — Riona fechou os olhos e se concentrou, claramente tentando analisar as novas informações que descarregou em seu cérebro recentemente. A carga levava um pouco de tempo para se instalar e oferecer todos os fatos. — As mulheres de Qurilixian são raras devido a radiação da lua azul. Por gerações se alterou a genética dos homens, que apenas reproduzem machos, machos fortes. Pobrezinhos — Riona voltou a fechar os olhos novamente e continuou. — O fato de que não tem mulheres de sua própria raça faz com que os serviços da Noivas da Galáxia seja conveniente. Em troca, o povo de Qurilixian negocia seu metal valioso que é encontrado apenas em suas cavernas. O metal é uma grande fonte de energia para as naves espaciais e quase inúteis para o povo de Qurilixian que prefere viver tão simples quanto possível, já que não são exploradores espaciais — Riona respirou fundo e soltou um sorriso, satisfeita consigo mesma. — Mas você sabe tudo sobre a mina, não é, Federação?

— Não me chame de Federação — Aeron fez careta. — Eu achei que você poderia ter amadurecido um pouco nesses últimos cinco anos.

— E deixar de irritar a minha querida irmãzinha? — Riona riu dissimulada. Depois, fingiu observar as unhas recém-pintadas. — Além disso, esperam que nos casemos. Tive que falsificar a sua assinatura para conseguirmos entrar na nave. Realmente, deveria me agradecer.

— Agradecer? Você verdadeiramente se ilude se pensa assim.

— Sim, agradecer! — Riona franziu o cenho. — Você aparece do nada, arruína a minha vitória...

— Você conseguiu que fôssemos perseguidas para fora de Torgan por piratas espaciais — Aeron interrompeu.

— Porque você me fez perder a aposta. Não poderia ter esperado, oh, um segundo para que eu fizesse o lançamento?

— Você quase colidiu com o teto da plataforma com seu voo imprudente, Riona.

— Maldição, Aeron, eu fui criada para esta vida! Com a minha sorte, aqueles piratas do espaço jamais teriam nos perseguido além do planeta. Se tivesse esperado alguns segundos, eu teria ganhado cinquenta mil créditos em uma só aposta. Ao invés, eu devo cinquenta mil. Deveria lançar você em um buraco negro, ou melhor, dar você para os piratas para cobrir parte da dívida. Então eu não teria que salvar seu traseiro ingrato deles! E não bateria no teto. Dê-me um pouco de crédito. Eu sei como pilotar uma nave melhor do que você, eu poderia dizer. Não pedi para você vir para Torgan. Você fez isto por conta própria. Você veio para mim. Arruinou a minha vida e em retorno estou fazendo um favor a você. Então faça as contas.

— Estou tentando salvar um planeta — isto era por que elas não conversavam. Toda conversa sempre parecia acabar em uma briga. Aeron tentou ser razoável. — Sinto muito se eu penso que salvar um planeta é mais importante do que o seu jogo.

— É o meu sustento, não só um jogo — Riona empurrou a mão do androide do seu cabelo, afastando-o. — Você sempre faz isto. Constantemente deprecia o que eu faço.

— Você joga, Ri. Não é uma carreira de verdade.

— É uma carreira. A minha carreira. Não que exista uma grande lista de opções para alguém como eu. Preferia que tirasse minhas roupas como as Dançarinas da Galáxia? Seria respeitável o suficiente para você?

— Você está sendo dramática.

— E você está sendo patética.

— Eu não deixarei o que aconteceu com o nosso mundo acontecer com o povo de Qurilixen. São primitivos e não podem proteger a si mesmos de uma raça altamente avançada de estrangeiros — Aeron já disse a sua irmã quase tudo, mas sentia que precisava reiterar. — Desde que a Federação consiga o que quer, não se importa com o que aconteça. Não posso ver isso acontecer e não fazer nada. Se algo acontecesse e eu não fizesse tudo em meu poder para parar... Ri, eles precisam de ajuda. Como nosso povo precisou.

— Não fale do nosso povo. Dá má sorte falar dos mortos — A expressão de Riona endureceu.

— Eu os honro com a lembrança deles — Aeron replicou.

— Por que eu iria querer me lembrar de um campo minado gigante de pedra flutuante?

— Nosso mundo era bonito — Aeron defendeu.

— Até que explodiu em um bilhão de pedaços — Riona gritou.
— Não há nada além de um buraco negro vazio agora. Até os meteoros flutuaram longe.

— Não se trata da nossa casa. Isto é sobre um planeta que precisa ser salvo. Se Tyoe tiver sucesso em seus planos, eles matarão todos pelos direitos de mineração. Não posso deixar o povo de Qurilixian ser extinto, se puder tentar parar isso.

— Envie uma mensagem — Riona sugeriu.

— Não posso. Você sabe muito bem que em minha posição os monitores da Federação interceptam as comunicações e os Draig não são parte da Aliança da Federação. Não é como se pudesse contatar a nobreza local. Por muito que gostaria de escrever uma mensagem dizendo que tivessem cuidado, o que não é uma opção — Aeron franziu o cenho. — Desculpe, eu não queria incomodar tanto.

— Oh, isso soou tão sincero! — O sarcasmo tingiu o tom de Riona.

Aeron não respondeu.

— Você age como se eu fosse uma insensível. Estou aqui, não estou? Você pediu a minha ajuda e eu te ajudei. Você queria uma nave e eu encontrei uma nave. Não é como se achasse muitas viagens para o quadrante Y em cada esquina, são viagens isoladas.

Um planeta, a propósito, que tem dois povos dividindo-o e onde temos que aterrissar à direita lateral do planeta. Que bonito, irmãzinha. Queria que sequestrasse uma nave? Ainda está interessada em contar quantas leis eu quebrei?

Aeron abriu a boca, mas não teve a chance de responder.

— Escute, vamos sorrir e considerar nossas opções, beberemos, dançaremos ou o que seja que esses Draigs fazem por diversão. Então você faz o que precisa, depois partimos — Riona começou a caminhar agressivamente em direção a Aeron à medida que falava. — Teremos um longo voo, assim sugiro que você aproveite todos os serviços. Vá descarregar os arquivos sobre Qurilixen em seu cérebro. Ou melhor ainda, relaxe, se sabe o que é isso. Faça as unhas. Melhore os seios, aumente. Veja se consegue tirar essa pedra do traseiro. Não me importa como... — Riona passou a mão pelo sensor da parede e a porta se abriu. — Contanto que não fique aqui. Tenha um bom voo, irmãzinha, nos encontraremos quando aterrissarmos.

Riona deu um empurrão, forçando Aeron a sair para o corredor antes de fechar a porta em seu rosto.

Tremendo de fúria, uma que apenas sua irmã poderia produzir, Aeron marchou pelo corredor de metal para seu quarto.

— Espero que um dos bárbaros a leve para casa com ele como esposa, e espero que sejam as criaturas mais sujas, mais feias que já viveram! — Aeron sussurrou.



Festival da Reprodução. Palácio de Draig, Planeta de Qurilixen

Lorde Bronislaw, Sua Alteza o Duque de Draig, olhava o Festival diante dele. Empregados trabalhavam muito para assegurarem que tudo estivesse em ordem antes que a nave das Noivas da Galáxia chegasse. Bron não esperava ansiosamente o evento, sendo seu sétimo ano consecutivo. Porém, tinha o dever de assistir, principalmente este ano, já que era o primeiro ano dos quatro príncipes reais, os Príncipes de Draig, que estavam procurando noivas. Pelo que estava agradecido. A família real era a única família no planeta que superava a importância da sua, e a atenção das pessoas seria voltada para o casamento dos príncipes. De fato, era como se as pessoas se esquecessem dele ali. Como um cavalheiro honrado, seus repetitivos fracassos eram uma lembrança desagradável de que ainda precisava encontrar uma esposa.

Bron desejava não estar ali. Esta noite pesava fortemente em sua mente durante todo o ano. Seria este o ano no qual os deuses o abençoariam? Ou seria outra tentativa fracassada? Iria para casa com as mãos vazias e olhares de decepção e murmúrios dos súditos? Olhando para o céu tingido de verde, via o escurecimento revelador normalmente leve. Esta noite era assim, uma vez por ano. Era parte do que fazia o Festival da Procriação tão sagrado para seu povo. Era a única ocasião em que poderiam se casar.

Normalmente, uma suave névoa verde aparecia na superfície ensolarada do planeta. Qurilixen tinha três sois, dois amarelos, um azul e uma lua, o que deixava o planeta particularmente brilhante. À esquerda do vale, havia uma floresta colossal se estendendo à distância. As folhas verdes absorviam um pouco do calor excessivo e da umidade. As árvores se levantavam por cima da superfície do

planeta, mais espessas que algumas pequenas casas perto da aldeia.

— Aqui vamos novamente — Seu irmão, Alek, disse enquanto parava seu ceffyl ao lado de Bron.

Alek agarrou automaticamente o chifre da fera para manter o equilíbrio e desceu. O animal abriu a boca e soltou um silvo longo mostrando a língua. Os olhos eram de um réptil, o rosto e o corpo de um elefante pequeno. O ceffyl era estável e um bom corcel.

Essa era a quinta tentativa de Alek e ele esperava com o mesmo entusiasmo exibido por Bron. O segundo mais jovem, Mirek, enfrentava seu quarto Festival. O mais jovem deles, Vladan, estava em seu primeiro. Bron tinha receio que Vladan se decepcionasse com o que a noite traria. Lembrava de sua primeira cerimônia com se fosse hoje. Ficou com os solteiros e esperou, com o coração cheio de esperança e o estômago na garganta enquanto olhava para os rostos das mulheres elegíveis. Infelizmente, o cristal sagrado em seu pescoço nunca brilhou para indicar que encontrou sua verdadeira companheira, a sua esposa.

Bron advertiu seu irmão mais jovem contra tal esperança, como fez com os outros irmãos. Mas, Vladan ainda tinha aquela faísca em seus olhos enquanto olhava abaixo, para o vale de tendas em forma de pirâmide decorada com bandeiras ondulantes.

Quando Mirek e Vladan pararam próximos a eles na colina observando o Festival, Vladan questionou: — Sempre é assim?

Bron franziu o cenho. Vladan não prestou atenção ao seu aviso. Entretanto tentou esconder suas emoções, o irmão mais jovem ainda acreditava que nesta noite poderia provar sua sorte.

— Sim — Alek respondeu. — Entretanto eles ainda devem instalar uma barraca para o banquete das noivas e fogueiras ao redor da área do acampamento. Desta posição parecerá que o vale inteiro está queimando — Ante o olhar inquisitivo de Vladan, ele acrescentou. — Nós acampamos aqui depois do Festival. Se você não achar uma noiva, não pode ir para as tendas. Qualquer tenda vazia é tirada pelos empregados de manhã. Ninguém quer uma lembrança de tentativas fracassadas.

— Então nos juntaremos aqui hoje à noite, depois da cerimônia — Bron declarou. Ele realmente não esperava levar para casa uma noiva, e se eles acampassem no despenhadeiro, poderiam partir mais rápido de manhã. Tinha assuntos importantes para resolver no castelo.

— Parece bom. Eu tenho éguas que estão para parir — Alek respondeu. Como melhor criador no planeta, Alek tinha a obrigação de manter a linhagem dos ceffyl. Eles tinham uma gestação de três anos, mas apenas chegavam à metade do tempo. Vigiar o processo de nascimento era muito importante.

— Nós devíamos saudar nossos primos e dizer ao rei que chegamos — Mirek foi o primeiro a se mover.

— Sim, vamos vestir nosso irmão mais novo com seu pedaço de pelo — Alek brincou. — Não queremos que caia durante o Festival.

— Tem razão — Vladan inchou o peito. — Não ficaria bem todas as mulheres me quererem depois de uma exibição como esta. Posso ficar apenas com uma esposa.

Bron soltou um suspiro fraternal de incredulidade enquanto

movia seu animal para a direção do Festival.

— Vamos informar o nosso tio. Ele irá querer informações antes de se perder em bebida e dança.

Capítulo Dois

O crepúsculo reivindicou o pequeno planeta de Qurilixen, transformando a terra de cor marrom avermelhada em um vermelho escuro e brilhante. As folhas grandes caíam dos galhos, como se fosse outono. Emitiam um cheiro sutil sem igual para as horas da noite. O nariz de Bron captou o cheiro facilmente através da fumaça das fogueiras. Ele amava aquele cheiro.

Os mais jovens formavam duas filas. Duas paredes de carne masculina por onde as noivas passariam e encontrariam seus maridos. Atrás deles os homens casados ficavam sentados em cadeiras que pareciam tronos com suas esposas firmemente em seus colos. Música e risadas ressoavam. As fogueiras iluminavam as feições de cada um. As tochas iluminavam o caminho para as tendas em forma de pirâmide. Fitas e bandeiras flutuavam na brisa em muitas cores brilhantes. Bron sabia onde sua tenda estaria esperando por ele, entretanto ele nunca entrou nela.

A escuridão sempre trazia consigo um sentimento místico. Era o momento no qual o dragão dentro dele erguia a cabeça e persuadia a parte humana a se render.

Mais tarde, aqueles que tiveram sorte suficiente para encontrar uma esposa, desapareciam nas tendas e a população acima no vale voltava para seus vários afazeres.

Bron moveu os quadris. Como era tradição, vestia um pedaço de pele como sunga, um bracelete de ouro ao redor do bíceps, uma máscara de couro preta para esconder o rosto, da testa até lábio

superior, e o cristal sagrado ao redor do pescoço. Apesar de brincarem entre si sobre a sunga de pele que vestiam, seu povo não se envergonhava da forma quase nua.

Bron jurou a si mesmo que não faria mais do que seguir todo o ritual. Não sentia nenhuma esperança. Então a porta do Noivas da Galáxia se abriu, e não pode evitar que seu coração acelerasse e os pulmões se enchessem de ar pedindo uma respiração profunda. Durante um longo momento, o silêncio invadiu seu interior. O mundo parou. Então o caos desabou.

As mulheres casadas repentinamente começaram a rir. Do seu lugar na fila, Bron viu vários dos homens mais jovens gritando e posando para as possíveis futuras noivas. Queriam se destacar para que as noivas os vissem, e fossem escolhidos. Acontecia em raras ocasiões, mas acontecia. Diferente dos noivos, os espectadores usavam as roupas tradicionais, com camisa no estilo túnica.

As noivas esperavam na entrada da nave. Formavam apenas uma fila que sumia dentro do corredor de metal. Ele estreitou os olhos, deixando sua visão mudar para um dourado, enquanto tentava ver mais detalhes. As mulheres usavam os vestidos tradicionais de Qurilixian. O material roçava a pele quando se moviam, abraçando os quadris e voando ao redor das pernas em tiras finas. Sapatos de seda suaves estavam em seus pés. Os vestidos caíam logo abaixo dos seios revelando uma porção generosa. Uma fita que parecia um cinto atravessava as costas.

Mas, em vez de laçar na frente, continuavam de lado, segurando os pulsos como algemas de seda e seguia pelo braço para fechar acima dos cotovelos. As mulheres não podiam levantar os

braços acima da cabeça.

Seu sangue parecia ferver em suas veias. As mulheres pareciam suaves e femininas. Ansiava tocar uma. Fechando os olhos, ele tentou implorar aos deuses por uma bênção, mas as palavras nunca se formaram. Em seu lugar, perguntou sobre seus sentimentos, o anseio em seu peito que não precisava de palavras. Que fosse este ano. Havia feito uma oferenda. Viveu uma vida singela.

— Preferia enfrentar uma batalha — Mirek sussurrou próximo a ele. — Esta expectativa é uma tortura.

— Eu não posso acreditar que nosso irmão não tenha que permanecer nestas malditas filas. É quase cômico que Vladan tenha encontrado sua esposa antes da sua primeira cerimônia e nós aqui estamos mais uma vez.

Bron estava feliz por seu irmão mais novo, entretanto seria um tolo negar que sentia ciúmes. Antes da cerimônia, o rei ordenou que lhe apresentassem a filha de um dos dignatários da mina. Ao que parecia, a senhorita Clara Redding achava que estava acima das cerimônias de assistir o Festival primitivo e se negou a contrair matrimônio. Ela mal olhou o que a nobreza Draig tinha a oferecer. De fato, quando o cristal de Vladan começou a brilhar, ela simplesmente assentiu com a cabeça, deu as costas e foi para seu quarto.

— Sim — Mirek respondeu, rindo. — Eu não queria aquela noiva. Espero que aquilo seja apenas uma pintura em seu corpo e não sua pele verdadeira. Ela assustará as crianças e as deixará com pesadelos.

— Eu não vi a pintura. Estava muito ocupado olhando fixamente para sua cabeça — Bron não tinha certeza do que era pior, não ter uma noiva ou ter uma humana com herança questionável.

— Nossos sobrinhos nascerão com crânios em forma de pirâmide — Mirek riu.

Bron reconhecia que Mirek estava brincando e não se preocupava com a aparência da mulher. Como Embaixador das minas, passava muito tempo fora do planeta, entre as espécies exóticas.

— Os deuses não seriam tão cruéis — Até mesmo enquanto dizia isso, Bron voltou sua atenção para onde seu irmão Alek esperava. A mão de Alek se apertou contra o peito, segurando o cristal como se fosse esmagar a pedra antes que tivesse a oportunidade de brilhar. Bron não aprovava o gesto, mas entendia o desejo de fazer isso.

A expressão de Alek era dura e suas características esvaziadas como se ele houvesse mudado recentemente para a forma de dragão, e corrido pelo bosque. Talvez fosse exatamente isso que o seu irmão fez. Alek chegou tarde para a formação da fila. Era possível que a sorte de Vladan afetasse seu irmão. Melhor cuidar de suas frustrações que mostrá-la ante as noivas. Alek, vendo sua atenção, movimentou a cabeça uma vez. Bron retornou o gesto.

O sorriso de Mirek enfraqueceu quando ele olhou para Alek também.

— Ele ficará bem, não?

Bron tirou a atenção de seus irmãos e girou para as noivas. Como nos anos anteriores, a Noivas da Galáxia não decepcionou. As mulheres eram preciosas. Bron suspirou, olhando para seus pés descalços. A luz do fogo iluminava sua pele. A primeira mulher passou, chamando sua atenção. Tentou não olhar diretamente. Estava a ponto de gritar.



Aeron realmente odiava sua irmã. Se houvesse alguma dúvida antes, este momento seria decisivo. Quando se imaginou voando para salvar a raça primitiva de mineiros indefesos, isto não era o que esperava encontrar e isto definitivamente não era o que ela esperava estar usando.

Quando saiu da plataforma para a terra firme, sentiu a textura da terra através dos sapatos de seda fina. Sentia falta de suas botas militares. Uma brisa agitou o vestido, levantando-o acima dos joelhos. Sentia falta da comodidade e familiaridade de seu uniforme. Em um vestido, sentia-se muito exposta aos elementos, principalmente com as coxas nuas.

Por dentro ela tremia de medo. Isto era por que ela era uma Analista e não um militar. Aeron não foi feita para aventuras. Gostava da segurança e rotina do dia a dia. Não havia nada extraordinário em um planeta cheio de machos desesperados. E se eles fossem sexualmente depravados por causa da falta de mulheres? E se eles tentassem arrastá-las para... Olhou ao redor, seu coração começou a acelerar com pânico. E se eles tentassem arrastá-la para suas tendas? E se...?

Aeron se esforçou para olhar para frente, passando o ombro da mulher na sua frente. Os maridos em potencial estavam alinhados em duas filas, criando um caminho para as mulheres passarem, cheios de peles masculinas nuas. E não era só pele masculina, mas pele masculina muito bonita, músculos sólidos e bronzeados, olhos penetrantes e luxuriosos, que continha energia guerreira. Isto com certeza não era rotineiro. Estes homens representavam o caos e o perigo. Representavam tudo o que ela tentou muito forte cortar da sua vida ordenada. O que significava que provavelmente Riona estava encantada.

Sua respiração acelerou com medo. O que ela estava fazendo ali? Estes homens claramente não precisavam dela para se defender. Que arrogante da sua parte pensar que os bárbaros precisavam da sua ajuda! Talvez seus superiores da Federação estivessem certos. Isto não era assunto dela. Seus pés deixaram de se mover por um momento ao pensar em voltar atrás. Foi inútil. Uma mulher bateu nas suas costas e amaldiçoou levemente, o que obrigou Aeron a ir adiante.

Pedaços de pele pendiam dos quadris masculinos. Braceletes de ouro cheios de desenhos se entrelaçavam nos bíceps musculosos. De seus pescoços sólidos penduravam cristais com correias de couro.

Aeron tentou não olhar fixamente, mas era muito difícil. A luz do fogo brilhava em seus corpos dourados. Os machos Qurilixian eram todos os guerreiros orgulhosos que diziam ser, inclusive alguns pareciam ter mais de dois metros de altura.

Alguns dos cristais ao redor do pescoço dos homens

começaram a brilhar, significando que encontraram suas companheiras. Tão rápido assim? Como? Nada era dito. Perdeu alguma informação vital na nave? Ela tentou fechar os olhos para acessar as informações de descarga, mas a mulher atrás dela a empurrou novamente.

O Noivas da Galáxia forneceu a elas arquivos de descarga sobre a cultura do planeta. Estava na extremidade exterior do quadrante Y, habitado por machos primitivos semelhantes a clãs vikings da terra medieval. Os Qurilixian adoravam muitos deuses e gostavam das comodidades naturais sem as conveniências tecnologias modernas, e realmente preferiam cozinhar sua própria comida sem a ajuda de um simulador. Eram ainda tecnicamente classificados como guerreiros, ainda que ambas as partes dissessem que estavam em paz à quase um século, além das pequenas batalhas territoriais que eclodiam a cada quinze anos mais ou menos entre os dois povos rivais. Todos os fatos duros e frios que caíram em seu cérebro não a prepararam para a realidade.

Aeron puxou os braços perto do corpo enquanto se aproximava do primeiro macho. Os noivos se viam como se fossem estender a mão e agarrá-las a qualquer momento. O medo em seu interior cresceu. Queria correr. Mas, para onde? Atrás dos noivos musculosos estava um grupo ruidoso de homens chamando a atenção.

Os homens alvoroçados mais a frente estavam vestidos com túnicas e calças, mas o grande tamanho deles também a surpreendeu. Ela se abraçou, mas forte.

— Eu a odeio, Ri. Odeio — Aeron sussurrou, como se as

palavras pudessem de alguma forma lhe dar força. Isso não aconteceu. Inclusive enquanto dizia, sabia que sua situação atual era toda culpa dela mesma. — Não gosto disso. Tenho uma missão. Tenho uma missão. E...

Suas palavras diminuíram quando sua atenção parou abruptamente em um nativo. Eletricidade percorreu todo seu corpo, mas o estranho não a olhou. Um dos guerreiros altos chamou a sua atenção. Tinha a cabeça baixa, olhando para os pés. O cabelo castanho escuro caía até os ombros e escondia o rosto. Aeron sentiu vontade de empurrar o cabelo de lado, para sentir sua suavidade entre os dedos, queria que ele levantasse os olhos para ela. No entanto, seu cristal brilhava. Uma pequena onda de decepção a percorreu. Já tinha dona... Não que ela quisesse se casar com aquele homem. Não havia maneira de que uma mulher como ela pudesse morar em um lugar como aquele. Seu coração, sem dúvida, teria medo constantemente.

Aeron depressa evitou olhar e caminhou mais rápido, fazendo a mulher a sua frente se mover. Mas, a lembrança da pele bronzeada e a cabeça baixa não deixava seus pensamentos. O homem era como os outros nativos, tinha o peito musculoso, o pescoço grosso e o abdômen definido, como alguns soldados de elite da Federação. A tecnologia moderna fazia maravilhas com um corpo atualmente. Mas o corpo destes homens era resultado de puro trabalho físico.

Aeron manteve a cabeça baixa e continuou caminhando, negando-se a fazer contato visual com algum deles. Sentiu-se aliviada quando chegou ao final do caminho. A multidão se tranquilizou, ainda que ela não houvesse notado quando nem como. O coração estava tão acelerado que poderia ouvi-lo. Uma brisa fresca

pressionou seu vestido contra seu corpo. Sentia-se muito exposta. Não conseguia olhar para ninguém. O cabelo curto fazia cócegas em seu rosto. Ela fez um movimento para tirá-lo, mas as fitas não deixaram suas mãos levantar.

Incapaz de evitar, ela olhou por cima do ombro. A nave estava ao fundo, na plataforma elevada. Os solteiros olhavam para trás. Nem todos tinham o cristal brilhando, somente alguns. Seu olhar foi para o homem com a cabeça baixa, que já não olhava para o chão, mas agora olhava para as noivas. Aeron depressa se virou antes que seus olhos se encontrassem. Era mais bonito do que tinha imaginado, inclusive com a máscara escondendo metade do seu rosto. Lindo, se dissesse a verdade. Os homens bonitos a deixavam nervosa. Ela preferia homens que eram... Bom, se seus encontros fosse uma indicação... Quem ela no inferno de Hades estava tentando enganar? Até mesmo a ideia dela ter uma vida sexual era ridícula.

Escolhendo seguir as outras noivas, Aeron se dirigiu para uma plataforma elevada onde havia uma festa gigantesca acontecendo. Sua irmã já estava sentada com um copo na mão no momento que Aeron encontrou seu lugar na mesa. Manteve os olhos afastados, com a esperança de não chamar muito a atenção. Não comer seria grosseiro, mas queria ser capaz de se afastar para esperar a cerimônia acabar.



Lorde Bron olhou fixamente para o cristal brilhando em seu pescoço. Estava tão absorto em seus pensamentos, tão preocupado com a ideia de não encontrar sua companheira de vida, que não

prestou atenção na fila de noivas. Como podia ter perdido sua futura esposa? Ela estava ali. Esta era a sua noite. E ele nem sequer sabia qual era. Admitir que não estava prestando atenção não era apenas um insulto para ela, e sim para seu orgulho. Mas então, como encontrá-la?

Seu pulso acelerou. Qual? A tradição dizia que saberia no momento em que a olhasse, mas não a estava encontrando. O desejo e a esperança aumentaram em seu interior. Agarrou o cristal, sentindo o pulso de energia contra sua mão. Por fim. Uma noiva!

A noiva sabia se o olhou, mas agora ele tinha que agradecer os deuses. Girou e caminhou em direção contrária as noivas. Queria gritar sua boa sorte, mas se manteve em silêncio como era tradição. Os homens que foram abençoados precisavam ir ao templo e agradecer. Os que não tiveram a sorte iriam afogar suas magoas com um bom licor.

— É um bom ano — Mirek disse ao lado dele. — Muitas bênçãos para sua união, irmão...

Bron automaticamente olhou para o peito de Mirek. Seu cristal não brilhava. A tristeza enchia o semblante do seu irmão, e sabia que o que dissesse seria inútil. Então ele não disse nada.

— Vou parar no acampamento antes de ir para casa — Mirek avisou. — Não esperarei por você. Aprecie sua boa sorte.

Bron movimentou a cabeça uma vez quando Mirek se afastou para ir com os outros que não encontraram suas companheiras.

Alek se moveu para se juntar a ele, parando para ouvir as palavras de Mirek. O cristal de Alek brilhava, mas havia algo

estranho em seus olhos.

— Está tudo bem? — Bron perguntou.

Alek sorriu suavemente, mas o esforço era forçado.

— O que poderia estar errado? Três de nós fomos abençoados, como também todos os nossos primos príncipes. Por qualquer razão, os deuses finalmente decidiram sorrir para nós. É uma boa noite para todos, menos Mirek. Vamos agradecer e buscar nossas noivas antes que os deuses percebam o que fizeram e mudem de opinião.

— Nem sequer pense em tal coisa — Bron disse, preocupado com o fato do seu cristal deixar de brilhar porque não conhecia o rosto da sua mulher. Ele olhou para trás, esperando por algum reconhecimento ao olhar para algumas mulheres. Nada aconteceu e se viu obrigado a se unir aos demais no templo.

Capítulo Três

Aeron não tinha fome, mas se esforçou para comer carne de porco assada e pedaços de pão azul com queijo de Qurilixian. A comida foi distribuída em grandes porções, diretamente ante as noivas e se estendia sobre as mesas longas de madeira. Empregados serviam, com o propósito de assegurar que os copos de cada mulher ficassem sempre cheios de vinho. Aeron era moderada na hora de beber, mas o sabor doce era delicioso e o vinho acalmava seus tremores.

— Não sei por que estou tão nervosa — Sussurrou para si mesma na falta de alguém com quem falar. — Não que esteja a ponto de me casar.

A maioria das mulheres do Noivas da Galáxia comeu em um estranho silêncio excitado, sussurrando e soltando risadinhas. Outras paqueravam os empregados bonitos. Com as fitas dos vestidos amarrando os braços, era difícil para as noivas levarem a comida até a boca, então os empregados pegavam qualquer coisa que elas desejavam. Inclusive, alguns foram longe, oferecendo comida às mulheres em suas próprias mãos, sua irmã Riona era uma dessas mulheres descaradas.

Aeron realmente não se relacionou com nenhuma das mulheres na nave, não como sua irmã. Em lugar de socializar, ela observou o acampamento. Os solteiros se foram e todos pareciam despreocupados.

Vários casais jantavam ao redor da fogueira do acampamento a

uma boa distância das noivas. Esposas alimentavam seus maridos em uma exibição sensual de romance.

Aeron tentava muito forte não olhar fixamente, mesmo enquanto achava selvagem. O lugar inteiro era um caos e a deixava extremamente desconfortável.

— Você está nervosa?

Aeron piscou, olhando de lado. Ela reconheceu Nadja da nave, mas a mulher não estava falando com ela. A pergunta era dirigida a outra colega de bordo, Morrigan. Nadja sussurrou algo e começou a rir.

— Sim — Aeron sussurrou, respondendo a pergunta que não era para ela. — Estou muito nervosa. Queria estar em casa onde é seguro e previsível.

Um olhar para sua irmã sorrindo, mostrou que Riona não estava na mesma situação solitária. Imaginava isso. Riona sempre fez amigos rapidamente, não importando onde estivesse.

— Eles são muito grandes, não são? — Nadja perguntou para Morrigan.

— Sim, esses homens são muito grandes — Aeron sussurrou novamente, ainda conversando com ela mesma enquanto pensava no noivo com a cabeça abaixada. Um empregado ergueu uma sobrancelha quando olhou para ela, mas ela desviou o olhar. Queria escutar mais da conversa, mas sua espionagem provou-se infrutífera e ela terminou sua comida em silêncio.

A música soava no acampamento, alto o suficiente para se

notar, mas sem incomodar. Aeron tomou um gole do vinho. O ritmo baixo produzia quase um efeito eufórico nas noivas. Suas vozes baixaram e quase silenciaram.

Aeron estreitou os olhos para a plataforma, observando os solteiros bonitos que se reuniam diante dela. Aeron viu quando o primeiro homem se aproximou das mesas para reclamar sua noiva. A mulher se levantou, colocou a mão na dele e permitiu ser levada.

Nem todos os homens que estiveram na fila estavam agora na tenda. Talvez não houvessem encontrado ninguém e não queriam se casar este ano. Outro homem se aproximou e logo outro. Riona tinha um sorriso no rosto enquanto observava, buscando entre os rostos com evidente diversão. Aeron engoliu saliva, nervosa esperando que tudo acabasse para poder fazer suas buscas antes do Noivas da Galáxia ir embora.

Quando grande parte da tenda esvaziou, apenas um homem se manteve perto das mesas, Era o homem que chamou sua atenção, o que manteve a cabeça baixa. Agora seu olhar passeava sobre as mulheres, como se as observando. Seu colar de cristal brilhava. Uma descarga de eletricidade percorreu o corpo de Aeron ao vê-lo com apenas aquele pedaço de pele. O calor encheu seu rosto enquanto desviava o olhar. Ele era grande, forte, bonito e escassamente vestido.

Aeron apertou as mãos no colo, esperando que ele agarrasse sua mulher e fosse embora. Não gostava do que sua presença seminua fazia com ela. Passou muito tempo desde que sentiu algum prazer com um homem em uma troca de sensações. A maioria dos homens preferia o ato sexual físico a uma troca de sensações. No

entanto, sexo real era algo que Aeron não conseguia fazer sem conhecer a pessoa, sua maneira de fazer as coisas resultava ser mais uma experiência nova para eles do que uma conexão profunda com ela. Como quase não se aproximava das pessoas, essa oportunidade não se apresentava com frequência.

Seu corpo aqueceu quando o último noivo finalmente se moveu. Ele entrou na tenda na outra extremidade da mesa e começou a passar entre as noivas restantes. Isto era estranho, considerando que os outros foram diretamente para suas companheiras escolhidas. Talvez tivesse esquecido quem escolheu? A ideia a fez rir para si mesma. De repente, um calor apareceu em seu caminho percorrendo seu corpo, correndo por seu sangue. A risada morreu na sua garganta. Ela ficou muito quieta, sem se atrever a olhar para cima. Esperando que o homem desse mais um passo. Mas ele não se moveu. Permaneceu de pé na frente dela. Em algum lugar no fundo da sua mente, ouviu Riona rir.

Quando ele não se moveu, Aeron olhou de lado. Sua cintura nua estava diretamente na frente dela. Os músculos tensos tão perto que quase poderia tocar a pele bronzeada. O umbigo finamente talhado chamou sua atenção para as ondas que subiam para o peito. Ela olhou seu estômago, sem se mover, sem falar e provavelmente sem respirar, ainda que estivesse muito atordoada para comprovar suas funções vitais no momento.

Mova-se, seu cérebro entorpecido ordenou. Os pulmões começaram a queimar e a cabeça a rodar. Aeron piscou, lutando contra a tontura em sua cabeça. Não, ela não estava definitivamente respirando neste momento.

Bron olhou para a cabeça curvada da sua noiva, esperando que ela olhasse para ele. Seus olhos haviam se encontrado quando ele chegou à tenda, mas como ela não foi diretamente para ele, não tinha certeza de que ela era realmente a sua. Para ter certeza, passou pelas mulheres, para ver seus rostos, sentir suas reações e observar o brilho do cristal.

E enquanto dava um passo ante a beleza de cabelos negros, se convenceu. Não precisava do cristal para dizer que a encontrou. Cada parte dele era empurrada para ela. Tinha o estomago apertado e já sentia a carne endurecer entre as coxas quando a olhou. Oh! Como doía. Os anos de desespero levaram seus desejos a proporções estrondosas. Duvidava que conseguisse passar toda a noite sem reclamá-la no sentido físico, cru, potente e primitivo. Por desgraça para ele e seus desejos, a tradição ditava que deveria esperar até a noite do casamento para fazer com ela as coisas que queria. Esta era uma noite para descobrimento e aceitação, não reclamação. Tomar seu corpo seria envergonhar a si mesmo e a honra da sua família. Como irmão mais velho e Duque, não poderia permitir-se o luxo de manchar seu sobrenome.

O cabelo escuro era curto. As pontas caíam para frente. A delicada linha do seu pescoço e ombro mostrava uma pele agradável para o tato. Queria passar o dedo ao longo do seu pescoço e sentir o pulso vivo golpeando suavemente contra sua pele. Ela não era forte como sua espécie. Parecia frágil, como se fosse quebrar quando a levantasse nos braços. Fez uma nota mental para apenas tocá-la com suavidade por medo de rompê-la em pequenos pedaços.

Ela não parecia respirar, o que não era nenhuma indicação de que ela o reconhecia. Ela virou a cabeça levemente para o lado,

assim Bron pode ver o ângulo de sua mandíbula e a linha de sua boca. Porque ela não olhava para ele?

— Mova-se — Ela sussurrou em outro idioma.

O som era muito suave e baixo e ele poderia facilmente confundi-la com um shifter. Ela estava irritada com ele por não reconhecê-la anteriormente, e agora queria tratá-lo da mesma maneira? Ele ouviu o ritmo constante do seu pulso. Seus músculos não estavam tensos. Ela não parecia irritada.

Ocorreu a Bron que talvez este fosse um costume do seu povo, então finalmente fez o primeiro movimento. Chegou a tocar a pele lisa da sua bochecha. O olhar dela para a mão dele, causou uma sensação prazerosa em Bron. Com mais vontade, ele deixou os dedos deslizarem por seu rosto para chamar sua atenção para ele.

Olhos azuis encontraram os dele. Por um momento ele se limitou a olhá-la. Ela não sorriu. De fato, quase não tinha expressão no rosto. Por muito que quisesse manter as mãos em contato com ela, sabia que deveria soltá-la, antes que desonrasse a si mesmo diante de todos.

— Sou Bron, venha — Ele afastou as mãos.

A boca dela abriu, então fechou, abriu, então fechou. Finalmente, ela movimentou a cabeça uma vez.

— Saudações, Bronco. Eu sou Aeron.

— Meu nome é Bron — A boca de Bron contraiu.

Ela olhou ao redor antes de olhar para ele. Indecisa, ela respondeu.

— Saudações, Bron. Eu sou Aeron — Suas palavras foram lentas, como se ela não esperasse que ele entendesse.

— Vamos, Aeron — Ele disse.

Um som de risada chamou sua atenção, e ele olhou para cima para ver uma mulher com cabelo castanho e olhos marrons olhando para eles com alegria. Suas feições eram parecidas com as de Aeron, mas não o suficiente para ir em sua direção.

— Vamos — Bron repetiu, estendendo a mão.

Lentamente ela ficou de pé. Em lugar de caminhar ao redor da mesa para reunir-se com ele, se inclinou para frente e sussurrou: — Sinto muito. Não sei o que está acontecendo. Você não tem que encontrar uma noiva? A que fez seu cristal brilhar?

Com isto Bron franziu o cenho. Como ele não saberia quem era a sua noiva? Olhou para o cristal. Brilhava alegremente, sem que fosse necessário que ela dissesse. Bem consciente de que estava sendo observado, inclinou-se adiante e sussurrou.

— Venha, vamos conversar em privado.

Aeron olhou ao redor, parecia que ela chegou à mesma conclusão. Ela assentiu com a cabeça e deu a volta na mesa. A mulher de cabelo castanho riu mais forte. O som foi acrescentado pelo golpe da sua mão sobre a mesa de madeira. Bron sentia vontade de jogar algo na direção da mulher, apesar de que nunca atuaria com tal impulso.

Antes que pudesse oferecer uma mão, Aeron agarrou seu antebraço, afastando-o efetivamente. Seus passos se apressaram

enquanto o conduzia ao longo da mesa do banquete, longe dos espectadores.

Se Bron esperava que ela relaxasse quando tivesse fora do foco de atenção, se equivocou. Ela apenas ficou mais tensa.

— Vamos — Bron apontou, pedindo que a seguisse para a tenda.

Ela olhou ao redor antes de movimentar a cabeça uma vez. Seus passos agora eram lentos, quase agonizantes. Ele queria pegá-la nos braços e carregá-la, mas lembrou-se da sua decisão de ser gentil com ela. Com certeza tal manipulação áspera não seria aceitável para uma pessoa delicada como ela.

— Aonde estamos indo? — Aeron perguntou, as palavras baixas como se eles estivessem sendo seguidos.

— Venha — Bron respondeu, incapaz de dizer qualquer outra coisa. As tradições eram muito claras, e ele não queria colocar os deuses à prova. Já fez muito ao fazê-la acompanhá-lo. Levou sete cerimônias para encontrá-la. Ele não queria... Não colocaria sua felicidade em risco agora. A mulher era sua única oportunidade. Se não a conquistasse esta noite, sua vida bem poderia acabar. Sem ela, não haveria amor, uma esposa ou filhos. Uma sensação quase desesperadora se apoderou dele, que tentou respirar além da dor e do medo que invadia seu peito.

— Fiz algo errado? Estou com problemas? Se for meus papeis, posso explicar o que aconteceu, se me disser o que está acontecendo — Aeron parou de caminhar. — Por favor, aonde está me levando? Juro que há uma boa explicação para o que seja que eu fiz.

Bron colocou a mão no braço dela e a levou caminhando junto com ele uma vez mais. Sorriu para aliviar seu nervosismo.

— Vamos.

Aeron não sabia aonde ia ou o motivo. Assumia que era algo em relação aos papéis que sua irmã entregou por ela. O que aconteceria se a Federação achasse seu nome em uma das suas explorações rotineiras de patrulha? E se tivessem alguém na zona para buscá-la? Olhou para o céu. Não havia nenhuma nave que pudesse ver.

Seu novo amigo ao que parecia não iria falar nada. Talvez seu conhecimento da língua fosse limitado. A maioria dos habitantes dos planetas da Federação poderia falar, mas este não era um planeta da Federação. Se os sons que vinham de todas as partes das fogueiras fosse uma indicação, falavam um dialeto gutural com sílabas e palavras muito fortes. Havia um encanto exótico no som, mas imaginava o quando era ruim não saber como falar.

Ela se abraçou forte, cuidando para manter um olho no incrível homem grande que a levava através das tendas improvisadas. A mão em seu braço enviava pequenas faíscas de consciência pelo corpo dela. Engoliu saliva, nervosa, sem saber o que fazer. Se não fosse pela risada irritante de Riona, não o estaria seguindo. O olhar profundo do homem fazia algo mexer em seu interior. Ela ficava toda derretida e trêmula. A sensação não era ruim por si, mas definitivamente não era bem vinda.

O caminho entre as tendas reduziu, e ele caminhou um pouco à frente dela. Aeron deixou o olhar vagar pelas costas dele. Eram musculosas como todo o corpo dele. O pequeno pedaço de pele roçava a parte posterior das coxas, balançando suavemente contra o

traseiro apertado. Cada centímetro dele era de braços grossos, ombros largos, pernas firmes e um caminhar com propósito. Ela respirou fundo, tentando acalmar sua libido hiperativa.

Apenas quando parou diante de uma das tendas em forma de pirâmide e ele levantou o tecido, Aeron percebeu que ele a levou para o final da zona do acampamento. O bosque colossal escuro bloqueava a visão. Além do resplendor das fogueiras no céu noturno, ela não conseguia ver a zona do banquete através do campo de tendas.

Não soube a razão, mas entrou. A maior parte do chão da tenda estava coberta com almofadas de pele. Era suave sob suas sapatilhas enquanto andava. Bron ficou atrás dela, mas não pode olhar para ver o que ele estava fazendo. Sua atenção foi atraída pela cama gigante na frente dela. A enorme peça do mobiliário estava no meio da tenda. Um longo tecido de seda estava pendurado na parte mais alta da tenda para envolver a cama.

Tochas brilhavam eroticamente ao longo de cada superfície. Pouco a pouco, seus olhos se moveram para o lado. Em cada canto havia três arranjos completamente diferentes, cada um mais descaradamente erótico e impossível de ignorar. O primeiro era uma mesa com comida e vinho. A comida não era necessariamente erótica, mas era como estava servida a comida. Muitas frutas cobertas de creme poderiam ser comparadas aos seios femininos. As imagens a fez pensar em seus próprios seios cobertos de tal maneira, prontos para serem devorados. Aeron tentou cruzar os braços sobre o peito, mas as fitas a seguravam.

No canto seguinte havia uma banheira com vapor. Uma serie

de óleos e garrafas estranhas a rodeava. Era grande o suficiente para caber três pessoas. Todavia, olhando para Bron, mudou para duas pessoas. No terceiro canto havia uma mesa com varias fitas de seda, algemas, chicotes e outros artigos que preferia não olhar de perto.

— Escolha — Bron pediu quando ela olhou para ele. A palavra com forte sotaque era baixa e sedutora.

O fogo das tochas dançava nas profundezas dos olhos escuros. Ela desejou poder ver seu rosto, mas a máscara escondia suas feições.

— Escolher o quê? — Aeron perguntou, quase com medo do que poderia ser a resposta. Ela olhou para o pescoço dele, para a luz brilhante do cristal. Apenas então a consciência do motivo que ele a fez segui-lo surgiu de alguma maneira, ele pensava que ela era sua noiva.

Estava tão preocupada em ser capturada pela Federação antes que tivesse a oportunidade para falar com as autoridades Draig, que não considerou que um dos homens, realmente a confundiria com uma noiva.

Seus lábios se torceram com diversão. Ele tinha uma boca grande. O baixo suspiro que seguiu sua expressão era inconfundível. A luz do fogo em olhos parecia cobrar vida, como se iluminasse desde seu interior.

— Acho que está com a mulher errada. Sabe, não estou aqui realmente para me casar. Estou aqui para falar com um de seus superiores sobre algo confidencial — Ela fez um gesto para seu

pescoço. — Pode fazê-lo deixar de brilhar agora.

Seu sorriso sumiu e durante um bom momento não se moveu, simplesmente parou na frente dela. Tocou o cristal brilhante como se o considerando. Ela deu um passo lento longe dele, preocupada com a forma excessivamente grave com que a estava olhando. Se optasse por pegá-la a força, não conseguiria pará-lo. Seu tamanho contra suas poucas habilidades de combate? No entanto, ela não sentia agressividade nele. Ele não fez nada para machucá-la. De fato, seus movimentos pareciam deliberadamente suaves, como se fizesse de tudo para não assustá-la. O gesto foi apreciado. Não poderia lutar contra este homem e seu desejo por ele ao mesmo tempo. Aeron respirava com dificuldade, tentando acalmar os nervos. Quando mais rápido pudesse sair desse planeta, melhor.

Bron curvou a cabeça, olhando fixamente as profundidades do seu cristal. O que estava acontecendo? O que ela queria dizer com que não estava ali pelo casamento? Ela estava com as noivas. A Corporação Noivas da galáxia assegurou que todos os contratos estavam em ordem. Como todo ano, o secretário do palácio leu e avaliou. Não havia possibilidade de ser tirado dele a felicidade agora que chegou.

O cristal do Bron brilhou mais em seu pescoço. Sentiu sua energia dentro dele, confirmando que era sua esposa, companheira de vida, sua duquesa. Além disso, seu corpo o atraía, cada fibra dentro dele cheio de necessidade. Essa era toda a prova que precisava. Esta mulher seria sua esposa. Ela era seu destino. Isso era tudo o que precisava saber. O resto era apenas detalhes.

Seu coração começou a doer fisicamente, como se um dos

soldados Vars do Rei Attor houvesse transpassado a mão no peito dele e apertado. Os Vars eram seus inimigos, viviam ao sul da fronteira de Draig. Neste momento, ele preferia enfrentar uma centena dos shifter gatos que as palavras da mulher. Esta era sua única oportunidade, uma oportunidade que aconteceu depois de vários anos difíceis preocupando-se e esperando. Não podia deixá-la ir. Teria que convencê-la.

Bron respirou fundo. Ele era um guerreiro. Ele era um homem de honra. Não se afastava de um bom desafio. Ele provaria ser digno de sua linhagem familiar e seria abençoado com um bom casamento. Não importava o que teria de fazer, a mulher nervosa diante dele seria sua esposa.

— Decida Aeron — Bron pediu de novo, desejando poder dizer mais. Mas, até que ela tomasse uma decisão, teria que confiar no destino. Não poderia falar muito, apenas com ações. Pensou em tocá-la, comprovando que ela se sentia como ele, excitado, mas algo no rosto dela o impediu de se mover. Não era necessariamente medo, mas sim um temor profundo. Não queria que ela se assustasse e se afastasse. Paciência. Precisava de paciência.

E uma quantidade infinita de sorte.

A maioria dos homens amava esta noite, brincavam sobre os jogos, diziam com bom humor sobre como suas esposas começaram a aceitá-los. Sete anos de espera haviam acabado com ele e estava pronto para tomar uma decisão. Bron não queria jogos ou perguntas. Não neste momento. Queria o que era seu, para sempre. Obrigou-se a se acalmar. Tinha que confiar que os deuses sabiam o que estavam fazendo.

— Não tenho certeza do que está me pedindo para decidir Bron — As palavras de Aeron eram lentas e muito pronunciadas. Acrescentou — Talvez possamos encontrar alguém que fale o meu idioma com fluência.

— Eu falo com fluência — Bron avisou.

Caminhando para a mesa onde as fitas estavam, Bron passou a mão e pegou varias delas. De propósito colocou uma em cada canto da cama.

Os olhos de Aeron o acompanhavam, e ele a pegou olhando com interesse. Bron relaxou um pouco. Pelo menos ela não era imune a ele. Respirou profundamente, sentindo seu cheiro. Sim, definitivamente Aeron estava interessada. O cheiro do desejo feminino encheu sua cabeça. Tomou cada esforço dele não jogar a cabeça para trás e ceder ao seu instinto animal.

Lentamente, Bron deitou na cama de costas. Levantou os braços com as fitas e separou as pernas, oferecendo seu corpo para que fosse amarrado. Pensava que assim, poderia ajudar a acalmar o nervosismo dela, para não mencionar ele perdendo a mente e devorá-la. Bom, ao menos isso teria que esperar até depois da noite do Festival. Não poderia consumir sua união esta noite.

— Escolha — Ele sussurrou.

— Oh, quer dizer nós... — Aeron olhou ao redor da tenda com nervosismo. — Fico lisonjeada pela oferta de sexo físico, mas por desgrça eu... — Ela tentou levantar as mãos, que ficaram presas pelo vestido tradicional. — Perdoe-me, mas no momento seria muito grosseiro rasgar o vestido, já que tecnicamente não estou aqui para

me casar e terei que voltar ao Noivas da Galáxia. Mas realmente preciso sair... Dessas coisas. — Aeron tentou se livrar das fitas.

Não havia muita privacidade dentro da tenda, assim que foi até o canto da cama e se escondeu atrás da cabeceira. Bron ficou em silêncio e saiu da cama para ter uma visão melhor. Conscientemente ela se manteve de costas para ele enquanto deslizava fora do vestido e se inclinava para tirar as fitas dos braços. Bron observou o material deslizar por sua pele para revelar a delicada curva dos quadris e traseiro. O cheiro dela ficou mais forte. Atraente. Doce e sedutor.

Bron apertou os punhos, resistindo à tentação.

Bron entrou na visão periférica de Aeron, que rapidamente colocou o vestido novamente, deixando as fitas soltas nos braços. Segurando o material, envolveu as fitas ao redor da cintura. Ela abriu a boca, como se tivesse a intenção de chamar a atenção dele, mas ele a interrompeu.

— Bela — Ele gemeu. — Decida.

Bron mexeu os quadris, tentando aliviar a pressão do material contra sua ereção sensível. Aeron depressa olhou e educadamente fingiu não ter notado sua reação a ela. Ele segurou uma risada. Não sentia vergonha do seu desejo.

Queria tocá-la. Os anciões haviam advertido aos noivos que esta noite seria uma das mais difíceis de suas vidas. Bron não entendeu bem o que quiseram dizer, até o momento. Os Draig atuavam por instinto, mas esta noite a honra prevalecia contra o instinto, lutavam contra os desejos mais íntimos e se abstinham de

reclamar a única coisa que queriam. Ao resistir à tentação mostravam respeito pela companheira. Negavam-se a si mesmos pela comodidade da mulher, demonstravam que eram capazes de atuar com razão e dignidade. Davam-lhes liberdade de tomar a decisão sem a pressão de um marido muito entusiasmado levando as coisas longe demais. A tentação era boa, encorajadora, a perseguição era apreciada por muitos de sua espécie. Bron alegremente perseguiria esta mulher através do universo, se apenas isso o tirasse de sua miséria atual e ela o reclamasse como seu marido.

Os olhos de Aeron deslizaram pelas extremidades de sua máscara. Ele queria que ela tirasse a máscara dele, o que significaria a aceitação do seu futuro, e o caminho livre para conversarem sem restrições.

— Iria se importar se tirasse sua...?

Ele sorriu. Não, ele não se importaria nem um pouco. Eliminaria qualquer coisa que pedisse.

— Descarreguei algumas informação na nave do Noivas da Galáxia, embora parte da informação chocasse com o que previamente ouvi do seu planeta. Logicamente, tenho sérias dúvidas sobre a exatidão das informações. Algumas notas comentam como este planeta não revela muitas informações sobre seus habitantes, e não menciona uma língua oficial conhecida. Porém, as noivas seriam de alguma maneira, capazes de entender o idioma. Entrarei em contato com a... Sinto muito, estou divagando. Quer dizer, sei que a máscara é parte da cerimônia, mas poderia tirá-la sem que signifique casamento?

Ele franziu o cenho, mas assentiu com a cabeça. Sim, depois da cerimônia, ele poderia tirar a máscara se ela mesma não a tirasse até a manhã seguinte. Não era como se os solteiros quisessem ficar com a lembrança de seus casamentos fracassados o resto de suas vidas. Nenhuma máscara era necessária em tal caso. Os homens que não conseguiam manter suas noivas, carregavam as cicatrizes dentro deles pelo resto de suas vidas. Eram marcas visíveis em seus olhos e corações mortos. Tais homens eram dolorosos de se ver.

Bron desejou que ela tirasse o material do seu rosto, consciente de que ela possivelmente entendeu mal quando ele respondeu com meramente com um aceno de cabeça. No entanto, a tradição dizia que deveriam permanecer principalmente mudos e tecnicamente não era uma mentira, não de verdade.

Ele acabaria como uma concha oca. Não, ele se casaria com esta mulher. Tinha que ser assim.

— Oh, bom. É inquietante ter uma conversa sem ver seu rosto
— Aeron soltou um suspiro.

Bron inclinou a cabeça em direção a ela e virou de lado, não erguendo os braços. Ele não seria um daqueles sem sorte. Deixaria que ela entendesse mal. Quando pudesse falar abertamente, explicaria tudo o que ela quisesse saber. Ela agarrou o material e puxou. Um grande alívio o percorreu. Estava feito. Lady Aeron era sua.

Capítulo Quatro

Aeron começou a relaxar quando Bron não atuou de maneira agressivamente com ela, pelo menos não agressivo de um modo que a fazia temer por sua segurança. Ao que parecia, ainda que selvagem e primitivo, ele era um cavalheiro, apesar dos convites físicos e insinuações não muito sutis.

Quando a máscara revelou seus segredos, a respiração dela sumiu. Ela não esperava que seu rosto fosse tão incrivelmente bonito. Sua expressão era curiosa. Colocou a máscara no peito dele e soltou. A máscara deslizou por seu corpo tenso. Aeron seguiu o objeto com o olhar quando aterrissou no chão.

Quando voltou a olhar para o rosto dele, Aeron estremeceu. Não havia intenção luxuriosa em seu olhar. Ele tinha um nariz reto, maçãs do rosto altas, como seu povo Draig. Aeron levantou a mão, e sem pensar, tocou no abdome plano. Calor percorreu o corpo dela, uma brisa fresca e masculina carregada de erotismo. Ela se sentia abalada, muito consciente da proximidade daquele corpo perfeito.

— Uma sábia decisão — Disse Bron. — Agora podemos conversar abertamente.

— Ah, uh... Obrigada? — Aeron deu alguns passos de lado. Os olhos dele a seguiam, mas ele não a impediu.

Quando conseguiu colocar distância entre eles, ela respirou profundamente. Aeron tinha esperança de conversar com o homem, para saber se poderia compartilhar as informações com ele, mas as palavras ficaram presas em sua garganta. Achou que tirar a

máscara dele, a faria se sentir mais a vontade. Não funcionou.

— Eu não deveria ter pedido que tirasse a máscara. Deveríamos voltar para a festa. Talvez pudesse colocá-la novamente e encontrar outra pessoa para a cerimônia e...

— Agora é tarde demais. As mesas estão vazias. Se quiser comida que não tem aqui, peço a um empregado que traga. O maior desejo do meu povo é servi-la bem esta noite — Bron se aproximou da mesa e pegou um pedaço de fruta com creme.

Cada pensamento prático a deixou. Os mamilos ficaram tensos contra o vestido, ficando duros e sensíveis. Bron se virou, levando a fruta para ela. Creme escorria lentamente do polegar para o pulso. Ele levou a fruta coberta com o creme para perto da boca dela, tocando seus lábios.

— Seria um honra dar-lhe de comer, minha dama.

— Isso não será necessário — Ela sussurrou, sem prestar atenção nas próprias palavras.

— Necessário? Não. Seria um prazer.

Aeron estava completamente perdida nas palavras. Nem sequer sabia como contestar. Os olhos dele permaneceram focados nela, enquanto se inclinava para frente. A língua dele lambeu o creme que estava nos lábios dela. Um gemido saiu. Um fôlego escapou. Ela saltou para trás, imediatamente levando a mão à boca. Surpresa que o gemido saiu da boca dela. Ele sorriu, fazendo um espetáculo sensual ao colocar a fruta entre os dentes e mastigar, antes de lamber o creme dos dedos.

— Entendo que não há muitas mulheres no planeta, mas não estou aqui para oferecer sexo físico — Disse Aeron.

— Não é permitido ficarmos íntimos esta noite, portanto não há razão para se preocupar — Bron declarou.

— Oh — Era decepção que sentia? Aeron se obrigou a afastar a sensação. Não queria ter relações sexuais. Talvez um dia. Mas antes preferia assinar sua sentença de morte.

— Mas podemos desfrutar e explorar — Ele parou, e levou uma mão para a cintura. Puxou o pedaço de pele e jogou o material de lado. Seu pênis estava cheio, como voluntário para ser a fonte de exploração. — Tocar e beijar — Rapidamente enganchou um dedo na parte da frente do vestido dela e a puxou. O movimento fez com que seu corpo deslizasse para ele. A mão foi logo segurando o globo suave. — Quero dar prazer a você.

— Não deveria. Não posso. Estou aqui para falar com...

— Shh, esta noite não é para este tipo de coisa — Bron a interrompeu. — A única coisa sobre a qual vamos falar esta noite é sobre o casamento.

As mãos masculinas começaram a se mover pelo corpo dela, deslizando sobre os quadris, prendendo-a contra seu peito, viajando ao longo das fitas para prendê-la. A pele dela arrepiou.

— Pensei que não haveria intimidade — Ela sussurrou.

— Gostaria de tomar um banho comigo? — Ele perguntou com irritante sedução.

— Eu não faço esse tipo de coisa — Aeron recusou.

— Poderia providenciar algo para você comer. Ou poderíamos só deitar na cama se preferir — As mãos dele alcançaram o traseiro dela e a puxou com força. — Se tem medo de mim, com muito gosto vou deixar que me amarre e tome o controle.

Os olhos do Bron brilhavam com o fogo interior. Aeron viu muitas espécies exóticas. Bom, na realidade, leu sobre elas na Federação. Perguntou-se o que significava essa pequena luz, em todo o caso. Talvez seus olhos vissem as coisas diferentes dos dela?

— Pode explorar cada centímetro do meu corpo — Ele ofereceu.
— Não irei pará-la.

Aeron olhou automaticamente para baixo, foi um erro. O órgão masculino se levantou orgulhoso. Bron não fez nenhum movimento para escondê-lo. Ela apertou as pernas.

— Ou eu posso explorá-la primeiro — A voz dele caiu em um sussurro. — Por favor, deixe-me lhe dar prazer. Deixe-me passar a língua entre suas pernas.

— Acho que não deveríamos ter este tipo de conversa — Aeron suspirou fundo.

— Se não minha língua, pelo menos a minha mão? — A parte posterior da mão dele roçou o ventre dela, fazendo cócegas com a suavidade do movimento. Ela sentiu o ar frio nos seios nus, mas não tinha força de vontade suficiente para cobri-los. Os mamilos duros que nem uma pedra. — Deixe-me acariciá-la com os dedos — Bron deslizou uma mão mais para baixo, chegando ao seu sexo.

Ela ficou úmida de antecipação, e nem se atreveu a se mover.

— Não deveríamos fazer isso — Aeron empurrou seu peito. Não conseguiu movê-lo. A mão dela deslizou ao longo do corpo dele em uma carícia involuntária. Sua respiração se acelerou e soltou um gemido. O dedo dele roçou seu sexo e não se moveu.

— Umm... Quer que a beije?

— Não, muito obrigada — Aeron sabia que deveria lutar, protestar ou ao menos recordar a si mesma algum bom argumento do porque isto não deveria estar acontecendo em absoluto.

— Quer uma massagem?

— Bom, na realidade não teremos esse tipo de conversa. Preciso que pare com isso — Todo corpo dela formigava, desde a parte superior da cabeça, até os seios doloridos e o sexo úmido, também seus dedos dos pés.

Bron suspirou e se afastou. A expressão dura.

— Muito bem. Será como deseja... No momento. Mas futuramente perguntarei outra vez, e será muito provável que ceda a mim.

Aeron não esperava que ele parasse. Estava nua diante dele. Os olhos masculinos percorriam descaradamente sua pele, abertamente decorando cada centímetro. Rapidamente Aeron pegou o vestido e se esforçou para vesti-lo.

— Bem, mesmo que eu goste de tirar sua roupa, não precisa se vestir. Já memorizei cada doce centímetro de você, minha dama — O sorriso dele era possessivamente perverso. Levantou dois dedos que estiveram no sexo dela. Passou nos lábios e sorriu. Então, lambeu os

dedos, e deixou a mão cair. Aeron sentiu a carícia como se fosse em seu clítoris. Bron irradiava sexualidade potente.

— Explorar, você mencionou? — Aeron estremeceu. Ela realmente disse isso?

— Se você quiser — Bron sorriu. Por todas as estrelas da galáxia, esse olhar era incrivelmente sexy.

Aeron olhou para a cama onde ele colocou as fitas e logo para a entrada da tenda.

— Ninguém vai entrar?

Bron deitou na cama com um movimento elegante. Pegou o pedaço de pele, e ocultou a ereção. Segundos depois estava de costas, com braços e pernas abertas, pronto para ser amarrado.

— Ninguém virá, a menos que eu chame.

Aeron mordeu os lábios, considerando suas palavras. Quando teria outra oportunidade de tocar um homem? Especialmente um homem que parecia tão bonito quanto este? Um homem cujos costumes não permitiam terminar o que começassem? Quando chegaria a ver um tão perto e ir tão longe? Talvez pudesse se aventurar, apenas um pouco. Se permitiria buscar prazer, mas não sexo. Antes que terminasse sua linha de pensamento, amarrou o pulso dele na cabeceira da cama. Não resistiu.

Quando amarrou as extremidades restantes, deixando-o vulnerável aos seus caprichos, deu um passo atrás para admirar seu trabalho. Músculos tensos na pele bronzeada, como sua ereção tensa no pedaço de pele. Os quadris estreitos sob o material,

movendo-se eroticamente para trás e para frente como um convite.

Um pouco tonta pelo nervosismo, foi até a mesa e pegou uma jarra de vinho, servindo uma quantidade generosa. O vinho forte queimou um pouco, muito mais potente que o vinho da festa. Ela tossiu, mas conseguiu terminar o copo. Aeron deu as boas vindas ao fogo interior deslizando da garganta para o estômago.

Abaixando o queixo, ela considerou onde estava. O homem na cama a olhava com uma mistura estranha de antecipação e paciência. Ela se moveu ao longo da extremidade da tenda, cuidando para não andar muito perto das tochas. A luz do fogo apenas acrescentava uma nevoa surrealista à cena, enquanto dançava ao longo das paredes. Ao passar pelas fitas, pegou uma, considerando vender seus olhos escuros e penetrantes.

Aeron continuou caminhando pela tenda até a banheira. A água estava ainda quente e se perguntou se depois poderia relaxar ali, enquanto observava o vapor. Ao ver um frasco com óleo, agarrou-a. Andou por toda a tenda até parar no extremo da cama, respirando com dificuldade. Os olhos dele se estreitaram. Havia uma intensidade predadora em sua expressão.

— Tire a roupa — Ele ordenou. Então, como se tentasse conter o tom áspero, acrescentou. — Por favor.

Aeron colocou o frasco com óleo aos pés da cama, aproximou-se da cabeceira e colocou a fita nos olhos dele. Amarrando sobre a cabeça.

— Se não for tirar sua roupa, tire a minha — Bron deixou a cabeça cair no colchão.

Agora que ele não poderia vê-la com aqueles olhos intensos, ela foi até o frasco e o abriu. Os músculos do corpo masculino estavam todos tensos, flexionando e soltando. Aeron aspirou profundamente, para sentir o cheiro do óleo. Ela tocou o arco do pé dele, e a perna pulsou como se houvesse queimado. Aeron ficou mais audaz e derramou o óleo na sua coxa. Ninguém saberia. Ninguém se importaria. Bron estava disposto. Ela estava disposta. Queria se arriscar para satisfazer sua curiosidade.

Os dedos dela deslizaram pelos músculos tensos. Ainda que estivesse massageando as pernas dele, os olhos estavam em sua virilidade. Observou cada movimento. Um gemido escapou enquanto levava as mãos para mais acima. O vinho aqueceu seu sangue, deixando sua cabeça leve, até não poder pensar em nada além do momento.

O corpo dela doía com desejo. As mãos de Aeron foram até o pedaço de pele. Os quadris levantaram para ela, movendo-se suavemente, para cima e para baixo, a um ritmo terrivelmente sedutor. Um olhar para seu bonito rosto, disse que continuava com os olhos vendados. Ela puxou lentamente a pele, tirando-a. Ajoelhou-se entre suas coxas. Suas mãos ainda estavam cheias de óleo enquanto tocava seu membro.

— Ahhh — Ele gemeu.

Aeron sorriu, gostando do novo brinquedo. Viu fotos de pênis, mas nunca de perto, em carne e osso. Traçou um dedo ao longo da ponta antes de passar para a base. Roçou levemente e depois mais forte e afastou a mão. Os quadris dele se levantaram da cama.

A respiração de Aeron acelerou, buscando o cheiro da pele dele

e do óleo. Sua roupa parecia apertada, assim tirou o vestido e o jogou de lado. Pegou mais óleo, esfregou nos seios sensíveis. Rastros do líquido escorreram por seu estômago. Sentia como uma carícia.

— Solte-me — Brom exigiu.

Aeron se inclinou sobre ele para limpar as gotas em seu estômago. Seu pênis estava no caminho e acabou deslizando por ela. Todo o corpo de Aeron estremeceu de prazer. Bron manteve o corpo duro, empurrando só o peito para cima. Os seios generosos se arrastaram ao longo do peito dele, os mamilos roçando um no outro. Oh, era glorioso, diferente de tudo que ela já sentiu. Fez novamente. E outra vez. E outra vez. E outra vez.

A respiração dela ficou ofegante. Bron se moveu sob ela, ajudando-a. As pernas bem torneadas ficaram sobre os quadris dele, para que pudesse sentir a ondulação dura do pênis ao logo do seu sexo. A sensação era a mesma de quando ela fazia isso sozinha. Gemeu suavemente, passando as mãos sobre o peito e pescoço, ombros e braços musculosos.

— Solte-me — Bron falou mais forte.

Ela o ignorou. O sexo deslizando sobre seu eixo, fazendo-a sentir inúmeras sensações. Aeron levantou os quadris, inclinando o corpo para que o pênis pressionasse firmemente contra ela. Aeron ficou sem fôlego, movendo-se ao longo do seu eixo. Deslizando em sua umidade natural.

— Aeron não devemos... — Bron contemplou atônito como seu corpo se movia no ritmo do dela. — Não devemos... A tradição.

O roce do pênis contra seu clitóris era maravilhoso. Ela sentia o

prazer aumentar. Ela queria mais, precisava de mais. Suas mãos cravaram forte no peito dele.

Bron grunhiu. A pele dele endureceu e mudou para um marrom mais escuro sob as mãos delicadas. Uma linha surgiu na testa dele, como uma placa dura impermeável sobre o nariz e a testa. Garras cresceram em seus dedos e dentes afiados saíram de sua boca. Com uma força sobrenatural, soltou os braços. Aeron deixou de se mover, tremendo de prazer. Emoção percorreu seu corpo ao ver a mudança dele. Arrancou a venda dos olhos dele. O olhar agora amarelo, o preto havia desaparecido.

— O que você é? — Aeron sussurrou assombrada com a mudança dele. Ela raspou as unhas no peito largo, sentindo uma nova textura, era tão dura quanto o metal.

Tão rápido como chegou, ele mudou novamente. As unhas retrocederam, e a pele no peito voltou a ser suave. Sua voz rouca respondeu.

— Um shifter dragão.

Mas a atenção dela não estava nas palavras. Bron segurou os quadris dela e a levantou. Aeron sentiu-se deslizar para baixo. Um momento de confusão passou entre eles. A longitude de seu pênis encontrou sua abertura, sondando as profundidades.

Algo racional tentou abrir caminho em seu cérebro, mas a ideia não se formou. Tudo se concentrava neste momento e na sensação deliciosa. No instante em que ela fechou os olhos, Bron a puxou sobre seu eixo, liberou a tensão de suas pernas e pressionou sua grossa ereção estirando-a.

Aeron sentiu uma leve dor e parou. Depois, começou a se mover suavemente, balançando os quadris. Seu corpo estava quase explodindo e agora o movimento dele dentro dela se intensificava. Ela soltou um grito suave quando chegou ao clímax. Não se parecia com nada que sentiu antes. Os músculos da sua vagina apertaram o pênis dentro dela. Bron levantou os quadris e estremeceu com a liberação, unindo-se ao seu clímax. Não se moveu depois, ficando congelado nessa posição por muito tempo. Foi perfeito.



Os deuses iriam amaldiçoá-los.

O que ele fez? Seu casamento seria amaldiçoado.

Bron olhou fixamente para o rosto de Aeron, observando seu prazer ser substituído por um horror atordoado. Ela deve ter sentido, também. Não era para ficarem completamente íntimos esta noite. O Festival da Reprodução significava uma noite de descoberta somente. Se os outros descobrissem o que fizeram, sua honra estaria manchada. Bron fechou os olhos. Sua honra já estava manchada. Ele sabia o que fizeram.

Aeron lentamente se afastou dele.

— O que eu fiz?

Bron imediatamente rolou e se sentou, segurando seu rosto entre as mãos para evitar que ela saísse da cama. Ela parou, olhando para ele. O rosto pálido e a expressão afetada, cheia de culpa. Ela era sua noiva. Tinha todas as razões para confiar que a protegeria e falhou com ela. Em primeiro lugar, estava tão ocupado tentando não esperar uma noiva que quase a perdeu. Então, ele não

explicou sobre a máscara quando ela perguntou se poderia tirá-la e não se casar. Ele deveria ter esclarecido se tirasse a máscara teria que selar sua união. Em terceiro lugar e talvez o delito mais grave a sua honra, foi que a possuiu em sua noite de casamento.

Ela ainda nem o conhecia direito, e nesse pouco tempo ele falhou, falhou consigo mesmo e com sua família. Ela o tentou com seu corpo e ele fracassou. O peso da culpa o corroía. Era o Duque de Draig, condecorado com os mais altos estandartes. Era um exemplo para seu povo. Talvez por isso os deuses esperaram tantos anos para lhe dar uma noiva. Sabiam que não era digno. Sabiam que iria fracassar. E finalmente, depois de tanta espera, provou que o temor dos deuses era real. Fracassou.

Cometeu um erro.

Não era de estranhar que ela o olhasse dessa maneira. Uniu-se a um homem com a honra manchada. Ela confiou nele.

Foi um erro.

— Consertarei isso — Bron prometeu. Afastou o cabelo do rosto dela, sem deixar de olhá-la fixamente. — Os deuses não irão nos amaldiçoar. Vou consertar as coisas. Vou fazer com que tudo fique certo. Vou reparar a minha honra pelo resto dos dias, Aeron. Juro por minha vida.

Ela não se moveu. Nem sequer tinha certeza de que escutou. Piscou uma vez, duas vezes, mas foi tudo.

— Fique aqui — Queria beijá-la, mas não se atreveu. — Voltarei de manhã. Cuidarei de tudo. Vou fazer com que fique bem.

Bron pegou o pedaço de pele e saiu da tenda. Não tinha certeza de como cumpriria sua promessa, mas iria encontrar uma maneira. Pelos deuses, encontraria uma maneira.

Aeron vagamente ouviu Bron falar com ela antes de deixar a tenda. Ela se sentou na cama, atordoada, horrorizada, apavorada. Sua mão se moveu para cobrir o estômago. O prazer do toque de Bron foi demais para resistir. Não conseguiu evitar. Ela o queria. Sentiu algo diferente de qualquer coisa que já havia experimentado, e agora a dor de sua união era uma lembrança muito real da sua morte iminente.

Morte. Não era algo que supunha que deveria enfrentar. Por isso as mulheres do seu planeta usavam transmissores para sentir prazer. Ela e Riona eram as ultimas da sua espécie. Os únicos homens no universo que entendiam seu relógio biológico estavam mortos.

— Estou a ponto de me unir ao meu povo — Ela sussurrou. As lágrimas enchendo seus olhos. — Estou morrendo.

Olhou ao redor quando ninguém respondeu. Bron a deixou e ela queria desesperadamente que a abraçasse e de alguma maneira a tranquilizasse. Sim, ele era um desconhecido, mas era a única coisa que ela tinha. Pensou em sua irmã, mas Riona proporcionaria pouco conforto. Ela poderia entender, mas a mulher não faria mais do que zombar dela, ou pior ainda, a olhar com lástima.

A tenda vazia oferecia pouco consolo. Chorou mais forte. Aeron caiu sobre a cama.

— O que eu fiz? O que eu fiz?

Capítulo Cinco

Bron se ajoelhou no templo escuro, imóvel, com os braços estendidos, até o amanhecer surgir pela janela de pedra estreita. Ainda assim, quando seus braços caíram de cansaço, ficou ali até seu rosto ser alcançado pelo sol. Sua mente repetiu os acontecimentos da noite, seus fracassos uma e outra vez.

Os joelhos doíam quando por fim se levantou, mas ignorou os incômodos. Ele queria ir até Aeron, mas primeiro teria que comparecer ante o rei e a rainha. Muitos dos noivos não chegavam a essa parte da cerimônia tradicional. Os anciões tendiam a fazer vista grossa para as ausências, mas Bron não iria se permitir outro deslize.

Os três sois brilhavam intensamente no chão vermelho de Qurilixian. O céu verde começava a dar passagem para a escuridão. Sabendo onde os empregados mantinham suas roupas, fez seu caminho para a floresta, sobre a vegetação amarela e as grandes folhas caídas. Os animais pequenos cantavam. Sentiu mais do que viu, quando um pássaro púrpura se aproximou. A tenda de comida parecia com as demais, sem a bandeira para indicar uma linhagem familiar. Ninguém questionou sua entrada, e Bron encontrou sua roupa rapidamente. Deixou o pedaço de pele para trás, já que não era mais necessário. A calça preta e a camisa vermelha escura era um pouco diferente da roupa que usava todos os dias. As bordas eram douradas. Era a primeira vez que usava a camisa e parecia um pouco apertada nos ombros. Antes de sair, ordenou a um homem que levasse um vestido para Aeron, o que confeccionou oito anos

atrás para sua esposa. Combinava com sua roupa.

As noivas ainda estavam dormindo. Esperava que não aparecessem de manhã se os homens cumprissem seus deveres. A ideia fez Bron olhar seu cristal. Por sorte, brilhava. Isso lhe dava esperança.

Ao ver os conselheiros reunidos ao redor do seu tio, o rei, ele assentiu com a cabeça e tomou seu lugar na fila. Perguntou-se se saberiam do seu segredo vergonhoso, se podiam descobrir o que fez. Outros novos maridos sentiam-se orgulhosos, a espera de reconhecimento.

Como a maioria das cerimônias Draig, esta seria curta. Bron não viu seus irmãos, nem os três dos quatro príncipes. O príncipe Ualan sorriu. Bron assentiu com a cabeça enquanto permanecia de pé junto a ele.

— Muitas bênçãos primo — Bron saudou.

— Muitas bênçãos — Respondeu Ualan. O homem quase não continha a emoção. — É uma bonita manhã, verdade? Ainda que nossos irmãos mais novos estejam na cama.

— A carga sempre cai no mais velho — Respondeu Bron. Era uma velha brincadeira entre eles. Ualan era o príncipe mais velho e herdeiro do trono. Eles se entendiam. Ambos tinham grandes expectativas postas neles por serem primogênitos.

— Tudo está tranquilo hoje. Somos uma verdadeira família abençoada — Disse o príncipe.

Antes que Bron pudesse responder, um conselheiro chamou os

noivos.

— Príncipe Ualan?

— Está feito — Ualan se aproximou, levantou a mão ante o alto conselheiro para mostrar o cristal brilhando a todos os reunidos. O Conselho reconheceu em aprovação silenciosa e ele esperou o próximo homem dar um passo adiante.

Ualan abandonou o lugar.

Bron, sendo o próximo, seguiu o exemplo do seu primo. Nervoso, pegou o cristal no pescoço, rezando para que ainda brilhasse.

— Está feito — As palavras não foram fortes como as de Ualan, mas altas o suficiente. Os anciões assentiram com a cabeça. Bron virou-se com um suspiro de alívio. Restava somente apresentar a sua noiva, e logo depois voltaria para casa, e de alguma maneira restauraria sua honra. Todavia, o mais importante era começar a fazer as pazes com sua esposa.



Aeron tomou mais vinho, desejando que fosse água, mas não se importava. Estava agradecida pelas tochas, as chamas baixas eram necessárias. Sem elas, ela teria passado a noite na escuridão. Bron não voltou para a tenda. O fato, entretanto não era tão mal quanto a razão da sua saída. Em um segundo tudo mudou. Sua vida terminou.

Quando fechou os olhos, lembrou da expressão hesitante no rosto másculo enquanto estava em cima dele. Ele queria que ela

parasse. Mas ela tinha o controle da situação. Estava sobre ele, se esfregando contra ele, desfrutando. A lembrança fez seu interior doer. Ela o queria de novo. Queria aquelas sensações, os sentimentos, tudo.

No entanto, com o prazer chegou também a realidade. Mortalidade. Estava morrendo. Sua mãe nunca lhe explicou a realidade agri-doce completamente. Talvez fosse muito jovem para entender. Para experimentar tão profundo prazer, sem dúvida não queria que cortejasse a morte.

O que seria uma eternidade, agora se resumiria a poucos anos. Aeron sentiu pânico. Não restava muito tempo para ela. Havia tantas coisas que tinha que fazer, tinha que falar, ver e ser. Começou a andar pela tenda, puxando as fitas da sua cintura. Pareciam poucas agora. Como poderia ser?

— Senhora, posso entrar?

Aeron quase gritou ao ouvir a voz masculina. Seu coração estava acelerado.

— Sim?

Reconheceu o empregado da noite anterior. Trazia um pacote nos braços. Ao vê-la inclinou a cabeça.

— Seu vestido, senhora.

Aeron pegou e não disse nada. Perguntou-se se ele sabia o que aconteceu ali. A lógica dizia que ela não parecia e nem cheirava diferente, mas ainda assim o conhecimento brilhou em sua mente como se todos os demais pudessem descobrir automaticamente. Ele

saiu sem fazer comentários.

Ela colocou o vestido sobre a cama e foi para banheira. A água não estava quente como na noite anterior, mas não se importava enquanto limpasse rapidamente sua pele. O vestido vermelho era uma cor estranha para ela já que a Federação usava apenas preto. A parte de cima tinha o corte folgado e a saia era uns cinco centímetros mais longa. Ainda assim, o bordado dourado era bonito. Os pontos simbolizavam dragões? Não tinha certeza.

Pensar em dragões fez com que voltasse a pensar no seu amante shifter, o que a fez recordar sua morte próxima, o que fez...

— Está bonita, minha senhora.

O som da voz de Bron golpeou seus pensamentos. Ela se virou para ele. Usava uma túnica vermelha com um emblema de dragão no peito. As roupas eram similares em cortes, combinavam claramente. De um modo estranho era como se eles se completassem.

— Obrigada.

Ele estava de pé na entrada, sem fazer nenhum movimento para entrar. Seu olhar percorreu seu rosto, buscando-a. Quando nenhum dos dois falou, ele se aproximou da mesa e serviu um copo de vinho. Aeron tocou o cabelo úmido, passando os dedos pelos fios. Logo viu um pente e o usou.

Bron tomou o vinho. Apoiou-se na mesa, olhando seu cabelo. O silêncio ficou insuportável e tentou pensar em acabar com ele.

— Dormiu bem? — Ela perguntou, não que quisesse saber. O

que ele achava do que aconteceu? O que fariam agora? Aeron fez uma careta. Estava realmente buscando respostas sobre o homem que ela amarrou e a quem entregou sua virgindade?

— Eu não consegui dormir — Ele deixou o copo sobre a mesa.
— Estava no templo tentando consertar o que aconteceu.

— Consertar? — Não era exatamente o que uma mulher gostaria de ouvir do seu primeiro amante.

— Sei que uma noite não pode compensar o que aconteceu, mas asseguro que vou restaurar a honra da nossa família mesmo que leve a minha vida toda — Bron fez um movimento com o copo, mas parou no meio do caminho. Logo, se aproximou dela. — A noite anterior não foi como eu pretendia.

Aeron estava a ponto de responder, mas o cristal no pescoço dele começou a brilhar e ela esqueceu o que iria dizer. Aquela luz a hipnotizava.

Bron seguiu seu olhar.

— Temos que terminar isso antes que o cristal fique impaciente. Vamos.

— Aonde?

— Tenho que apresentar a minha esposa ao Conselho — Bron pegou sua mão.

— Eu não posso ser sua esposa. Disse que não vim me casar — Aeron olhou de novo para o cristal. Era tão bonito, queria tocá-lo.

— Considerando o que aconteceu aqui, acho que é um pouco

tarde para isso. Você é minha esposa. O resto da manhã não é mais que uma simples formalidade.

— Não, você não entende. Vim aqui para falar com alguém sobre as minas — Ela puxou a mão. O contato físico apenas dificultava seu pensamento. — Não posso me casar.

— Terá tempo para isso depois que terminar a cerimônia e formos para casa.

— Casa? Minha cada é uma nave espacial militar em órbita.

— Sua casa é no meu castelo.

— Isso não é aceitável, Bron. Preciso de tempo para pensar. Tudo está rodando em minha cabeça e...

— Vamos para a cerimônia. Finalizar a cerimônia. Depois, mais tarde prometo discutir sobre a mina de minérios, sua casa, tudo o que quiser — Ele suspirou. — Por favor, estou pedindo. Depois da noite anterior... Por favor, me ajude a terminar a cerimônia. É uma questão de honra para a minha família.

Parecia tão sincero que a única coisa que pode fazer foi assentir com a cabeça em acordo.

— Muito bem, realizaremos a cerimônia e resolveremos esta bagunça mais tarde.

— Obrigada, minha senhora — A tensão pareceu diminuir.

Bron não deixava de notar o olhar vítreo de Aeron. Sua vontade, assim como sua atenção, era capturada pelo cristal. Ele entendia porque também sentia a atração. Convencia-o de que ela

estava destinada a ser sua esposa. Inclusive agora queria tocá-la, puxá-la para a tenda, colocá-la na cama e ficar com ela em seus braços.

Bron a levou para a plataforma onde os Conselheiros estavam com o casal real. O rei e a rainha estavam vestidos de púrpura e usavam suas coroas. Estavam sentados no centro em seus tronos.

Bron parou, voltando-se para ela.

— Qual é o seu sobrenome? Seu povo?

— Ah, Aeron Grey. Meu povo é... — Ela vacilou.

Quando ela não terminou, ele segurou seu braço. E se dirigiu para seu tio e tia.

— Rainha Mede e Rei Llyr, apresento-lhes a senhorita Aeron Grey.

— Você deve estar ansioso — O rei sorriu. — Foi o primeiro a chegar.

A rainha começou a conversar com seu marido na língua Qurilixian. Bron escondeu o sorriso. Quando ela terminou, o rei pareceu corretamente punido, entretanto dificilmente arrependido. A rainha Mede era uma mulher rara nascida em Qurilixian, mas não foi por isso que se casou com o rei. Seu destino estava predestinado da mesma maneira como o de todos os demais.

— Prossiga — A rainha ordenou.

Bron se curvou, puxou o cristal do pescoço e entregou para Aeron. Ela olhou fixamente para ele, observando a pedra brilhar.

— Quebre-o — Bron orientou.

— Mas... É tão bonito! — Ela sussurrou.

— Quebre-o — Bron insistiu.

Ela franziu o cenho e enrolou os dedos ao redor da pedra.

— Eu não quero. Quero ficar com ele. É bonito.

— Senhor Duque? — A rainha perguntou.

— Um momento — Bron pediu. A multidão se reuniu para ver e começou a rir e sussurrar entre eles. Bron agarrou o pulso de Aeron e sussurrou em seu ouvido. — O que está fazendo? Estamos em público. Quebre o cristal!

— Não! — Ela protestou, tentando soltar o pulso. — Eu quero ficar com ele.

— Pelos ossos dos deuses. Quebre o cristal, Aeron! — Bron resmungou, consciente daqueles que o rodeavam.

Ao levantar os olhos, Bron percebeu os olhos amarelos dos Conselheiros fixo neles. Sim, sem dúvida estavam escutando. Bron se obrigou a afrouxar o forte aperto no pulso dela. Balançando a mão dela, derrubou o cristal. Aeron ficou sem fôlego em sinal de protesto e tentou pegá-lo do chão. Ele segurou a mão dela, impedindo-a. Os olhos de Aeron encontraram os dele enquanto ela se via obrigada a levantar. Esperava que lutasse contra ele. Em troca, ela sorriu. Pegando-o momentaneamente de surpresa.

Aeron aproveitou seu estado aturdido. Ficou na ponta dos pés, segurou seu rosto e o beijou. O público riu e aplaudiu, fazendo

sugestões provocativas ao casal. Bron sentiu o cheiro leve de vinho, então soube que ela bebeu muito. Aeron estava armando um espetáculo. Estava a ponto de se afastar quando a língua dela tocou seus lábios. Percebeu que era realmente a primeira vez que se beijavam. Um gemido o deixou. Sentiu o cristal pulsar a seus pés, como se filtrando seu poder. Automaticamente sua mão soltou o pulso dela e os dedos se enroscaram nos cabelos macios, aproximando-a mais.

— Lorde Bron! — A voz da rainha chegou de fora da nevoa do prazer. — Senhor Duque!

O beijo de Aeron aprofundou. Sua boca deslizou contra a dele, encontrando um ritmo doce. Seu corpo deslizou sugestivo.

Uma mão pousou no braço do Bron e o balançou com força.

— Bron, controle-se filho — Bron afastou a boca da sua noiva. O rei o olhava preocupado. Em sua língua, o rei acrescentou. — Faça com que termine. Agora!

A boca de Aeron se moveu por seu pescoço e mandíbula, tentando puxá-lo para outro beijo. Bron lutou contra o feitiço. Deu um pontapé no cristal com a lateral do sapato. Pegou-a nos braços e a baixou em cima do cristal. O cristal se rompeu.

A multidão aplaudiu rindo, alguns soltando assobios de decepção quando o espetáculo terminou. Bron os ignorou.

— Bron? — Aeron olhou para o cristal quebrado e depois para ele. Confusão atravessava seu rosto. Os olhos começaram a ficar limpos da influencia do cristal. Inclinou-se para frente e teve que se segurar nele.

— Bem vinda a Família de Draig, Lady Aeron. Espero que goste do seu novo lar — A rainha anunciou como de costume.

O casamento foi realizado.

— Siga-me — O rei disse para seu sobrinho.

Bron não teve outra solução do que seguir seu tio pela plataforma do bosque circundante. Quando ficaram longe dos ouvidos indiscretos, Bron tentou falar.

— Meu rei, eu posso explicar.

— Sei o que você fez — O rei afirmou.

— Rei? — Aeron repetiu as palavras entre dentes. — Preciso falar com o rei. É importante.

O Rey Lly franziu o cenho. Inclinando-se, arrancou uma planta amarela do chão.

— Tenho que falar com o rei — Aeron continuou entre dentes, as palavras inseguras. Bron a segurou de lado.

O rei se aproximou dela, levantou a planta entre os dedos e esfregou em seu nariz.

— Eu... — Aeron piscou enquanto sentia o cheiro da planta. No mesmo instante, desmaiou.

— Controle-a, Bron — O rei ordenou agora que Aeron estava tranquila. — Não me olhe assim, filho. Eu sei o que você fez e suspeito que o Conselho também sabe. Você a tomou na noite anterior. Por isso ela respondeu ao cristal daquela maneira — O rei declarou calmamente.

Bron levantou o olhar, cuidando para segurar Aeron contra ele.

— Não podemos contaminar o nome da nossa família com um casamento infeliz, Bron. Existem aqueles que querem que a nossa linhagem acabe. Depois dos meus filhos, você é o meu herdeiro. Não vou conceder aos Var o prazer de manchar nosso sobrenome.

— Sim, meu rei — Bron respondeu envergonhado pelo homem saber o seu segredo.

— Leve-a daqui antes que acorde — O rei Llyr ordenou. — Não sei como irá reagir agora que o cristal se rompeu. Os efeitos podem persistir por horas, dias ou inclusive anos. Um homem pode manejar uma esposa carinhosa, mas não uma que o segue como um girassol. As tradições existem por uma razão. Leve-a para sua casa e faça o correto com os deuses. Ou melhor ainda, leve-a para sua casa no norte. Não há nenhuma razão para voltar logo. Seus irmãos podem se virar sem você. Os problemas que surgirem na sua ausência não é prioridade sobre isso.

— Sim, meu rei — O que mais Bron poderia dizer?

— Posso ser o rei, mas continuo sendo seu tio e o único pai que lhe resta na vida — O rei suspirou. — Entendo a tentação de nossas noivas e você esperou muito tempo pela sua. Isso será relevante quando considerar sua honra. Vamos. Leve-a. Resolva isso. Vou dizer aos seus irmãos que você está bem e que voltará para casa em pouco tempo. Quanto menos souberem sobre seu erro, melhor.

— Sim — Bron sussurrou. Levantou sua noiva inconsciente nos braços e começou a andar pelo bosque.

Capítulo Seis

Aeron se sentia doente. Por que o piloto utilizava os estabilizadores atmosféricos? Aeron gemeu, piscando pesado. A luz brilhante invadiu seus olhos, cegando-a. Estava se movendo, suas costas encostadas em algo duro, para trás e para frente, para trás e...

— Uma explosão de estrelas — Ela gemeu, quando o enjoo subiu para a garganta. A consciência chegou quando sentiu que estava sentada nas costas de uma fera gigante. Todo o terreno passou por sua visão. Seus braços se agitaram, mas não encontraram nada para se agarrar. Um grito de assombro escapou dos seus lábios. Nada fazia sentido.

Uma mão agarrou sua cintura para mantê-la equilibrada, em uma posição vertical. Ela soltou um grito de surpresa.

— Calma — Uma voz serena falou.

Seu cérebro levou alguns segundos para processar a voz de Bron. Levou mais alguns minutos para reagir. O desejo a atravessou como uma descarga elétrica. Percebeu a mão dele agarrando seu quadril, o tecido do vestido oferecia pouca proteção contra o calor da mão dele. Sua mente se negava a prestar atenção e se concentrar na sua situação naquele planeta.

O suave balanço da fera gigante que cavalgava a distraia. Bron estava sentado atrás dela, com o peito encostado nas suas costas. Coxas fortes dominavam o animal. Era difícil recuperar o equilíbrio. Bron movimentou os quadris e a puxou para mais perto entre suas

pernas separadas. Consciência a atravessou como um cometa e levou um momento antes que pudesse falar.

— O que está acontecendo?

Como se respondesse, o animal girou a cabeça para ela e mostrou uma língua bem comprida. Aeron saltou para trás, pressionando firmemente o peito de Bron. Ela levantou as pernas para cima em um gesto defensivo. O agarre dele se intensificou, segurando-a mais forte.

— O que é isso?

— Chama-se ceffyl. É inofensivo — Bron assegurou. — O meu irmão Alek os cria. Este é completamente domesticado.

A criatura pareceu sorrir. Era a coisa mais feia que Aeron viu na vida.

Bron puxou a rédea um pouco. A fera deixou de se mover. Aeron ficou tensa. A mão de Bron deslizou por sua cintura. Os pés instáveis aterrissaram no chão e ela tropeçou antes de se equilibrar. Encontrava-se em um caminho vermelho e cinza. Picos da montanha apareciam à distância em uma vista espetacular. Os picos irregulares chegavam até o céu como se fossem talhados a mão. Quanto maior o pico, mais cinza ficava até que todo o vermelho da terra sumia. O ar era denso e logo ela respirou fundo. Não poderia dizer se estavam em um lugar mais alto ou se era a lembrança da mão de Bron na cintura que a deixava fraca. Em qualquer caso, ao menos o enjoo parou um pouco.

— Ei, calma — Bron desmontou. A mão tocou suavemente a parte baixa das costas dela, enquanto ela se inclinava. A terra se

moveu sob ela, que fechou os olhos com força. — Tente segurar um pouco a respiração.

— Onde... Estou? — Ela ofegou.

— Estamos a cerca de um dia de viagem do palácio — Bron falou. — Logo, vamos chegar à minha cabana de caça que fica ao norte. Tudo o que precisamos foi providenciado.

— Não, isso é... — Ela franziu o cenho, tentando reconstruir os últimos acontecimentos. Passou a noite sozinha na tenda. Lembrava de caminhar na névoa. Lembrava dos olhos impressionantes de Bron, seus lábios, o cristal, o som de sua risada, o enjoo. O que estava fazendo agora nas montanhas? Deveria estar ainda no Festival ou na nave se afastando do planeta.

— Isto é um erro. Não posso ficar aqui — Ela o olhava com expressão confusa, afastando-se dele. — Tenho que falar com o rei. Tenho que voltar para o Noivas da Galáxia, oh e para a nave! Perdi a nave da Corporação!

Aeron olhou para o céu, mas viu apenas nuvens. Sem dúvida, sua irmã estava na nave de luxo sem ela. Riona seria estúpida se não o fizesse. Aeron não sabia como sairia do planeta agora. Os arranjos da viagem foram preparados por Riona. O que sabia Aeron sobre fazer negócios com capitães e piratas espaciais? Quem mais poderia dar uma passagem para uma Analista da Federação que abandonou seu posto e provavelmente tinha um mandado de busca em seu nome?

O protocolo da Federação dizia que quando encontrasse uma nave abandonada deveria emitir um aviso. Duvidava que tivesse por

ela uma boa recompensa, não como agente de campo corrupto, mas ela tinha conhecimento intergaláctico. Tinha certeza que poderia consertar sua situação com seus supervisores quando voltasse. Seria uma mancha em seu currículo e não havia muito que explicar, mas em poucos anos sua vida voltaria ao normal. Ou então dispensariam os serviços dela e a exilariam em uma nave.

— Deixou algo para trás? Seja o que for, terá que substituir por outro — Bron fez um gesto para tocá-la e ela se agitou. — Pode fazer isso.

— Fala como se eu fosse ficar aqui com você — Uma forte brisa se aproximou por trás, fazendo seu vestido grudar nas costas, enviando um arrepio por todo seu corpo. Ela levantou o braço para manter afastado o cabelo do rosto.

— Claro que ficará aqui comigo. É minha esposa — Todo corpo do Bron estava tenso.

— Esposa? — Ela balançou a cabeça em negação. — Não. Isso não pode ser.

Sua expressão se atrevia a discordar.

— Fiz um bagunça, não foi? Não precisávamos ter casado. Acha que bebi muito vinho? — Ela franziu o cenho, tentando averiguar a situação mais do que falar com ele. — De qualquer maneira, não acho que seja prudente continuarmos. O melhor é deixar esse assunto totalmente esclarecido agora, em lugar de deixar que se prolongue sem que seja necessário — Aeron voltou sua atenção para ele. — Peço desculpas por não deixar minha posição clara na cerimônia. Não tenho nenhuma desculpa para ter permitido que isso

acontecesse. Mas, agora, estou pensando com clareza e preciso que entenda que não posso ficar aqui, com você, como sua esposa.

— Sinto muito que se sinta assim, mas ir embora não é uma opção — Ele cruzou os braços sobre o peito. — Você é minha esposa, decretado pelos deuses para que assim fosse e...

— Espera — Levantou as mãos, parando-o. Lembranças de uma conversa começaram a aparecer. — Conversamos sobre isso. Disse que se eu finalizasse a cerimônia poderia ir para minha casa. Fiz a minha parte.

Ele imitou a postura tensa dela. Não gostava do seu tom duro.

— Estava falando da minha casa, que é a sua casa — Bron baixou os braços e fez um gesto para o animal. — Agora que você entende claramente que é minha esposa, e que vai viver comigo, podemos discutir sobre o minério ou qualquer coisa que quiser.

— Não quero uma discussão — Ela reclamou.

— Logo chegaremos à cabana. Vamos — Ele virou as costas. — Depois que nos acomodarmos, pode perguntar o que quiser sobre o minério.

— Não — Ela se negou a se mover. Se ele pensava que iria obedecer suas ordens como um soldado do seu exército pessoal, estava muito enganado.

— Aeron — O tom de voz dele suavizou. — Minha senhora, vamos. Não podemos ficar aqui todo o dia. Quero tomar um banho e dormir. Foi uma longa cerimônia e nenhum dos dois está com paciência.

— Não — Ela negou com a cabeça, mantendo os braços cruzados no peito. — Me nego a ir com você. Pode ir sozinho para a cabana, tomar seu banho e dormir. Vou voltar para o palácio. Vou falar com o rei e terminar este casamento. Depois de revelar porque vim a este planeta, tenho certeza de que isso poderá ser feito facilmente.

Um pequeno sorriso levantou o canto dos lábios dele. Bron era muito bonito. O cenho dele franziu.

— Conhece o caminho de volta para o palácio? — Ele ergueu uma sobrancelha em desafio. Agora que olhava atentamente seu comportamento, percebeu que certa arrogância o acompanhava. Fizesse o que fizesse, este homem tinha poder e respeito. O conhecimento a deixou nervosa, como quando tinha que enfrentar um oficial militar da Federação ou um dos diretores da Agência de Inteligência. Odiava repassar seus informes por esta mesma razão.

— Vou voltar — Ela disse, mas sem muita convicção.

— Sem um ceffyl? A pé? Já caminhou pelo deserto?

A expressão dela ficou menos confiante.

— Você... Eu... — Ela vacilou, olhando por todo o terreno áspero, perguntando-se se realmente teria coragem de voltar sozinha. — Isto é um sequestro.

Com isto, ele começou a rir.

— Você concordou em se casar comigo. Não posso sequestrar minha própria esposa.

— Bom, eu sumi — Ela disse. — A minha irmã se colocará em

contato com as autoridades se não voltar logo para o palácio.

Ele parecia completamente indiferente.

— A Corporação Noivas da Galáxia nos asseguraram que seus contratos estavam em ordem. Você assinou um contrato para ser uma noiva e eu a escolhi, você concordou e assim está feito.

Ele estava certo. Riona falsificou o contrato em seu nome para ser uma noiva. Pensou brevemente em denunciar a sua irmã, mas logo, seria difícil provar quando embarcasse. E não importava o frustrante que Riona pudesse ser, Aeron nunca iria colocá-la em problemas com a lei. Riona estava lhe fazendo um favor.

— Não — Aeron falou pesarosamente. — Estou falando da Federação Militar.

— Eles não têm jurisdição aqui — Bron disse como ameaça. Em todo caso parecia um pouco divertido com isso.

— Mas tem sobre mim. Provavelmente alguém virá me buscar, inclusive agora poderiam estar fazendo isso.

— Talvez, mas não podem entrar neste planeta e não acho que irão querer comprometer suas entregas de minério mediante um incidente. Tratamos com a Federação no passado. Nossas negociações sempre foram claras. Precisam muito do que temos para se arriscarem a nos irritar — Ele apontou para frente. — Vamos. A cabana está perto e precisamos comer.

Aeron considerou suas opções, mas ainda não queria segui-lo. Apesar dos seus modos despóticos, ela não tinha medo dele. De fato, se sua noite de paixão fosse um indicativo, ele era muito perigoso

para ela. Apenas pensar neles dois juntos, a fazia querer tocá-lo novamente. Fechou os olhos e respirou fundo. O dano já estava feito.

— Mesmo se voltássemos para o palácio, não haverá outra nave tão cedo — Bron suspirou. — O rei está celebrando o casamento de seus quatro filhos. Ele espera dar uma oportunidade ao nosso casamento, antes de considerar uma dissolução. Você aceitou ser minha esposa, assim cabe a mim cuidar de você.

— Porque o rei se interessa pelo nosso casamento? — Aeron queria saber mais detalhes. Logo, sua mente se encheu de imagens de sexo com Bron, o cristal brilhando e a sensação de estar completamente sob seu feitiço.

— Ele é meu tio — Os olhos de Bron se estreitaram. — Assim, veja, nosso casamento não é tão fácil de ser desfeito. O rei não vai contra a vontade dos deuses, nem meu tio irá contra minha vontade sobre a minha esposa. Temos alguns costumes por uma razão, para nos assegurar que entendemos a vontade dos deuses. Quando o cristal brilha e a mulher remove a máscara do seu noivo livremente, significa sua aceitação, o casal precisa se apresentar diante do Conselho, e quebrar o cristal. Uma vez que o cristal se rompe, a união não pode ser desfeita facilmente.

Um flash de lembrança brilhou em sua memória. Ela franziu o cenho, esfregando a testa. Lembrou-se do rei. Era um homem duro e com pouco humor. De fato...

— O rei me drogou, verdade? Lembro-me do rei fazer algo comigo quando tentei falar com ele.

— É uma planta que cresce no bosque. Quando uma pessoa

cheira uma dose alta do pólen, cai inconsciente. Inclusive as crianças pequenas sabem que não devem colher as plantas amarelas. Não é perigoso em pequenas doses, sempre e quando o inimigo não esteja por perto. O rei apenas queria ajudá-la a relaxar. Você, ah... Mostrou-se de acordo com o casamento com grande entusiasmo.

Aeron lembrou do quanto ficou entusiasmada. Considerando sua situação, não tinha outra opção. O rei a drogou quando tentou falar. O Noivas da Galáxia não tinha motivos para procurar por ela e a Federação provavelmente não a ajudaria, ainda mais quando a advertiram sobre ajudar Qurilixian.

— Muito bem. Irei com você para a cabana, mas só porque não tenho nenhuma escolha neste momento. Esta conversa não terminou — Ela começou a caminhar, não querendo rastejar de volta para cima do grande ceffyl. Apesar da sua intenção de deixar o assunto morrer, não pode evitar acrescentar. — Eu perguntei a você se a máscara poderia ser removida sem que significasse casamento, e você sinalizou que poderia.

— É mesmo possível — Ele afirmou cautelosamente. — Se demorasse muito tempo.

— Então você admite que tentou me enganar para eu remover a sua máscara?

— Eu não a enganei. Você perguntou. Eu respondi. Se a noite houvesse acabado, eu poderia remover a minha máscara com a minha própria mão depois do amanhecer, e nós não precisaríamos nos casar — Ele parou, agarrando o ceffyl pelo chifre e montando lentamente. — Você a tirou. O casamento é um fato Aeron e você é

minha esposa. Este assunto já foi discutido extensivamente. Não vamos mais falar sobre isso.

Aeron franziu o cenho. Considerou correr. Mas para onde? Quem a ajudaria? O rei de Draig a drogou. O Noivas da Galáxia estava em seu caminho de regresso para o porto espacial. Riona, sem dúvida, estava rindo muito do casamento de Aeron com um homem primitivo no meio do nada.

Uma sensação de vazio se formou no estômago. Estava presa. Naquele lugar. Em um planeta primitivo a ponto de ser atacado e com um homem que não a amava, e que ela não sabia como lidar. Eles acabaram de se conhecer. Logicamente, o interesse do homem por ela era puramente de procriação. Ah, melhor ainda, Bron parecia ter a impressão de que poderia impor a ela o que fazer.

— Vou morrer sem ter vivido — Ela sussurrou olhando para o vasto céu. De repente, sentiu inveja da vida despreocupada de Riona e de todos os caprichos que teve desde a infância. Havia muita coisa que ela queria fazer e provar, mas sempre estava assustada para viver realmente qualquer emoção diferente. Logo que encontrou uma caixa de metal da Federação, se escondeu no seu trabalho. — Pensei que teria mais tempo.

Bron olhava para ela, mas ela fingia não perceber. Seus pensamentos não eram para ele de qualquer forma. Ela montou na frente dele novamente.



Bron não gostou de como seu primeiro dia de casado estava progredindo. Sua esposa falava como se tivesse sido tomada contra

sua vontade. Cada vez que abria a boca para falar com ela, sentia-se como se estivesse falando com um empregado. Não, de fato, soava menos duro com os empregados. Simplesmente não conseguia evitar. Ela queria acabar com o casamento e sua primeira reação foi pedir que ficasse. Era um guerreiro, um líder. Estava em sua natureza lutar e mandar.

Observando sua esposa relutante mais atentamente, franziu o cenho. Talvez sua pequena mulher não fosse tão frágil como pensou a princípio. Ela parecia manter sua posição contra ele muito bem. Mas ao ver o olhar vacilante no rosto dela, já não tinha tanta certeza. Ela tinha um aspecto frágil. Será que a machucou? Ele colocou aquela tristeza em seus olhos?

Bron respirou fundo e lentamente. O que sabia dos estados de ânimo de uma mulher? Ele sentiu seu mundo tremer. Não era assim que ele imagina as coisas entre um homem e uma mulher.

Os deuses tinham um plano. Confiava no destino, inclusive quando pareciam rir do seu tormento. Talvez seu cristal estivesse estragado? Rachado? Era uma mensagem dos deuses de que foi mau em alguma coisa?

Porque não aceitar seu destino? Bron queria acreditar que os deuses não teriam motivado essa união se não estivesse destinado a acontecer. Ele poderia ter duvidado ao longo dos anos, mas agora não era mais assim. A história do seu povo trazia à memória todas as tradições.

E, no entanto, um pequeno medo sussurrou no fundo da sua mente. E se os deuses não o abençoaram? E se foi amaldiçoado? E se apenas enviaram Aeron para que ele renunciasse e não fosse mais

as cerimônias e vivesse sua vida derrotado? Enviaram-na para romper o cristal e logo deixá-lo? À medida que o medo crescia, sentia vontade de tentar convencê-la com mais força. Era sua única oportunidade de ser feliz, o casamento, as crianças, o amor. Tinha que encontrar uma maneira de satisfazê-la, sempre e quando não compromettesse sua honra.

Ele viu a cabana ao norte. Este era um começo. Teriam algum tempo sozinhos para solucionar tudo isso.

Por desgraça, não havia muito na tradição de Qurilixian sobre como reestabelecer a honra depois de um lapso.

Lapso? Seu fracasso como marido era mais do que um mero lapso. Era uma catástrofe. Ele possuiu sua esposa antes da cerimônia ser concluída. O que deveria ser um momento de descoberta se transformou em um... Bem, se transformou em algo puramente fantástico e totalmente satisfatório no sentido físico. Em qualquer caso, o êxtase físico não desculpava seu comportamento. A razão pela qual existia a tradição era para que não perdesse sua honra, para começar.

Bron estava inconsolável. Como poderia um fracasso ser tão doce? Daria qualquer coisa para tocá-la novamente, beijá-la. Talvez esse fosse seu castigo. Foi fraco na noite que mais importava. Agora deveria ser forte até os deuses o perdoarem por sua debilidade, ainda que levasse meses, anos, toda a vida. Não importava o muito que a queria, não importava a tentação, Bron não faria amor com sua esposa até que sua honra fosse restabelecida.



Aeron não queria nada além de agarrar seu marido e arrastá-lo para o chão rochoso próximo ao caminho estreito para ter seu tempo com ele. Queria sentir aquela plenitude novamente. Queria beijá-lo, tocá-lo e rasgar suas roupas. Refreou-se, mas isso não impedia os pensamentos circularem por seu cérebro. Agora que conhecia o prazer que poderia encontrar, queria novamente e, novamente. Doce tentação. Queria muito mais.

O dano estava feito. Seu destino estava selado. Que sentido havia em resistir ao que queria fazer com ele? E o que ela queria era o prazer. Ela queria o coração acelerado, a respiração ofegante, e o corpo pronto para explodir. Oh, e as mãos dele, ela queria sentir aquelas mãos em sua pele. Sentia-se hipnotizada por sua força.

Um declive íngreme a forçou a inclinar sobre o ceffyl, que acelerou a velocidade. Bron ordenou que se segurasse forte no chifre enquanto ele mudava para sua forma de dragão e saltava adiante. A mudança deveria tê-la assustado, mas não foi assim. Ela ainda lembrava muito bem da poderosa sensação dele se movendo entre suas coxas.

Bron assobiou uma vez e o ceffyl começou a se mover com destreza apesar do grande tamanho. Ela segurou a respiração e fechou os olhos enquanto corriam. Só quando o chão se nivelou que ela abriu os olhos novamente.

Uma grande cabana situava-se no topo do precipício. As paredes eram construídas com blocos de pedra cinza e cobertas com um teto plano. Um caminho de terra conduzia para o jardim. Diferente da floresta do palácio, as árvores ali eram menores, quase como salgueiros. Atrás dela, havia apenas um caminho. A partir

deste ponto, seria fácil para Bron vê-la se decidisse voltar sozinha para o palácio. No entanto, inclusive sem vê-la fugir, imaginou que Bron seria capaz de localizá-la facilmente. Este era seu mundo, depois de tudo.

No momento estava muito cansada para sequer pensar em sair correndo. Deixando de lado o chifre do ceffyl, desmontou cuidadosamente e se afastou do animal. A fera a ignorou, mais interessada na grama azulada. Passou a língua pelas folhas antes de levá-las para a boca, mastigando com um suave ruído.

Aeron se aproximou da cabana. As paredes de pedra foram cortadas com precisão. Uma única tabua de madeira formava a porta. O mais provável era que fosse parte de uma grande árvore das montanhas. Bron chegou por cima da sua cabeça e colocou a mão sobre a pedra central. Segundos mais tarde, abriu a porta.

Aeron observava ao passar, mas não notava nada. Dentro estava escuro, a iluminação entrava pela janela estreita. Bron girou um espelho retangular em uma coluna alta. A luz refletiu sobre outro espelho estrategicamente colocado mais alto na parede e encheu imediatamente o interior com luz. A entrada conduzia a uma sala grande com três entradas arqueadas. As paredes e o chão eram de pedra, construídas com a mesma precisão do exterior. Não tinha muita decoração. Havia uma grande lareira estéril no centro da sala. Uma cúpula alta rodeava o teto até uma coluna alta para filtrar a fumaça. Uma sombra se projetava do teto enquanto Bron caminhava diante do espelho. Aeron o olhou antes de continuar explorando. Sofás rodeavam a lareira. As bases combinavam, pedra e madeira. Uma longa mesa de pedra polida situava-se do outro lado da sala, grande o suficiente para doze pessoas. Bancos ovais combinavam

com os demais moveis.

— Banheiro — Bron apontou para uma porta próxima. — A cozinha está do lado esquerdo e a outra porta leva aos quartos. Esta cabana geralmente é usada para caça, há doze quartos. Pode escolher qualquer um, mas recomendo o do final do corredor. É o maior e mais confortável.

— É onde dorme? — Aeron foi incapaz de evitar um pequeno sorriso.

— Vou ficar em outro quarto — Bron afirmou.

Ela franziu o cenho.

— Por quê? Não vejo nenhuma lógica nisso. Não importa como esta situação vai terminar, mas já ficamos íntimos. Não vejo razão para mudar enquanto estamos juntos.

O homem na realidade pareceu surpreso com a proposta. Perguntou-se se deveria sentir vergonha, mas não via motivos para fingir. Ela se limitou a afirmar uma conclusão lógica da relação deles. O dano já estava feito. Sentiram prazer juntos. Não é como se pudesse ficar grávida. A Federação era muito exigente com isso e vacinava todas as mulheres e ela tomou a sua mesmo não tendo necessidade disso.

— Se não tem certeza do nosso casamento, então será melhor não ficarmos juntos.

— Se quer permanecer casado comigo, deve me achar atraente. Algo mudou? — Ela o olhou fixamente. — Acho você muito bonito. O prazer físico não tem que vir com complicações. Sou capaz de

separar tudo na minha mente. Acho que você poderia chegar a mesma conclusão e avaliar com cuidado.

Na realidade ele parecia sem fala.

— Não é como se você nunca esteve com uma mulher antes de mim — Aeron lançou um olhar penetrante. Ele não se moveu. — Como eu imaginava. Nossos objetivos são diferentes. Eu não esperava um homem assim — Ela tentava pensar em uma maneira direta de dizer sobre sua atração sexual e o corpo dele que era um afrodisíaco natural. Ao invés disso, comentou. — Um homem sem uma mulher por perto, quero dizer.

— Não fico com uma mulher desde a minha primeira cerimônia — Ele disse, e parou com um olhar magoado. — Não vejo como esta conversa ajude na nossa situação atual. Agora que estamos casados, não quero outra mulher.

— Genial, então admite que me quer. Então podemos ficar no mesmo quarto? Não? Talvez esteja sendo teimoso de propósito — Aeron descobriu que gostava dele sem palavras. Suspirou quando disse. — Bom, pense nisso. Um quarto no final do corredor está bem para mim — Ela começou a andar. — Há algum simulador de comida? Estou morrendo de fome.

— Não. Não precisamos de um — Bron respondeu. — A despensa deve estar cheia.

— Vou olhar. Já li sobre cozinhar — Aeron nunca usou suas habilidades na cozinha, mas cada vez que tinha tempo sobrando, gostava de aprender coisas novas. — Não posso garantir o resultado, mas acho que posso fazer algo bom.

— Eu ajudarei — Bron a seguiu, quase com entusiasmo, como se estivesse tentando falar de algo que não fosse sexo. Ela achou sua reação curiosa, considerando o fato do povo dele ser primitivo.

— Preciso de ajuda com o fogo, pois nunca precisei usar.

Bron acendeu o forno de pedra na parede. Havia varias panelas de metal. O suave som da água nas panelas a fazia relaxar.

O problema com os arquivos é que na prática era muito mais complicado de aplicar. Aeron sabia como cortar carne, mas o processo realizado por Bron era muito mais complexo do que previu. Por sorte, Bron sabia como temperar a carne, do contrário a teria perdido. Cozinhar era uma arte estranha, os arquivos apenas falavam das possibilidades. Cada planeta tinha ervas e espécies únicas, com diversos sabores. Sem instruções específicas da cozinha local, tudo se tornava uma prova com acertos e erros, a maioria por instinto. Apesar dos desafios, gostou do processo criativo.

— Está procurando algo? — Bron perguntou da porta. Tinha o cabelo molhado e penteado para trás do rosto. Trocou de roupa. A calça era folgada e a camisa mais leve. Aeron se encontrou olhando para os quadris dele, tentando ver o que havia embaixo. — Minha senhora?

— Ah! — Aeron olhou para a comida. — Onde encontro cenoura? Acho que tinha no palácio.

Bron se aproximou de um arco. Passou a mão por um sensor. Estava oculto na parede, completamente imperceptível e outra pessoa não saberia onde procurar. A parede se abriu e ele tirou duas cenouras picadas. Sem esperar, pegou a carne e levou para a mesa.

Aeron o seguiu. Havia copos de vinho na mesa. Sentiu o cheiro do sabonete e olhou seu cabelo molhado enquanto se sentava.

— Está cabana tem uma banheira?

— Sim.

Ela olhou seu vestido. Era o mesmo da cerimônia na qual quebrou o cristal. Ela ficou sentada em um ceffyl durante muito tempo. Não estava mais tão limpo. Começou a se sentir insegura.

— Depois de comer, mostro a você — Bron ofereceu.

— Obrigada — Agradeceu e pegou os talheres. Observou-o enquanto comia um pedaço de carne.

No mesmo instante, um sorriso de surpresa cruzou o rosto masculino.

— Você tem um talento especial para a cozinha — Rapidamente ele comeu mais, mastigando e assentindo com a cabeça em sinal de aprovação.

Aeron sorriu feliz com o elogio. Ela começou a comer. Achou que o gosto da comida era melhor do que qualquer coisa que um simulador pudesse disponibilizar.

— Você é uma boa esposa — Bron continuou. — Terei prazer em apresentá-la aos meus irmãos.

O sorriso dela sumiu. O homem não parecia escutá-la em absoluto, ou era muito teimoso para admitir a derrota. Quantas vezes e de quantas maneiras precisava dizer que não seria sua esposa? Quanto mais confusa ficava sua situação mais vontade

sentia de retornar para sua nave de metal da Federação. Inclusive enquanto pensava, sabia que também ansiava por aventura. Desejos opostos lutavam dentro dela.

Aeron comeu em silêncio. Depois sugeriu.

— Gostaria de tomar um banho agora e talvez dormir.

— Claro — Bron ficou de pé e indicou que o seguisse até a porta do banheiro. — Por aqui, minha senhora.

Bron tentou não pensar na sua esposa enquanto ela tomava banho na grande banheira, seu corpo nu e molhado, o sabonete percorrendo seu corpo macio. Tentou não pensar nisso, mas todo seu corpo se concentrava nos sons provenientes do banheiro. A água caía agitada. As mãos dela roçavam a pele. Ouvia o sabonete deslizar facilitando o caminho. A continuação, um leve gemido, um suspiro relaxado e logo o processo de sedução começou novamente.

Ficou olhando para a porta do banheiro, capaz de ver cada detalhe da madeira esculpida. Sua mão levantou e apertou a madeira. Bron acariciou a superfície dura, passando o dedo pela borda. Ela era sua esposa. Queria tocá-la. Captou seu cheiro, o cheiro de mulher misturado com água e sabonete. Por todos os deuses, queria desesperadamente tocá-la. E, no entanto, não poderia. Até ter certeza que expiou seus pecados.

Talvez levá-la para a cabana tenha sido um erro. Entretanto, que outra coisa poderia fazer? Foram ordens do rei. No entanto, ali, sozinho com ela, ouvia o som do que poderia interpretar como mãos cheias de sabonete deslizando por seu corpo. A fera dentro dele rugiu, queria abrir a porta e deixar o instinto liderar o caminho. As

palavras dela encheram sua mente. Ela o queria no sentido físico. Descobrir seu desejo, ouvir suas palavras, quase o levou a loucura sexual.

Ela era dele. Só dele. E Bron não queria mais do que reclamá-la. Seu coração batia com tanta força, que bloqueava os demais sentidos. Respirava com dificuldade. O suor escorria por sua testa. Todo seu interior estremeceu, ameaçando uma mudança.

Sabendo que tinha que colocar distância entre eles ou correr o risco de outra desgraça para sua honra, ele se afastou da porta e praticamente saiu correndo. O ceffyl levantou a cabeça e olhou com cautela o estado selvagem dos olhos de Bron.

Bron correu para as árvores, deixando a mudança agir mais rápido e transformar mais seu corpo. O desejo sexual dentro dele se acalmou, mas, a necessidade não desapareceu por completo. Apenas se enterrou sob a transformação física. Afortunadamente, os Draig não tomavam suas mulheres na forma dragão. O fato o fez respirar e aliviar um pouco a dor no estômago.

O coração estava em um ritmo forte e constante. Era consciente de tudo ao redor. Cada som e cheiro enchia sua mente, desde o menor inseto até os pássaros nos picos mais altos. Os picos das montanhas rodeavam o vale, passando pelas árvores altas. Se corresse costa acima, encontraria algumas criaturas perigosas perambulando. Por raras vezes foi capaz de desfrutar de tal liberdade pura. Neste momento, não era nada mais do que um homem sem a carga do seu título e dever, longe dos olhares indiscretos do seu povo e a ameaça de seus inimigos.

O prazer o levou a correr mais rápido. Neste momento, tudo

estava como deveria ser. Conectava-se com tudo a sua volta. O bosque o entendia. Conhecia seu corpo, seus limites e se abriu a eles. Os músculos queimaram. Seu coração acelerou. Sua mente limpou todos os pensamentos, exceto um. Aeron.

Capítulo Sete

Ele se foi.

Aeron não sabia o que fazer com o abandono. Não queria pensar nisso enquanto saía do banheiro e procurava uma cama. Assumiu que Bron dormiria em outro quarto.

Quando a manhã seguinte chegou, ao menos ela achava que era a manhã seguinte, já que não tinha certeza pelo fluxo constante de luz que vinha de fora, Bron continuava desaparecido. Depois de preparar algo para comer, verificou os quartos. Estavam todos vazios.

O ceffyl continuava na frente da casa e ao que parecia, completamente indiferente a nada além da sua própria vida. A grande floresta ao redor a deixava nervosa. Olhou para fora da cabana, tomando cuidado de manter os olhos na floresta.

— Bron — Ela sussurrou. Se atreveria a dizer o nome dele mais forte? E se alguém estivesse na floresta? E se fossem até ela? E se um animal faminto a atacasse?

Aeron fechou os olhos, lembrando de alguns arquivos. Havia indicações de feras perigosas nativas no planeta. Se um ceffyl era considerado manso, então ela nem imaginava como uma criatura selvagem seria.

— Bron? — Desta vez, ela falou um pouco mais forte. Não houve resposta.

Aeron olhou para o chão da floresta, tentando encontrar

alguma pista de onde ele poderia ter ido. As folhas murchas e troncos caídos, se misturavam com pequenas plantas cinzentas e amarelas. Rochas cobertas de musgo sobressaíam de alguns poucos lugares. Nada indicava a passagem de Bron e ela não sabia por onde procurar.

— Vamos Bron — Sussurrou com um medo crescente. — Eu não estou acostumada a andar pelo campo. Não me deixe aqui sozinha. Não sei o que fazer.

Aeron procurou pelo precipício, estreitando os olhos para ver entre as montanhas. No entanto, não via nada. Voltando para a cabana, tentou esperar, sempre olhando pela janela estreita. A saia do vestido se enroscava ao redor de suas pernas e ela a puxou irritada. Era o mesmo vestido da noite anterior. Sem outra roupa, não tinha outra opção a não ser usar o mesmo. Minutos se passaram e se transformaram em horas e cada segundo deixava seu estômago mais doente. Aeron caminhava pela casa sem esperança de Bron voltar, e procurá-lo estava se tornando a única opção. Ela se veria obrigada a enfrentar a montanha sozinha. A luz se projetava ao redor. Pelo menos não escurecia.

Isso não estava acontecendo com ela. A presença do Bron era calmante, mesmo arrogante como ele era. Agora, sem ele ao seu lado, sentia todo o terreno aberto.

— É como uma nave — A sala tinha realmente paredes que davam a impressão do metal. — Aqui nada pode me machucar. A equipe ativou os protocolos de segurança — Era mentira, mas a fez se sentir um pouco melhor. Aeron deu outra volta na cabana, tentando encontrar pistas de Bron. Colocou uma bolsa improvisada

com comida no ombro e saiu. Olhou para o ceffyl. — Nada pode me machucar.

Ela deu um passo para o ceffyl. Ele virou a cabeça e a encarou. Uma longa língua deslizou para fora e se moveu pelo ar durante vários segundos. Pouco a pouco, ela segurou em seu chifre e puxou. Não adiantou. Repetiu novamente, com mais força, como Bron fez. Uma vez mais ele não se moveu.

— Muito bem — Ela grunhiu. — Fique aqui. Vou procurar o palácio e buscar ajuda sozinha e andando.

Olhou o precipício na parte superior no caminho da montanha. O vestido que usava oferecia pouca proteção contra as rochas. Ela pensou em pegar uma roupa masculina que encontrou na casa, mas não se atrevia sem a permissão do Bron. O vestido serviria. Uma pedra raspou a parte posterior da panturrilha e coxa, provocando uma aguda pontada que irradiou ao longo da perna. Esta missão de resgate não começava bem.

Antes que pudesse caminhar pela montanha, ouviu o som de cascos. Deu a volta para ver o ceffyl de pé atrás dela, olhando-a como se esperasse que ela fizesse alguma coisa.

— Oh, agora que você vem — Ela repreendeu o animal, que levantou a cabeça e deslizou a língua para fora. Secretamente, se alegrou. Sem dúvida, uma coisa tão feia afugentaria outras criaturas feias. Aeron concentrou sua atenção à frente. — Bom, vamos então, horroroso. Temos um longo caminho pela frente.



Nada. Ninguém.

Aeron continuou caminhando, inclusive já estando bastante cansada. O ceffyl a seguia, parava quando ela parava, movia-se quando ela se movia, olhava para ela com olhos répteis gigantes, enquanto comia folhas do chão. Ela afastou a mão novamente quando a longa língua se moveu para fora. Logo descobriu que ele colocava tudo na boca, inclusive pequenas rochas.

De repente ouviu um gemido. O som era quase de dor. Correu para frente, havia uma pequena inclinação logo à frente. Bron? Soava como a voz de um homem. O que estava fazendo naquele caminho...?

— Oh, ah! — Aeron ficou sem fôlego pela surpresa. Um casal estava no caminho, à vista de todos, encenando o que apenas podia ser descrito como muito inapropriado, um abraço íntimo e privado. A mulher estava parcialmente escondida da vista, mas estava claro pelo movimento do braço que acariciava intimamente seu companheiro. A posição do homem não era muito melhor. Tinha a mão no traseiro da mulher enquanto subia sua saia. Com sua intrusão o casal deixou de se beijar e olharam um para o outro. Levaram um tempo para perceberem Aeron. Ela pensou em correr, sem saber o que fazer com a presença de estranhos em um planeta estranho. No entanto, quando estava a ponto de fazer uma escapada sutil, a mulher virou-se completamente. Tinha o cabelo loiro e vermelho nas extremidades, olhos castanhos profundamente comovedores. Aeron a reconheceu da nave do Noivas da Galáxia como Kendall Haven.

Nervosa por ser pega olhando e, no entanto incapaz de fugir ao primeiro sinal, ela murmurou: — Eu... desculpe-me, vou...

Kendall não estava muito desconcertada, mas o homem Draig estava olhando-a como se quisesse atacá-la pela interrupção. Kendall observou o rosto do seu amante antes de olhar para a própria mão que ainda descansava na ereção dele. Ela ficou vermelha e se afastou para arrumar as roupas. O homem parecia hesitante ao deixar Kendall se afastar. As mãos dele eram muito mais lentas. Kendall passou as mãos sobre o corpo para se assegurar que estava coberto.

Aeron se esforçou para olhar para baixo e para todos os lados. Era um gesto sem sentido, já que tinha visto o que eles estavam fazendo.

— Não era minha intenção atrapalhar — Aeron recuperou a fala. Talvez se ignorasse o que viu e não mencionasse, eles também não o fariam. — Estou caminhando há muito tempo.

— Quem é você? — O homem perguntou. — O que esta fazendo com este ceffyl?

Aeron olhou para trás para o animal. O ceffyl a alcançou apenas para caminhar até o outro animal próximo ao casal. O ceffyl do Bron era menor, ele baixou a cabeça e se aproximou do maior. As duas criaturas horríveis começaram a roçar os chifres.

— Ele me seguiu — Aeron quase olhou com exasperação para Kendall para pedir ajuda. Ela não era amiga da mulher, mas era bem vinda se comparada com o rosto duro do homem.

— Alek, esta é Aeron. Ela estava na nave do Noivas da Galáxia comigo — Kendall explicou finalmente.

— Aeron Grey — Aeron acrescentou.

— O que está fazendo aqui, Aeron Grey? — Alek perguntou.

Aeron fez um gesto de impotência. Teve tempo de sobra durante toda a manhã para se preocupar com Bron. Não pensava em viver feliz para sempre com ele, mas isso não queria dizer que o queria morto.

— Não sei.

— Onde está o seu marido? — Alek deu um passo para ela.

— Não estou realmente casada. Quer dizer, estou, mas não estou. É difícil de explicar — Aeron tentou se justificar.

Alek avançou e olhou de lado para Kendall.

— Esta pode ser uma complicação muito comum.

Kendall olhou para o chão e andou para longe dele até Aeron.

— O que aconteceu, Aeron?

— Não sei, Kendall. Aconteceu a cerimônia e logo depois o rei me drogou com essa coisa de pólen amarelo e então ele me trouxe aqui, dando a volta pela montanha até a cabana dele. Tomei um banho, fui dormir e acordei sozinha.

Alek estava com ela em um instante.

— A cabana da montanha? O que aconteceu? Onde está seu marido?

— Eu... — Aeron tentou automaticamente se afastar do homem. Os olhos escuros se estreitaram sobre ela. Alek agarrou seu braço e a puxou para frente. Os dedos cravaram na carne dela. —

Eu não sei.

— O que você fez? — Alek perguntou dando uma pequena sacudida.

— Eu não fiz nada — Ela gritou. — Eu acordei e ele não estava na cabana.

— Quem?

— O meu marido — Aeron tentava desesperadamente soltar o braço. Não servia de nada. Quanto mais se esticava mais apertado o controle ficava. Olhou para Kendall para pedir ajuda, mas a mulher não se movia. Em troca, Kendall olhou para Alek com um olhar estranho. — Eu esperei durante horas, a maior parte do dia, mas acho que ele saiu na noite anterior e não voltou. Não disse para onde ia. Tentei encontrá-lo, mas é como se tivesse sido arrebatado. Nem sequer pude encontrar suas pegadas.

— Quem é seu marido? — Alek exigiu.

Aeron pensava que Bron era prepotente em seus modos. Este homem era exasperante. Apenas o medo impediu Aeron de discutir.

— B-Bron — ela gaguejou. — Ele é o ...

— Eu sei quem ele é — Alek respondeu. Soltou o braço de Aeron. Ela esfregou automaticamente. Ele se virou para Kendall. — Temos que ir para a cabana. Bron não a teria deixado sozinha. Não por muito tempo. Algo deve ter acontecido — Ele olhou com receio para Aeron. — Ou ela fez algo.

Definitivamente havia uma diferença quando ele olhava para Kendall. Para Kendall seu olhar se suavizava e sua voz soava rouca.

— Eu... — Aeron começou. O frio olhar desconfiado do Alek a impediu de terminar.

— Vamos para a cabana agora — Alek ordenou.

Kendall franziu o cenho.

— E a sua casa? Íamos...

— A nossa casa vai ter que esperar — Alek interrompeu. — Pegue o ceffyl.

Alek forçou o ceffyl a um ritmo rápido. Aeron pensou se poderia protestar. Cada que vez que o homem olhava em sua direção, tinha um olhar assassino. Certamente ela não deveria nem abrir a boca. Kendall cavalgava atrás dele na fera maior. Sua expressão parecia preocupada, Aeron apenas não sabia por quê.

— Kendall, você viu a minha irmã? — Aeron levou uma boa parte do caminho para ter coragem de perguntar. Alek ficou tenso, mas não disse nada. — Ela deve ter voltado para a nave se não encontrou um marido, mas não tive a oportunidade de dizer adeus.

— A Riona? — Confirmou Kendall. Aeron assentiu. — Não, eu apenas a vi no banquete. Sinto muito. Eu não sei de nada.

Aeron assentiu novamente, decepcionada, mas não surpresa.

Avistou a cabana. Desta vez sabia o que esperar, agarrou com força o chifre e fechou os olhos. Aeron deixou cair a sacola com comida no chão e foi para a porta.

— Vou ver se ele voltou.

Alek levantou a cabeça e respirou profundamente.

— Não, ele não está aqui — O homem respirou novamente. Os olhos estavam amarelos. — Detecto seu cheiro no bosque, mas é fraco e já se passaram várias horas.

— Pode dizer isso apenas pelo cheiro? — Kendall perguntou surpresa.

Alek assentiu.

— Entre. Fiquem aqui, juntas. Não saiam da cabana. Vou buscar o meu irmão.

Alek se moveu, o corpo endurecendo quando seus olhos se dirigiram para o bosque na montanha. A forma de dragão se apoderou dele, garras saiam de seus dedos e uma cresta dura em sua testa. Ele lançou-se para frente, desaparecendo entre as árvores.

— Não tenha medo — Disse Kendall. — Os arquivos do Noivas da Galáxia eram incompletos. Estes homens são shifters.

Aeron assentiu.

— Eu sei. Bron me mostrou — Então, pensado em como e quando Bron lhe mostrou, rapidamente voltou-se para a cabana. — Meu olhar preocupado era por pensar no que faremos se Alek também não voltar.

Kendall pareceu surpresa e vacilou enquanto olhava para o bosque.

— A minha preocupação é tola, Kendall. Tenho certeza que Alek voltará. Parece muito encantado com você.

Aeron esboçou um sorriso que não sentia, tentando confortá-la. Uma onda de vergonha se apoderou dela ante a ideia de abandonar Bron. Ela insistiu que não deveriam se casar. E se ele simplesmente a ouviu e se foi? Agora, Alek estava correndo pelo bosque, preocupado com o irmão. Engoliu saliva com nervosismo.

— Estou contente por alguém mais o estar procurando. Eu não sabia o que fazer. Não sei nada sobre estes bosques e muito menos sobre rastreamento. Nem sequer sabia como voltar para o palácio. Eu estava tentando adivinhar.

Aeron sentia-se impotente, preocupada e envergonhada. Ofereceu-se para Bron e ele a rejeitou. Agora que Kendall e Alek estavam ajudando, ela tinha tempo para pensar no que aconteceu. O quanto a sua vida mudou em tão pouco tempo.

Ela abriu caminho para a cabana, acendeu a luz como Bron mostrou. Sem se incomodar em perguntar se Kendall estava com fome, Aeron foi para a cozinha e começou a prepara a comida. Manteve as mãos ocupadas, estava desesperadamente tentando prepara algo. Além disso, cozinhar obrigava seu cérebro a se concentrar.

Kendall a seguiu, observando.

— Você disse que não está realmente casada? Se não queria se casar porque estava na nave?

— É uma longa historia — Aeron contestou. Que grande agente de campo ela era! Estava tentando salvar um planeta e até agora a única coisa que conseguiu foi encontrar um marido que não queria. Bom, ela queria, mas não podia, não tinha certeza de querer passar

o resto da vida em um planeta primitivo recebendo ordens. — E você? Parecia muito satisfeita com seu marido, mas ele parecia duvidoso dos seus planos como esposa.

— É uma longa historia — Kendall disfarçou também.

— Grande resposta — Aeron soltou uma gargalhada..

— Alek tem seu apelo — Explicou Kendall. — E ele me fez um grande favor, o que me deixou em dívida com ele, mas tenho um assunto familiar que requer a minha atenção.

— Ele quer que você fique, verdade?

— Não sei — Kendall fez um gesto de impotência.

— Bron tem seu apelo também — Aeron confidenciou. — Quando não está falando comigo como se eu fosse empregada dele.

— Deve ser uma característica de família — Kendall sorriu irônica. — Posso ajudar em algo?

Aeron deu algumas instruções básicas antes de continuar a conversa. Kendall cortou os pedaços de carne em tiras, enquanto Aeron fervia a água. Falaram da nave, das outras noivas e o compararam os estranhos machos deste planeta com outros que conheciam.

— Cresci em um posto de combustível — Kendall cortou um pedaço de carne e iniciou outro corte. — Estou acostumada a uma grande variedade de espécies, não apenas com os grandes espaços abertos.

— Eu trabalho em uma nave de metal — Aeron deixou cair as

verduras na água fervendo, apenas afastando as mãos quando chegou perto. — Não estou acostumada com espaços abertos. De fato, não estou acostumada com conversas que não sejam por um aparelho comunicador.

— Então, porque estava na nave do Noivas da Galáxia?

— Realmente é uma longa história. Que resultou em me unir a minha irmã e vir para este planeta — Aeron parou e soltou uma pequena risada. — A minha irmã cuidou da viagem. Ela é pouco convencional quando se trata dessas coisas. Para dizer a verdade, é pouco convencional quando se trata da maioria das coisas — Aeron percebeu que estava olhando para a porta. Afastou os olhos imediatamente.

— Eu diria que a carne está boa, Aeron, mas não tenho como saber se é verdade.

— Vou mostrar como cozinhar a carne — Aeron pegou a carne e se dirigiu para o fogo. Depois falou. — Obrigada pela conversa. Sinceramente, não sei por que estou preocupada. Este é o planeta dele. É provável que Bron apenas perdeu a noção do tempo e se distraiu com algo importante.

— Tenho certeza que foi isso que aconteceu — Kendall confirmou, embora não parecesse muito convencida. Logo, enrugando o nariz, perguntou: — Está carne cheira assim mesmo?

Capítulo Oito

Bron ficou tenso contra as amarras. Não tinha certeza de quem o capturou, mas havia uma resposta lógica. A Casa de Var. O rei Attor e seu povo gato eram inimigos dignos. Eram poderosos, governavam a metade do planeta.

Muitos, como o pai de Bron antes de morrer, enfrentaram várias guerras contra os shifters gatos. As guerras eram terríveis, duravam às vezes cinquenta ou cem anos, com muitas mortes e raramente com qualquer progresso ou vitória clara, apenas uma trégua enquanto cada lado repunha seus guerreiros e se concentrava na reconstrução da sua população.

Bron pensava frequentemente que poderia acontecer algo que desencadeasse outra guerra. Avaliando aquela cela solitária, percebeu que era o momento perfeito para os Var. Sete dos oitos nobres encontraram noivas. O casamento levava a filhos, filhos se convertiam em poder e assim nasceriam as próximas gerações de guerreiros. A melhor maneira de parar uma antiga batalha era assegurar que o inimigo não tivesse gerações futuras para conduzir ou lutar. No entanto, inclusive enquanto lutava contra suas amarras, não deixava de sentir que sua captura era muito estranha para um homem como o rei Attor, que era da antiga escola guerreira. Não era próprio dele capturar alguém de alta posição e ignorá-lo. Se Attor o capturasse, iria querer que todos soubessem. A menos que tivesse outras razões para manter a prisão de Bron em segredo.

Ou no mínimo, o rei de Var só queria que Bron soubesse que poderia superá-lo e o abandonou no calabouço. O fato de Attor não

ter aparecido, significava que seus captores ainda apareceriam. Eles não o deixariam morrer de fome, sozinho, deixando sua família se perguntar o que aconteceu com ele. Esta não era forma como os Var se comportavam. E quem se atreveria a fazer isso?

Bron franziu o cenho, tentando com renovada força se soltar. Algemas se chocavam contra o chão de metal e a parede. E se roubaram a sua esposa? Poderia ser o castigo adequado dos deuses por sua desonra na cerimônia, ao permitir a consumação do seu casamento antes da hora. E se alguém queria Aeron para si? Que melhor maneira de reclamá-la, do que impedindo que consumassem o casamento?

O que Aeron deveria estar pensando dele? Ninguém iria ajudá-los. Ela não conhecia seu planeta. Inclusive se estivesse a salvo, estava sozinha no meio da montanha de Qurilixen. Poderiam se passar meses antes que seus irmãos o procurassem, principalmente se o rei ordenou que fosse para o norte. Bron começou a gritar, rugir de frustração enquanto apoiava os pés na parede e empurrava. O método não funcionou até agora, nem conseguiu abrir as algemas com sua garra, mas isso não o impediria. Tinha que fazer algo. Tinha que tentar voltar para sua esposa e assegurar a segurança dela.

— Bron?

Bron ficou quieto, escutando seu nome.

— Alek? É você? Os Var o capturaram também? Está machucado?

Sua resposta foi um sonoro golpe e depois algo raspando.

Passaram-se vários minutos, mas finalmente os dedos de Alek apareceram atrás da porta de metal grossa. Ele gemeu com força, rompendo a porta do lugar onde seu irmão estava preso.

— Não vi os Var, mas isso não quer dizer que não estão perto. Havia pedras contra a porta. Alguém não queria que o encontrasse.

— Ajude-me com as algemas — Bron pediu. Ambos utilizaram muita força para puxá-las da parede. Deram um forte puxão e finalmente as algemas se soltaram da pedra. Bron lançou as correntes por cima do ombro, já que os punhos continuavam presos. — Como me encontrou?

— A sua esposa — Alek disse, e deslizou pela porta quebrada e passou pelas pedras.

— Aeron está bem?

— Eu a encontrei tentando ir para o palácio no ceffyl — Alek fez uma pausa, respirando profundamente para olhar ao redor. — Ela está a salvo.

Bron, percebendo que não estavam em posição para conversar sobre qualquer coisa, além do seu resgate. Decidiu não insistir no assunto da sua esposa. Ela estava bem. Era tudo o que precisava saber no momento. A tensão percorreu cada músculo do seu corpo. Não detectou ninguém por perto. Fora da prisão havia um túnel escuro com luz apenas acima. Não percebeu a iluminação fraca da sua cela até que viu a luz brilhante. Seus olhos se adaptaram facilmente com a escuridão, mas agora doía ao se acostumar com a luz. Seguiu Alek, guardando suas costas.

— Cuidado — Bron advertiu. — Os inimigos conseguem

disfarçar seu cheiro. Não senti nenhum. Estava correndo e de repente me encontrei na masmorra, como se apenas um segundo houvesse se passado.

— Como não pôde detectar sua imundice? Sua esposa embotou tanto seus pensamentos? — Alek perguntou em um tom duro, abrindo caminho para a luz.

O bosque apareceu. Reconheceu o cheiro da montanha no mesmo instante, mas não o percebia sob a terra. O bosque vivia, cheio de pássaros.

— Como os Var descobriram este lugar? Estivemos em todas as partes da montanha e nunca ouvimos falar de prisões subterrâneas.

— É uma herança das antigas guerras — Alek olhou ao redor. — Certamente os nossos inimigos não esperavam que alguém o encontrasse. Acho que eles iriam deixá-lo apodrecer ali — Alek lhe lançou um olhar significativo. — Alegro-me que os deuses tenham outros planos para você.

— Devo uma a você, meu irmão — Bron tinha uma nota de agradecimento na voz.

Alek assentiu a cabeça.

— Foi sua esposa quem me alertou. Acho que fui um pouco duro com ela.

Se Alek estava preocupado, era possível que tivesse sido totalmente desagradável. No entanto, Bron entendia bem, e estava muito grato pela ajuda para se queixar.

— Eu me ocuparei dela depois. Vou fazê-la entender.

— Pode correr? Deixei nossas esposas desprotegidas na sua cabana para vir procurá-lo.

Bron respondeu liderando o caminho com velocidade. As grossas algemas batiam contra suas costas, mas o metal não machucava sua pele mudada. O som dos passos de Alek se uniu ao seu e não mais conversaram enquanto abriam caminho de volta para a cabana.



Aeron não conseguia comer enquanto olhava para a porta da cabana. Kendall tentou preencher o silêncio com uma conversa. Falaram sobre a nave do Noivas da Galáxia e a casa de Kendall. Aeron tinha a impressão de que havia uma grande história ali. Quando perguntou por que Kendall se juntou a cerimônia Qurilixen, a mulher, sem graça, mudou de assunto e começou a falar sobre as minas e o combustível espacial. Parecia que Kendall estava em processo de conseguir um certificado da Comissão de Ciência Exploratória para Engenharia. Desde que vivia em um posto de combustível, o certificado tinha sentido.

— Não, tenho certeza sobre o minério — Disse Kendall. — Este planeta é uma das únicas fontes ricas em minério Prometium na Galáxia, um elemento semi radioativo que não apenas contém isótopos estáveis, mas cujos elementos podem ser aproveitados para impulsionar as naves por um longo período. Normalmente, apenas quantidades muito pequenas do elemento podem ser encontradas na forma natural.

— Qual é o seu povo? — Aeron tentou esconder seu receio.

Kendall expressava seu interesse pelas minas e sabia muito sobre combustíveis. Se ela não estava interessada no casamento como o restante das noivas, o que estava fazendo ali? Claro, Aeron não veio para o planeta pelo casamento tampouco, mas quais eram as possibilidades de mais de uma noiva ter motivos ocultos naquela viagem? Kendall era uma espiã?

— Chama-se Haven, como eu. Kendall Haven.

Não foi exatamente a resposta que Aeron esperava ouvir. Ela abriu a boca para fazer uma pergunta específica sobre a profissão da mulher, mas a porta se abriu de repente, interrompendo. Bron entrou, o cabelo e a roupa cobertos de terra. Os olhos brilhavam amarelos, ainda que o corpo tivesse poucas mudanças.

— O que aconteceu? — Aeron exigiu, ficando de pé rapidamente. Alivio a percorreu e ela foi até ele. Não percebeu o quanto estava assustada até aquele momento, olhando seu rosto sujo.

— Fala como uma verdadeira esposa — Alek deu um passo adiante do seu irmão para avançar para a mesa. Aeron franziu o cenho ante o homem. A expressão de Alek era ilegível, mas Aeron optou por não responder.

— Nada com o que se preocupar — Bron respondeu. Esfregou levemente os pulsos e viu as marcas vermelhas em sua pele onde o prenderam.

— Nada com o que me preocupar? — Aeron repetiu incrédula. — Fala sério? Como pode dizer isso? Você simplesmente desapareceu. Não havia rastro em nenhum lugar, parecia que sumiu

no ar, e diz que não há nada para se preocupar? Está louco?

— Estava preocupada comigo? — O sotaque Qurilixen do Bron rodou sobre ela suavemente. Um olhar de prazer deslizou em seus olhos, os cantos da boca dele levantaram.

— Bom, eu... — Aeron gaguejou. Não tinha certeza de quando ou como, mas ele estava certo. Calor irradiava dele. Apesar de que cheirava a terra do bosque, sentia-se atraída por ele. Sentia uma estranha sensação em seu cérebro, como se estivesse dentro da sua mente, sussurrando palavras que ela não conseguia entender, instando-a a dizer coisas que não sabia como dizer.

— Não seria bom que a sua esposa desonrasse o nome da nossa família com preocupação — Disse Alek em voz alta, recordando que havia outras duas pessoas no local. — Nenhuma mulher quer um marido fraco, que se esconda debaixo de suas saias.

— Desonrar? — Kendall perguntou em voz alta. — Como se preocupar com alguém é desonroso?

— Você deve confiar na vontade dos deuses e na força do seu homem — Alek declarou como se fosse um fato bem conhecido.

— Então quer dizer que força é coisa só de homem? — Kendall perguntou. — Não tenho certeza de gostar do seu tom. Quer dizer que as mulheres são mais fracas do que os homens? Que devemos simplesmente sentar e deixar os homens decidirem tudo?

O primeiro instinto de Aeron era dar privacidade ao outro casal, mas ela não se moveu. Queria ouvir a resposta.

— Sim — Alek respondeu sem hesitar.

— Sim? — Kendall repetiu. — Realmente acaba de dizer sim?

Alek pareceu confuso. Lançou um olhar raivoso ao seu irmão.

Aeron se virou para Bron.

— Isso é o que você pensa também? Os homens devem governar as mulheres?

— Eu não diria que é uma regra — Bron contestou, seu tom muito mais cauteloso do que o de Alek. — Mas não conheço nenhuma mulher que governe sobre os homens, a não ser talvez a rainha sobre nosso povo ou mulheres da nobreza de alta posição, sempre e quando sejam benevolentes. Entre marido e mulher há uma distinção clara. Não deseja que seu marido possa protegê-la e deixá-la orgulhosa?

— Não há nenhuma dúvida, os homens que se deixam guiar pelas mulheres não são homens de verdade — Alek ainda acrescentou. — Um homem forte deve proteger a esposa e gerar filhos fortes.

— E qual é o papel da mulher nesse casamento? Cozinhar e ter filhos? — Kendall exigiu.

Se Alek fosse um homem inteligente, não responderia a essa pergunta. Aeron quase se encolheu quando ele abriu a boca para responder. Sentiria lastima por ele, se os dois homens não tivessem feito por onde irritá-las.

— Sim — Alek confirmou. Sem arrependimento. Os olhos começaram a brilhar amarelos.

Aeron fechou os olhos. Isso não era bom. Alek era idiota?

— Entendo — Kendall disse. — É uma lastima que os deuses de vocês lhes deram mulheres com cérebro, quando tudo o que precisam é ventres para seus filhos e mãos para fazer a comida.

— Eu não disse... — Alek tentou falar.

— Não diga mais uma palavra — Kendall advertiu, levando a mão para o rosto. — Já tive muito abuso de homens na minha vida dizendo o que devo fazer. Temos um acordo, se você pode lembrar, e espero que cumpra a sua parte.

Aeron entendia a ira de Kendall por se sentir de menos valia, e virou-se para Bron.

— Você concorda com o seu irmão?

Bron assentiu. Honestamente, parecia confuso, como se não entendesse o que deixou as mulheres tão irritadas.

— Não quer um marido forte? Porque desejar um homem que se esconde debaixo das saias de uma mulher, e deixa cair sua espada ao menor sinal de problemas? Um homem não é um homem se age assim. Um homem não deve trazer desonra para sua família. Um homem fraco assim não pode proteger sua família.

A mente de Aeron dava voltas com pensamentos, em um giro dramático.

— Porque precisamos da proteção de uma espada?

— Os Var. Nosso inimigo. Muitos acreditam que haverá outra guerra logo. Se houver, precisamos de nossos homens na batalha.

— Batalha? — Aeron engoliu. Ela sabia que este lugar era primitivo, mas nunca lhe ocorreu que as batalhas descritas nos arquivos do Noivas da Galáxia fossem verdadeiras.

— Sim. A espada é uma arma de honra — Bron assentiu com a cabeça, como se tal coisa fosse do conhecimento comum na galáxia.

— Vocês se defendem com espada? — Aeron negou com a cabeça. Eles não teriam nenhuma chance contra os Tyoe.

— É a arma certa para a batalha — Disse Bron.

— Kendall! — Alek gritou às suas costas. Aeron girou a tempo de ver Kendall sair como um furacão pela porta principal. — Kendall o bosque não é seguro. Preciso que fique dentro da casa... Kendall!

Aeron estremeceu quando Alek marchou diante dela para perseguir a esposa. Quando ficou sozinha com Bron, ela deu um passo para trás.

— Não entendo seu olhar de desgosto — Disse Bron.

— Apenas estou preocupada — Aeron parou, percebendo o que estava dizendo. Voltou o olhar para a porta principal, por onde Alek desapareceu.

— Precisa que eu demonstre o meu valor? — Bron ficou rígido.

— Não. Não desejo que vá para uma batalha com sua espada — Aeron franziu o cenho. — Precisa ir atrás deles? Há alguma ameaça no bosque?

— Devo me sentir insultado por duvidar não apenas das minhas habilidades, mas também das de meu irmão? — A expressão

de Bron estava sisuda e olhos duros. — Nunca tive meu nome insultado. Não esperava escutar essas coisas da minha esposa.

— Não sou sua esposa — Aeron gritou, surpreendendo a si mesma com a contundência. Talvez fosse uma combinação da preocupação que sentiu quando ele se foi, preocupação que segundo os dois irmãos ela não deveria sentir. Talvez fosse devido à longa viagem sobre o ceffyl. Talvez o fato de se debater entre relatar sobre o possível ataque ou insistir para falar diretamente com o rei. Estas pessoas não sobreviveriam a um ataque aéreo. Espadas não fariam nada contra naves no céu. Ela respirou fundo tentando se acalmar. — Tem certeza de que foram os Var que o atacaram?

— Não quero discutir sobre os Var — Bron falou carrancudo. — Temos que resolver este assunto sobre você não querer ser a minha esposa.

— Não há nada para resolver — Aeron não pode evitar olhá-lo. A ira no rosto dele a assustou e sua presença reavivou seu desejo. As emoções se contradiziam. Ela virou as costas e foi até a mesa onde a comida estava esfriando.

— Porque resiste ao nosso casamento, Aeron? Porque não pode aceitar o que temos?

— Aceito o que temos — Não queria pensar no fato de que morreria por causa dele. Lamentava não poder culpá-lo, mas tinha a consciência de que foi ela quem o amarrou na cama. Não tinha ninguém a quem culpar, a não ser a si mesma. — Mas não posso aceitar o casamento. É um compromisso a longo prazo que não vai funcionar.

— Você nem nos deu a oportunidade para tentar.

— Eu sei que não serei feliz passando o resto da minha vida somente cozinhando e tendo bebês — Ela olhou para o prato de comida que preparou. Gostava de cozinhar, porque não era uma obrigação. Ela não queria ser forçada a tal atividade. Sua existência poderia ser considerada um tédio para algumas pessoas, mas era a vida dela. Gostava de ouvir em sigilo, e ajudar as pessoas com sua atenção a detalhes.

— Talvez Alek tenha declarado sua posição de forma muito brusca. A sua vida comigo será diferente. Ofereço muito mais que cozinhar e bebês. E se você não quiser cozinhar, então vou encontrar alguém que o faça. A honra não é apenas sobre as funções que realizamos, e sim a forma de agir todos os dias.

— O que aconteceu com você? Está coberto de terra — Aeron não queria conversar sobre casamento e filhos.

— Fui capturado no bosque. Acordei sob a terra. Estava tentando me libertar quando Alek me encontrou — Ele disse as palavras em tom prático, como se tal coisa fosse uma ocorrência normal.

— Você viu quem o levou? — Aeron estremeceu.

— Não.

— Então, como sabe que eram os Vars? — Aeron não olhou para ele, mas o sentiu se mover atrás dela. Concentrou-se nele, sentindo-o na sala.

— Quem mais poderia ser além do nosso inimigo?

— É assim que os Vars costumam lutar? — Aeron tocou a mesa empurrando o prato de lado.

— Não. Geralmente não. Estamos muito ao norte. Normalmente ficam ao sul da fronteira. Se quer saber, foi muito estranho ser capturado pelo inimigo sem antes enfrentá-lo. Fui abandonado em uma cela, mas talvez eles voltassem para lidar comigo. Como um nobre, devem ter imaginado que a minha captura valeria o risco, mesmo estando na montanha. Se eu não estivesse distraído pela sua presença, não teria sido capturado.

Aeron ignorou o último comentário. Ela não era culpada.

— Você disse que estava relacionado com o rei e é um nobre? — Aeron finalmente olhou para ele. Seus olhos se encontraram. Ele estava perto, mas não o suficiente para tocá-la. Aeron se alegrou com a distância. Bron assentiu para ela como dizendo para ela continuar. — Eu trabalho como Analista Civil contratada pelas Forças Armadas da Federação. A razão para estar na nave do Noivas da Galáxia, era que queria adverti-los.

— Nós não fazemos parte da Aliança da Federação. Porque a Federação a enviaria? — Ele cruzou os braços sobre o peito.

Aeron odiou a expressão do rosto dele, com suspeitas e acusações táticas.

— Não, não é assim. A Federação não me enviou. Eles não me deram permissão para vir. Sou uma civil e se fosse uma missão legal teriam enviado alguém com treinamento para fazer contato com vocês. Por isso eu vim através do Noivas da Galáxia. — Ela engoliu saliva, nervosa, desejando olhar para o outro lado. Sentia-se como

um soldado a ponto de ser interrogado pelo oficial superior. Suas palavras soavam suaves e nervosas. — Esperava fazer o correto.

— Fale — Era uma ordem. Não havia dúvida em seu tom.

— Pelo que entendi, a Federação tem pouco interesse em seu planeta ou em seu povo, mas quer apenas uma coisa.

— O nosso minério — Bron concluiu.

Aeron assentiu.

— Etiquetaram vocês como um planeta primitivo, sem valor militar ou científico que não seja o minério. E, posto que as minas se encarreguem da entrega do produto, não vem nenhuma razão para interferir em seu mundo.

— Essa é a forma que preferimos — Bron concordou.

— Há cinco meses, interceptei algumas informações — Dominando a irritação, Aeron continuou. — Quando relatei aos meus superiores, se negaram a interferir porque vocês não fazem parte da Aliança. Enquanto continuassem obtendo o minério, lavavam as mãos. Ordenaram que eu deixasse de ouvir as comunicações e ignorasse todas as informações complementares procedentes deste setor.

— O que você ouviu?

— Espero estar fazendo o correto, Bron.

— O que você ouviu, Aeron? — Bron repetiu mais insistente.

— A Federação insistiu para que eu não me envolvesse, mas, por favor, entenda que não poderia não fazer nada e deixar que algo

acontecesse. Tinha que adverti-los.

— Aeron, fale logo!

— Uma raça alienígena chamada Toye planeja atacar o seu planeta e estabelecer uma colônia mineira.

— Nunca ouvi falar de nenhum Toye. Porque eles desejam nos atacar?

— São tecnologicamente avançados. Tem bases de minérios em toda a galáxia. Acho que a Federação acredita que poderiam se beneficiar da tecnologia deles para extrair minério mais rapidamente... — Aeron fez uma pausa, não queria insultá-lo. — Do que suas técnicas tradicionais.

— Como sabe sobre as nossas técnicas? Não compartilhamos informações com forasteiros.

— Bem, eu não sei nada, apenas estou dizendo que com a forma de vida do planeta, seria natural supor que vocês não tem o mesmo tipo de tecnologia que os Toyes.

Bron ponderou as palavras dela por um longo momento. Logo, comentou com muito cuidado.

— Poderia ter nos enviado uma transmissão para dizer isso. Sua presença aqui apenas pode significar que os deuses a obrigaram a vir até mim. Há uma razão para ter vindo a este planeta. Estávamos destinados a nos encontrar.

Este homem era completamente louco? Ou apenas tinha o casamento no cérebro?

— A Federação monitora todas as minhas comunicações e seria muito ariscado. Eu deveria encontrar uma linha segura para a transmissão e ainda teria que dizer a um completo estranho o que ouvi. Precisava vir pessoalmente.

— Tentou entrar em contato conosco por transmissão?

— Bom, não, mas...

— Você foi obrigada a vir aqui. Os deuses queriam assim.

— Não, não está me escutando. Vi-me obrigada, sim, mas não para ser uma esposa. Não entende. Tenho minhas razões para adverti-los e não tem nada a ver com o casamento.

— Então diga. Quais são as suas razões?

— É... — Aeron pensou na sua família morta, seu mundo natal destruído. Não gostava de falar sobre isso. Suas razões não influenciariam no resultado da sua informação. — É pessoal.

— Porque está brigando por isso? — Frustração saía dele.

— Porque se nega a ouvir? O que estou dizendo é um perigo real para o seu povo e o seu planeta, mas tudo o que quer falar é sobre casamento e... — Aeron franziu o cenho. — Talvez eu tenha me enganado. Você não é a pessoa certa com quem tenho que falar sobre isso. Tenho que falar com o rei ou quem está encarregado das minas. Quem é o responsável pelas minas?

— Meu irmão, Mirek.

— Então fale com Mirek — Ela mandou. — Se não quiser, eu mesma falo.

— Asseguro que ouvi tudo o que disse e vou garantir a segurança do meu povo. Esta obrigação não anula o fato de termos que resolver sobre o nosso casamento. De fato, a solução deste casamento é o primeiro passo para que eu faça algo sobre este ataque. Estou sob as ordens diretas do rei para que este casamento tenha sucesso antes de sair desta cabana. Quanto antes conseguirmos isso, mas rápido podemos resolver este assunto dos Toyes.

— Mas isso é chantagem!

— É a realidade, Aeron.

— Então, ou eu estou de acordo em permanecer casada com você e assim me deixará sair da cabana para advertir seu povo de uma possível aniquilação, ou eu negarei o casamento e veremos o planeta ser destruído?

— Provavelmente morreremos — Bron finalizou.

— Provavelmente morreremos — Ela repetiu. — Isso é chantagem.

— Realidade — Bron contestou.

— É uma grande chantagem — Ela negou com a cabeça. — De verdade quer um casamento baseado na chantagem? Você não me conhece. Não sabe nada sobre mim. Não sabe que estou aflita pelo que fizemos. Não sabe o difícil que foi vir aqui. Não sabe o que está me pedindo.

— Sei o suficiente. Os deuses decretaram isso. Você é minha esposa e eu sou seu marido. Estamos destinados a ficar juntos.

Aeron fechou os olhos, incapaz de olhar para ele. Parecia sincero e seguro, mas ele não falava sobre seus sentimentos, nem seu desejo por ela ou que seu amor cresceria com o tempo e não que tivesse muito tempo. Isto era sobre o dever, sobre uma força sobrenatural. Sim, ela sentia uma conexão com ele. Sentia a atração física e o desejo de ficar ao lado dele, tocá-lo e beijá-lo. Ela sentia-se como nunca se sentiu antes. Mas era o destino? Ou era luxúria pelo homem com quem fez sexo?

— Eu direi sim, apenas porque não me deixou escolha — Ela se lembrava do seu planeta destruído, cada pedaço de rocha girando, cada arco de fogo, o momento de silêncio. Imaginou os gritos na superfície, mas na nave tranquila, olhou da janela sentindo incredulidade e desespero. Com sua própria morte de repente muito próxima, sabia que esta poderia ser sua última oportunidade de fazer algo significativo com sua vida. Não tinha outro lugar para aonde ir. A Federação ficaria furiosa com ela. Talvez este fosse seu destino. Isto não a impediu de se sentir ressentida com a forma como seu casamento aconteceu ou a chantagem disfarçada. — Vamos embora o quanto antes.

Bron não conseguia se mover. Aeron se negava a olhá-lo, mas ele não podia deixar de observá-la. Uma lágrima deslizou pela bochecha suave. A lágrima solitária doía mais nele do que qualquer coisa no momento. A voz dela era firme, mas distante.

Ela não queria ficar com ele. Deveria deixá-la ir. Como poderia exigir que ela ficasse com ele como esposa? Ele a fazia se sentir miserável? Mas como a deixaria ir? Ela era sua única oportunidade de ser feliz. Com certeza ela chegaria a amá-lo algum dia, ao menos se importar com ele. Ele seria um bom marido. Faria todo o

necessário e mais ainda.

Não a deixaria ir. Não tinha importância se era o correto a fazer, ele não se atrevia a libertá-la de seus votos. Uniu-se a ela. Para ele, nunca haveria outra mulher. Era a forma da sua espécie.

Levantou a mão, tinha a intenção de ir atrás dela, que se dirigiu para o quarto, mas viu a sujeira em seus dedos. Como pode esquecer seu calvário? A fome de repente roncou em seu estômago e olhou para a mesa com comida. Tinha que se preocupar com os Vars e ao que parecia, com os Toyes também. Apesar de suas dúvidas, ficou feliz por Aeron ver suas razões e ter concordado com o casamento. Informaria Alek e logo de manhã veria o rei. Esta noite iria tomar banho, comer e... Bron olhou por onde sua esposa desapareceu. E se os deuses o ajudasse, encontraria uma maneira de consolar sua esposa.

Capítulo Nove

Bron hesitou do lado de fora da porta do quarto, ouvindo os sons lá dentro. Ele não tinha medo de enfrentar a sua esposa, mas as lágrimas dela, sim. O que sabia sobre consolar mulheres, ainda mais quando ele era a causa da dor? Preferia enfrentar mil espadas que as lágrimas de uma mulher.

Sem ouvir o som de choro, decidiu que era seguro entrar. Ela estava deitada de costas na cama. Uma onda de tristeza se apoderou dele. Tinham um conexão, ao menos isso. Logo seria capaz de sentir as emoções dela como se fossem suas. Fazia parte do processo. De fato, inclusive poderia ouvir o chamado dela dentro da sua mente, se abrissem a mente um para o outro.

Bron entrou, sem saber o que fazer para consolá-la. Sempre pensou que se fosse honesto e cumprisse seu dever, então tudo sairia bem. Bom, estava cumprindo seu dever, fazendo o melhor que podia e ela ainda estava irritada.

— Eu não queria irritá-la, minha dama — Disse em voz baixa. Pedir desculpas não era precisamente uma característica Draig. Não tinha prática nisso.

— Não estou irritada — O som foi amortizado pela roupa de cama. Ela não se moveu para olhá-lo.

— Acho que nós dois sabemos que não é verdade.

— Não estou irritada — Ela repetiu. — Você tem suas crenças. Estou em seu planeta. Devo respeito por sua cultura que é diferente

da minha e estou em seu território à sua mercê e generosidade.

— Eu não quero que tenha medo de mim — Ele não se moveu. Queria se aproximar dela e tocá-la. Na realidade queria deixar de falar por completo e apenas fazer amor com ela. Fisicamente, sabia como lidar com ela. Era um homem, um guerreiro. Era mais fácil para ele lidar com a ação, mais do que falar sobre sentimentos. — Você não deve se sentir como se estivesse em minhas mãos.

Ela se virou para ele, com os olhos secos e uma expressão constante. Bron soltou um pequeno suspiro de alívio. Sentiu sua tristeza e pensou que poderia encontrar lágrimas. Temia ver o rosto dela molhado pelo pranto. Ele se moveu lentamente, sem querer arruinar o momento.

— Não temo você — A voz dela era suave, quase um sussurro. — Temo o que vai acontecer com o planeta se não se prepararem para os Toyos. Temo que minha vinda aqui tenha sido um fracasso. Não posso ver outro... — Parou se corrigindo. — Não posso ver outro povo ser aniquilado. E sobre este tema, temo que seja outra coisa que estou obrigada a mencionar. Quando falei com Kendall antes, parecia insegura sobre permanecer casada. Havia um segredo em seu tom. Não sei o quê. Não sou de tirar os segredos de uma mulher, já tenho muitos por minha conta, mas não estou convencida de que deva informar ao seu irmão sobre os Toyos até ter certeza das suas razões para estarem aqui. As probabilidades de que mais de uma mulher na nave do Noivas da Galáxia estejam aqui por razões diferentes do casamento parece muito pouco provável. Se estiver errada sobre ela, então sinto muito, mas prefiro errar pelo lado da precaução.

— Nossos destinos estão nas mãos dos deuses. Enviaram Kendall ao meu irmão como enviaram você para nos advertir. Quando falar sobre isto com meu irmão, vou mencionar sua preocupação, mas asseguro que não seremos superados tão facilmente — Bron levantou o queixo orgulhoso. O resto da galáxia não via a tecnologia dos Draig, mas isso não queria dizer que eles eram um povo atrasado que não poderia se defender do inimigo. Simplesmente optaram por viver com simplicidade, escondendo sua tecnologia. De fato, escondido perto do palácio, disfarçado como o pico de uma montanha, os Draig mantinham uma comunicação muito avançada e uma torre. Supervisionavam as estrelas a todo o momento.

— Certo. Deuses — Ela balançou a cabeça e afastou o rosto dele mais uma vez, acomodando-se na cama. — Claro, acredita em sua proteção. Deixa que eles ditem as normas.

— Você não acredita em algo maior que nós mesmos?

— Não, não acredito — Aeron se perguntou se ele estava realmente escutando suas palavras, já que eram tão suaves. Falou mais alto. — Se tem certeza que é o destino, preferiria que não falasse da minha preocupação com seu irmão. Não há nenhuma razão para insultar sua esposa sem provas.

Bron não sabia como responder a tal admissão. A falta de fé dela o preocupava. Em troca, mudou o rumo da conversa.

— Sairemos de manhã para o palácio. Vou informar ao meu tio sobre o que você disse. O rei se assegurará das precauções. Depois falaremos com meu irmão Mirek, sobre as minas.

— Como pode fazer isso? — Aeron se sentou e olhou para ele. Bron franziu o cenho, confuso. — Você foi sequestrado, encarcerado, tem marcas em seus pulsos e agora está aqui depois de tomar banho e fala sobre planos de viagem como se nada tivesse acontecido. Eu tive que enfrentar o caminho pela montanha por um planeta estranho com a mais feia criatura viva e ainda estou tremendo — Como para provar seu ponto, levantou as mãos para ele. Tremiam um pouco. — Acho que meu coração não vai desacelerar nunca mais. Sua provação foi pior do que a minha, e, no entanto age como se fosse capturado varias vezes ao ano. O que está acontecendo aqui? Devo esperar ser sequestrada também?

Com cada frase seu tom ficava mais frenético. Bron correu para a cama, arrastando-se sobre o colchão para segurar as mãos dela contra o peito.

— Não vou permitir que nada aconteça com você.

— Mas o que aconteceu com você? Como pode agir como se nada tivesse acontecido? E não diga que não devo me preocupar. Vou me preocupar com o que quiser e não tem nada a ver com honra ou dever, e sim com uma reação química no corpo de uma pessoa. Eu não entendo porque não me diz o que aconteceu. Acordei e você não estava. Fiquei aterrorizada. Não sei nada sobre o lugar ou a sobrevivência aqui. Nem sequer em uma realidade virtual.

— Eu só fui capturado.

— Fala como se fosse uma coisa normal — Aeron tentou soltar as mãos, mas ele as manteve firme. Ela era pequena e delicada. Não queria nada mais do que protegê-la.

— Eu estou bem, minha dama — Bron se aproximou mais dela. Tentou senti-la em seu interior, além da tristeza. No mesmo instante, a respiração dela acelerou e fechou os olhos. Era como se a sentisse dentro dele enquanto ela o sentia também. Tal conexão não poderia ser desfeita. Quando se unissem completamente, conheceriam os sentimentos um do outro.

Um medo repentino o encheu e bloqueou seus sentimentos. Quando se unissem, ela seria capaz de sentir o que ele estava sentindo. Ela encontraria sua vergonha, seu desespero para satisfazê-la, seu medo de fracassar e perdê-la. Não deixaria que ela soubesse. Se ela descobrisse tudo o que estava dentro dele... Poderia deixá-lo. Ele se veria obrigado a sentir a perda ainda mais dolorosa depois da conexão.

Bron se aproximou dela. Era tão bonita, com seus grandes olhos e os lábios separados o suficiente para deixar passar o fôlego. O desejo o percorreu. Desejava-a muito. Ela disse que ficaria. Os deuses estavam contentes? Sua captura era um castigo suficiente? Não parecia um bom preço a pagar. Não havia um preço justo por ela.

Seus lábios se encontraram primeiro, como se respondesse a sua pergunta não formulada. O doce sabor da boca dela borrando todos os pensamentos. Ela gemeu suavemente contra ele. Não conseguiu evitar. Deslizou a língua entre os lábios. Uma onda de prazer os percorreu. Bron a sentiu segurar o fôlego, um suave gemido de aprovação. Naquele momento, não parecia ser de protesto.

Bron aceitou a delicada trégua, muito consciente de como uma

palavra equivocada poderia romper o momento. Não pode evitar soltar as emoções em seu interior. Uma nevoa abriu caminho através dos sentidos do Bron para o mundo exterior. O feitiço do beijo atraindo-o. Como esta mulher não sabia o poder que tinha sobre ele? Como não senti-lo? Nesse momento, nesse beijo, Bron soube que Aeron tinha o poder de escravizá-lo.

Aeron se aproximou mais. As mãos percorreram a longitude dos braços musculosos para descansar sobre os ombros largos. Bron apertou a parte baixa das costas dela. Ele se ajoelhou na cama. Sua excitação contra o estômago, o que a fez gemer com a visão.

Aeron tirou a boca da dele.

— A porta.

Bron tentou beijá-la novamente.

Ela virou a cabeça para o lado e empurrou o peito largo.

— Tem que fechar a porta. Seu irmão e Kendall estão aqui.

Olhou por cima do ombro. Bron pensou que tinha fechado. Hesitante em deixá-la, ele vacilou antes de se afastar. Desta vez, trancou a porta antes de voltar para ela. Aeron se arrastou de joelho até a borda da cama. Ela sorriu, um convite no olhar. Fosse qual fosse a negativa para se casar com ele, parecia não ter levado para o quarto.

Desta vez, quando se aproximou, ficou de pé junto à cama. Ele lhe acariciou o rosto, passando a ponta do polegar sobre os lábios bonitos. Aeron puxou a barra da camisa dele, Bron levantou os

braços para ajudá-la a desnudá-lo. Com o peito nu, ela começou a explorá-lo. Bron permaneceu parado em pé na frente dela, deixando que o contato das mãos delicadas se prolongasse. Ela traçou o contorno dos músculos poderosos. Bron não sabia como conseguia manter a calma. As carícias o estavam torturando, mas quando ela se inclinou para beijar um de seus mamilos, sentiu pura agonia.

As mãos do Bron dispararam para a cabeça dela, que continuava mantendo a boca no peito dele. Os dedos dele mergulharam no cabelo escuro. E os dedos dela brincaram ao longo da cintura, perto da cintura da calça dele, cujo estômago ficou tenso enquanto ela se aproximava de seu umbigo.

Bron levantou a cabeça dela e a beijou profundamente, deslizando a língua contra a dela. Todos os pensamentos o abandonaram enquanto tirava o vestido que ela usava. O material abraçava com firmeza sua pele e não saiu tão rapidamente como gostaria. Estava a ponto de rasgá-lo quando ela inclinou-se para trás e o ajudou. Passou o vestido pela cabeça e o jogou de lado. Bron aproveitou o momento para empurrar a calça pelos quadris.

Ela estava tão excitada quanto ele. As mãos do Bron foram para o rosto dela, acariciando suas bochechas enquanto tocava a boca dela com ternura. Seus corpos nus se tocaram. Os suaves montes de seus seios tocaram o peito dele. A ereção pressionou firmemente seu estômago. A lembrança da primeira união deles era muito recente e seu membro subiu ao pensar em repetir o ato. Desejava-a como nunca antes em sua vida.

Com os pés plantados no chão junto à cama, segurou os quadris e a levantou pelo traseiro. As pernas dela logo se abriram

para envolver a cintura dele. Sentou-se na beirada da cama, com os tornozelos presos nas costas dele. Os seios fartos roçavam o peito duro. Bron grunhiu, incapaz de conter a emoção. Ele segurou os quadris dela firmemente, mantendo o sexo feminino contra sua ereção. A umidade do corpo dela o molhava. Ele mudou de posição para poder se aproximar mais dela, inclinando o corpo dele para frente e o dela para trás. Bron apoiou os pés no chão e as mãos na cama. A ponta de sua ereção encontrou a entrada do corpo dela. Abriu caminho lentamente, desfrutando do firme aperto do seu sexo. As coxas roliças se moviam contra a cintura dele, apertando e soltando como se tentasse decidir se o deixava entrar. Continuou penetrando, disposto a reclamar sua esposa. A ideia de que esta deveria ser a primeira vez deles lhe ocorreu. Em muitos aspectos, sentia-se como se fosse a primeira vez. Ambos estavam conscientes, sem a nevoa do cristal, sem obstáculos pela culpa.

O cabelo negro dela se derramou pela cama. Ela segurou-se nele, com as coxas apertando sua cintura. Bron acariciou o rosto dela, depois deslizou os dedos para os seios. Agarrou o monte de carne e massageou enquanto ia mais fundo. Ela arqueou os quadris contra ele, finalmente abrindo as pernas e permitindo completo acesso ao seu corpo. Recebeu-o, movendo-se sob ele, fazendo-o entrar mais. A firmeza de seu sexo apertou a ereção. Ela estremeceu ao redor dele.

Aeron soltou um gemido doce de prazer. Os sons eram tão delicados quanto ela. Bron se retirou apenas para empurrar lentamente para frente. Manteve o ritmo tranquilo, desfrutando da vista dos lindos seios se movendo com suas estocadas. Queria que durasse para sempre.

Bron encostou a boca na dela. Sua língua imitando o movimento dos quadris. Ainda dentro dela, Bron ficou de joelhos sobre a cama. Ele se deslocou com ela mais para o meio da cama para que pudesse ficar em cima dela. Agora que ela estava completamente sob seu corpo, começou a empurrar novamente. A nova posição permitiu penetrar mais profundamente e estocadas mais longas. Bombeava, a velocidade crescendo a cada minuto. Cada deslizar agonizante era puro êxtase.

— Mais — Aeron sussurrou, seguindo os movimentos dele. — Preciso de mais.

Ver o corpo feminino respondendo as suas carícias era quase tão maravilhoso quanto senti-lo. As pernas roliças envolveram a cintura dele, o que o obrigou a ser mais duro com ela. Ele deu o que ela queria. Era o que ele queria também. Seu dedo encontrou a rosada protuberância sensível do seu sexo. Bron circulou com movimentos rápidos enquanto empurrava para frente, golpeando com violenta necessidade em seu centro, aumentando o prazer e levando-a ao limite.

Aeron fechou os olhos. Ela agarrou os braços dele e apertou fortemente. Ficou sem fôlego e começou a tremer. Ela atingiu o orgasmo. Bron aumentou o ritmo. O corpo dela o apertava em espasmos. A sensação do seu clímax era muito forte. Ele grunhiu quando se juntou a ela, liberando toda a frustração acumulada em um jato quente.

Enquanto lentamente descia da nuvem de prazer, saiu de dentro dela. Olhando fixamente em seus olhos, deitou-se ao seu lado na cama. Afastou uma mecha de cabelo da testa dela. Bron não

sabia o que dizer, assim ficou calado. Ela não parecia se importar com o silêncio enquanto se acomodava ao lado dele. Deslizou um braço por sua cintura possessiva e protetora.

Bron fechou os olhos e se limitou a ouvir a respiração dela.

— Quantos anos você tem? — Aeron sussurrou. — Os arquivos do Noivas da Galáxia dizia que seu povo existe a quinhentos anos.

— Preocupada por estar casada com um homem velho? — Bron sorriu suavemente. De todas as coisas que ele pensou que ela poderia querer saber sobre ele, esta não era uma delas.

— Não — Aeron respondeu sem se mexer. — Se o que os arquivos disseram é verdade, você vai viver muito além de mim.

— Aqui, as esposas vivem tanto quanto os maridos — Bron informou. — Geralmente. Os cientistas acreditam que tem a ver com a radiação do nosso sol. Espiritualistas acreditam que é a vontade dos deuses. Acho os dois.

— Geralmente — Ela repetiu suspirando profundamente. — Significa que não acontece sempre.

— Preocupa-se que eu não conseguirei mantê-la a salvo? — A pergunta o feria profundamente. Ela realmente não tinha muita fé em sua honra ou suas habilidades como esposo. Como poderia culpá-la? Ele deveria ter deixado a união para a noite depois do casamento. Deveria ter sido mais forte. Bron sabia que a culpa caia totalmente sobre seus ombros, independente da posição física na qual estavam no momento. Os deuses não estavam contentes com ele.

— Vamos dormir — Ela sussurrou, negando-se a responder. —
Teremos uma longa viagem pela manhã.

Capítulo Dez

Aeron não tinha certeza se queria ir montada no ceffyls até o palácio. Talvez fosse melhor não reclamar nada. Seus olhos analisaram o céu, perguntando-se quando os Tyoes atacariam. Estava certa que eles estavam aguardando o momento apropriado, mas ela tinha a sensação que não demoraria muito tempo. Logo olhou ao redor para a paisagem, cada curva oculta do caminho, cada árvore e arbusto. Havia inimigos escondidos inclusive agora? Esperando para atacar os viajantes desarmados? Foram os Vars que capturaram o Bron ou foram os Toyes que o deixaram preso sob a terra?

Ela olhou para Bron, que estava em seu próprio animal. Haviam deixado Alek e Kendall sem montaria, mas os irmãos decidiram que a velocidade era uma necessidade. Bron trocou de roupa. Era evidente que toda a cabana estava abastecida com roupas masculinas. Usava uma túnica verde clara com bordas douradas. A túnica era como uma camisa longa que chegava até os joelhos e era aberta dos lados, revelando as coxas enquanto cavalgava sobre a fera horrível. Bron deu para ela uma túnica similar azul para substituir o vestido da cerimônia. A única coisa que poderia dizer a respeito, era que, pelo menos, estava limpa.

Nada neste planeta a fazia se sentir segura. Era primitivo. As pessoas eram primitivas. Desejava desesperadamente a segurança da sua nave espacial com sistemas de suporte monitorados e alarmes de advertência caso a segurança fosse violada. Ela queria seu pequeno quarto de metal, simulador de alimentos e laser

descontaminante. Queria os sistemas de ar condicionado que buscavam os vírus no ar e... Vírus! Não pensou nisso até agora. Seu temor aumentou. O que aconteceria com este planeta primitivo se fosse atacado a nível biológico? Nada era seguro. Ataques planetários. Ataques espaciais. Ataques biológicos. E...

— Aeron? — Bron chamou.

Aeron saltou, alarmada, soltando um pequeno grito. Ela levou a mão ao peito. O coração estava acelerado enquanto o olhava.

— O quê? Ouviu algo? — Aeron inclinou a cabeça, ouvindo. A pergunta era ridícula. Os sentidos dele eram muito mais realçados do que os dela. — Eu estava... — Ela encolheu os ombros. Na verdade ela estava fazendo uma confusão terrível. — Estava pensando.

Pensar não era um problema para ela. Gostava de pensar em um problema até analisar todas as direções. Mas, se não tivesse cuidado, ficaria louca.

— Sobre o quê? — Bron soou vacilante ao perguntar. Ela não poderia culpá-lo.

— Sinto falta do meu quarto.

— Refere-se a sua casa? Na nave?

— Sim — Não, ela nunca pensou na nave como sua casa. Supunha que fosse, mas em sua cabeça, casa era um lugar que já não existia mais.

— Fale sobre a sua casa.

— Não posso — Ela sussurrou.

— Porque não tem permissão da Federação? Asseguro que pode confiar em mim. Sou seu marido. Seus segredos são meus. No entanto, se deu sua palavra antes de nos conhecermos, não vou pedir que desonre a si mesma por rompê-la. Se não puder me falar, vou confiar em você.

— Não posso, por que não tenho casa — Aeron corrigiu. — Duvido que a Federação se importe se eu falar sobre o meu trabalho. E quanto a segredos, rompi o protocolo quando resolvi vir aqui para alertar sobre os Toyes. Enganei a mim mesma ao pensar que poderia voltar para lá depois de fazer isso. Teria muita sorte se não me prendessem por traição.

— Então porque correr o risco? — Bron interrogou.

— A vontade dos deuses, claro — Aeron respondeu tentando não sorrir. Ele ficou tenso visivelmente. — Sinto muito. Estava tentando deixar o ambiente mais leve — Ela relaxou um pouco. — Tenho as minhas razões. Obrigada por não se intrometer — Suas palavras cortaram qualquer intervenção da parte dele.

Isso a fez pensar em sua irmã. Perguntou-se onde estaria Riona. Não era como se fossem próximas ou ela soubesse onde sua irmã estava na maioria dos dias, mas não poderia deixar de se perguntar o que aconteceu com Riona depois da cerimônia.

Ele assentiu com a cabeça e para sua surpresa deixou o tema.

— Acha que pode ir mais rápido?

Suas costas estavam um pouco doloridas, mas a ideia de

chegar ao palácio mais rápido tinha seu mérito.

— Sim. Acho que posso ir mais rápido.

Bron fez um som baixo e as duas feras no mesmo instante aumentaram o ritmo. O som dos cascos ressoava pelo campo. Apertando os dentes, Aeron se segurou no chifre central da fera, além de apertá-la com as pernas. Este seria um dia infernal.



Aeron não conseguia sentir seu traseiro ou a parte de trás das pernas. Não, realmente, era pior que isto. Os dedos dos pés estavam formigando. Tinha os dedos das mãos entorpecidos por agarrar o chifre. As costas estavam tremulas e se sentia como alguém que passou as últimas horas recebendo pedradas. O pescoço estava rígido, a cabeça doía e toda a energia que tinha ao sorrir para os soldados Draig, desapareceu. O caminho os levou para a montanha ao longo de um campo de treinamento atrás da casa do rei. Os homens estavam treinando, todos eles eram musculosos e grandes e os seguiam com o olhar. Alguns sorriam, mas a maioria a observava em silêncio como se a estivessem julgando. Ela manteve o olhar baixo, desejando estar mais apresentável. Junto a ela, Bron parecia bonito e majestoso. Ela parecia um pedaço de tudo menos isso.

Portas de ferro se abriram na entrada que conduzia para a lateral do grande palácio. Na distância, a montanha se via como qualquer outra, mas Aeron logo percebeu que a porta do palácio estava camuflada dentro da pedra vermelha. Cúpulas largas permitiam a entrada da luz dentro da rota em um túnel vermelho. Continuando, havia uma porta espessa.

Bron falou com o guarda no idioma Draig. Ela esperou, tentando não chamar atenção sobre si mesma, já que estavam no palácio. Bron abriu caminho através dos corredores. O palácio da montanha era pitoresco como um palácio deveria ser. Estava limpo e decorado com bonitas pinturas e esculturas. Tapetes estavam pendurados nas paredes, junto com emblemas de dragões. O salão principal do palácio Draig tinha cúpulas no teto para filtrar a luz. Segundo Bron, as bandeiras ao longo das paredes representavam a linhagem da família real, uma cor para cada família: púrpura para o rei e a rainha, verde para o príncipe Olek, vermelho pra o príncipe Zoran, azul cinza para o príncipe Ualan e preto para o príncipe Yusef. Cada bandeira tinha o símbolo prata do dragão. O chão era de pedra, estava limpo e o salão vazio, com apenas alguns empregados. Ao verem os recém-chegados, saíram rapidamente.

— Não deveríamos nos limpar primeiro? — Aeron perguntou olhando para suas roupas sujas.

— Primeiro temos que saudar o rei e a rainha. É o costume — Ele seguiu seu olhar para baixo. — Está bonita.

— Vejo que o efeito do cristal sumiu — A rainha Mede irrompeu no salão. Sorriu para o sobrinho. — O rei ficará aliviado. Teria vindo saudá-lo, mas está em uma reunião.

O sorriso da mulher parecia amável, mas os olhos eram agudos enquanto observava tudo ao seu redor. Estava impecavelmente vestida. Um leve brilho passou por seu olhar quando observou as roupas de Aeron. Seu sorriso diminuiu enquanto olhava para o sobrinho. Para surpresa de Aeron, Bron parecia tímido ante sua tia como se ouvisse uma bronca silenciosa.

— Veio para nos assegurar que está tudo bem? — A rainha perguntou quando ninguém falou. — Admito que não esperava que voltassem tão cedo, mas fico contente por estar errada. Dá-me esperança de que meus próprios filhos logo consertem seus casamentos. Devem desculpá-los por não estarem aqui.

— Está tudo bem com os príncipes? — Bron perguntou.

Mede levantou a mão, negando-se a falar mais.

— Esta historia ainda está sendo escrita. Vou deixar que seus primos contem quando tudo estiver terminado.

Bron assentiu. Aeron estava muito curiosa sobre o que a rainha queria dizer com isso. Mordeu o lábio inferior, evitando perguntar.

— Vou preparar a ala de convidados — A rainha fez uma pausa, olhando para a roupa de Aeron. — A costureira está muito ocupada com as princesas neste momento, mas vou mandá-la para você. Não há razão para que não possa atender a minha sobrinha também. — A rainha Mede lançou um olhar penetrante para o sobrinho.

— Obrigado, minha rainha — Bron agradeceu timidamente. — Não houve tempo para vermos essas coisas na cabana. De fato, voltei rapidamente porque preciso falar com o rei sobre um assunto importante sobre as minas.

Mede ficou tensa.

— Ele está no escritório. Já conhece o caminho.

Bron assentiu. Aeron tentou segui-lo. Mas Mede agarrou seu

braço.

— Eu mostrarei a ala dos convidados, onde você poderá se instalar.

— Mas... — Aeron tentou protestar. Ela não queria ficar sozinha com a mulher.

A rainha foi taxativa.

— Que os homens cuidem de seus negócios. Gostaria que nos conhecêssemos melhor.

No momento que se virou para olhar para Bron, este já havia desaparecido. Aeron queria que ele tivesse esperado por ela. Queria ouvir o que ele diria ao rei, para se assegurar que diria ao homem o que o rei precisava saber. Com poucas opções já que a rainha a olhava expectante, ela se moveu para seguir obedientemente a mulher. Aeron não falou. O que poderia dizer? A mulher pertencia a realeza, o que já era intimidante por si mesma. Também era a tia de Bron. De repente, todo o poder do seu novo marido se converteu em algo muito verdadeiro. Bron estava relacionado com a realeza. Inclusive em um planeta primitivo, era uma impressionante posição de poder e responsabilidade.

Aeron olhou ao redor do interior do palácio. Ali não parecia primitivo. Viu toques de tecnologia na decoração. Para um olho inexperiente, seria impossível ver, mas viu muito de tecnologia em sua carreira de Analista. Em muitas ocasiões, era seu trabalho analisar certas transmissões específicas para se assegurar que não havia códigos ocultos ou anomalias nos planos.

Os corredores pareciam intermináveis, como se

deliberadamente fosse criado um labirinto para que as pessoas se perdessem. Finalmente pararam em uma porta, e a rainha deu uma breve ordem. A porta se abriu. Sim, os Draig tinham mais tecnologia do que mostravam. Dentro havia um apartamento, com uma suíte completa com cozinha e banheiro. Era uma dos lugares mais impressionantes que ela já viu. A riqueza a lembrava das propagandas de um refinado spa.

Piso de mármore cinza contra o vermelho das paredes de pedra. A água caía em cascata contra uma parede de um dos lados da porta. O suave som da água era de alguma maneira tranquilizante. Plantas de cores claras cresciam entre as rochas na cascata em miniatura. A sala era aberta, com um sofá circular ao redor de uma lareira. Acima, o teto curvado permitia a luz externa entrar. A rainha apertou um botão, abrindo as cortinas de grande tamanho para atenuar a luz e deixar o ambiente mais cômodo.

Uma porta aberta levava para a cozinha. Reconheceu os aparatos dentro dela como iguais aos da cabana. Plantas estavam penduradas no teto, trepadeiras com folhas amarelas e azuis. Uma videira cobria o lugar como se fosse uma grinalda natural. Uma porta revelou o banheiro próximo a cozinha. Havia uma banheira em seu interior. Perguntou-se se funcionava ou era de alguma forma arrumada para impressionar os visitantes.

— Montar ceffyls não é para todos — A rainha comentou depois de dar à sua hospede tempo suficiente para olhar ao redor. — Foi o que me disseram todas as mulheres que chegaram ao meu planeta.

— Então a senhora nasceu como shifter, quer dizer como Draig — Aeron falou antes que pudesse evitar.

— Sim — A rainha sorriu. — Sou Draig. — A mulher deixou que os olhos mudassem brevemente. — Bron certamente já lhe contou sobre o nosso dom. Alguns homens acham que precisam proteger suas esposas e esperam algum tempo para contar. Como se um shifter dragão fosse algo do que se envergonhar.

— Acho que o fato de ser algo raro, é o que realmente assusta. O medo do desconhecido — Disse Aeron suavemente. A rainha ficou olhando como se quisesse falar, mas não tinha certeza do que dizer. — Parece um tema muito comum entre as culturas exóticas das quais ouvi falar.

Mede a olhou pensativa.

— Não há muito sobre a cultura Draig nos arquivos da Federação ou no Noivas da Galáxia — Aeron viu como a mulher se animou ante a menção da Federação.

— Você vem da Federação?

Aeron assentiu. Não tinha sentido esconder desde que estava ali para adverti-los.

— Sou Analista Civil. Por isso vim ao seu planeta.

A rainha foi até o sofá e se sentou. Fez um gesto para Aeron fazer o mesmo. Aeron foi se aproximando lentamente, obedecendo a ordem silenciosa.

Depois que Aeron sentou, a mulher disse: — Pensei que tivesse vindo ao nosso planeta para encontrar o amor, não para analisar.

— Não.

— Mas você estava na nave do Noivas da Galáxia — A rainha a olhava fixamente.

— Foi a única viagem que pudemos encontrar.

— Nós? — A rainha questionou.

— Eu viajava com a minha irmã. Ela sabe como se mover pelo universo melhor do que eu.

Aeron tentou relaxar, mas suas costas estavam rígidas. Olhou para a lareira. Seu fundo estéril fez pouco para prender sua atenção.

— Entendo. Mas você veio aqui, conheceu o meu sobrinho e os planos mudaram? Agora Aeron, você é a esposa do Duque de Draig.
— A rainha falou como se tal título fosse uma satisfação.

Aeron não se moveu. O que poderia dizer? Ela nunca pensou em si mesma com um título, nem com poder. A ideia a fazia tremer de preocupação.

— Entendo — A rainha repetiu, desta vez não tão otimista. — Você não decidiu ficar.

— Não tive outra opção — Aeron corrigiu. Não queria falar mal de Bron para sua família, mas também se negava a mentir.

— Todos temos uma opção — Refutou a rainha. — Peço que considere a sua decisão com muito cuidado, especialmente se está pensando em deixá-lo. Com certeza percebeu o quanto Bron se preocupa com você. É obvio o muito que a aprecia.

Obvio? Neste momento, os olhos de Aeron se levantaram para a rainha.

— Diz isso porque o cristal brilhou? Isso deve ser uma reação química, algum tipo de indicador biológico. Não acho que signifique amor.

A rainha Mede inclinou-se em seu assento em direção a Aeron.

— Não sei como o cristal funciona ou o motivo. Porém, não ponho em dúvida por que sei que funciona. Os homens de Qurilixian e nós, as raras mulheres, recebemos um cristal quando nascemos. É o nosso guia. Quando os casais são escolhidos pelo cristal, suas vidas se unem de uma maneira que não pode ser desfeita e não posso imaginar quem gostaria de se desfazer de um presente tão valioso. Existe uma troca parcial de suas almas. Ao quebrar o cristal, o casal assegura que não tenha volta. De certo modo, você agora é o guia dele.

Aeron franziu o cenho. A mulher parecia muito segura de suas palavras.

— Você falou que os homens Qurilixian ganham um cristal quando nascem. Todos os homens de Qurilixian? Todo o planeta faz isso?

— Os Draig — Mede esclareceu. — Sim. Todos os Draig. Não acredito que os homens de Var façam algo assim. São nossos inimigos e seus costumes são diferentes dos nossos.

Aeron se limitou a assentir.

— Entende o que estou dizendo Lady Aeron? Sabe o que significou quebrar o cristal de Bron?

Aeron balançou a cabeça em negação. Ouvia com atenção cada

palavra.

— Significa que colocou todas as possibilidades dele ser feliz em você. Ele deu parte de si mesmo para você, compartilhou a vida dele com você. Nunca haverá ninguém mais para ele enquanto viver.

Aeron sentiu lágrimas nos olhos. Enquanto ele vivesse? Isso significava centena de anos. A vida dele poderia ser severamente encurtada devido a união deles.

— E o que acontece se eu morrer?

— Então será muito triste. Não haverá outra em sua cama ou em seu coração. Simplesmente não pode ser — A rainha sorriu abertamente. Aeron descobriu que gostava da mulher, embora estivesse um pouco intimidada por seu poder, tanto real quanto físico. — Por isso que fará todo o possível para protegê-la. Sei que os meus sobrinhos são como os meus filhos. Podem ser possessivos e impossíveis as vezes. Eles nos fazem girar em círculos até que desejemos bater a cabeça na parede mais próxima. Mas podem ser domados. Atirei umas quantas pedras em meu marido. Posso ser Draig, mas isso não faz com que meu marido deixe de me tratar como uma flor rara que necessita de constante vigilância. Na verdade, tento me defender contra ele.

Aeron engoliu nervosa, tentando processar tudo o que ouvia.

— Não posso mudar. Não posso fazer nada especial.

— Isso não é verdade — Mede sorriu. — Você pode amar seu esposo e o honrar. Há muito que dizer sobre isso. Todos os grandes projetos no universo ficam pálidos em comparação com o amor e a família. Todo o trabalho no mundo não significa nada quando estão

contra o fato de ser mãe, esposa e companheira. Isto não quer dizer que não possa trabalhar se assim desejar, mas é algo nobre se podemos traçar um caminho simples para mantermos a nossa família bem cuidada. Sou a rainha. Governo metade do planeta. Tenho poder e respeito. Negocio e entretenho raças alienígenas e, no entanto, se me perguntar, sabe o que diria sobre qual o meu papel mais importante?

— Esposa e mãe? — Aeron sugeriu.

— Sim, cuidar da minha família.

— É muito tarde para parar o processo? Bron pode encontrar outro cristal?

Aeron lembrou que Bron explicou algo a respeito para ela, mas a rainha tinha uma maneira de explicar que Bron não tinha. Seu marido fez soar como um comando que ficasse com ele, tudo dependia do dever e honra, tradição e destino.

— Eu vi a forma como ele olha para você. É muito tarde para ele. Perceba que mesmo sem a conexão estar completa, ele já lhe deu sua vida. Diminuiu os dias dele para estender os seus, para que seus destinos pudessem permanecer entrelaçados. Se optar por deixá-lo, ele ficaria sozinho pelo resto da vida. Se você morrer, ele ficará sozinho. Sem nosso sol azul, sua vida se desenvolverá da maneira normal, talvez se estendendo alguns quantos anos mais do que o habitual. Quando ele a levou para sua tenda, foi escolha dele. Quando você ficou, a escolha foi sua. Isso é tudo o que ele terá na vida. Assim, por favor, rogo pelo bem do meu sobrinho e pela minha família, considere seu futuro com muito cuidado. Vejo que está pensando em ir, e repudiar seu casamento. Tenho certeza que Bron

pensa que irá ficar. Não poderia ser diferente, ele não iria trazê-la ao palácio se fosse de outro modo, não depois que o rei ordenou que ficasse na cabana até que seu casamento estivesse bem.

Aeron não poderia negar. Ela pensava em abandoná-lo, não porque queria, mas porque tinha medo. Seu planeta de origem explodiu. Poderia ela realmente aceitar um novo sabendo o que sabia sobre os Toye? Parecia uma opção destinada a angustia e dor.

— Como é possível tudo isso? Não pode ser a radiação — Aeron tentou raciocinar. Se fosse verdade, quando ela morresse Bron ficaria sozinho. E não seria capaz de manter sua linhagem. Era quase capaz de acreditar em toda essa confusão.

— Porque questiona? Sente a verdade? Começou a sentir o que ele sente. Ele sente o que você está sentido. Se estiver descontente ele ficará também. Se estiver feliz, ele sorrirá mais.

— Se não é amor o que temos, então ao menos ele poderia ter uma companheira futuramente, não?

A rainha se limitou a rir, com a pergunta reveladora.

— Está curiosa, não? No passado, os rapazes deixavam o planeta de vez em quando para as tarefas de embaixadores. E por mais desagradável que eu considere, sempre havia mulheres com pouca moral que faziam programas com os guerreiros. São homens, depois de tudo. Tais atividades são para os homens solteiros, um simples meio de passar o tempo enquanto seu destino não é definido. Uma vez casados, não buscam este tipo de coisas. Ele nem sequer desejariam, pois a esposa saberia de imediato. Além disso, mesmo distante, se quisesse, você saberia também. Mas, ele não

desejará mais ninguém, pode ter certeza.

Aeron não estava segura de como responder. Ela não perguntou pela vida sexual de Bron, mas a ideia lhe dava muito prazer.

— Dei-lhe muito no que pensar. Amo a minha família, mas os homens são homens e às vezes esquecem que nem todos pensam como eles. Parece que o melhor é informá-los, se são muito evasivos — Mede sorriu. — Posso ver por sua expressão que evasivas são um problema. Esses homens e seus segredos. Realmente acreditam que podem enganar suas esposas? — A rainha levantou. — Você tem muito poder, sobrinha, como todas as mulheres. Seu marido se comportará como ele acha que deve para proteger sua honra e você. Mas na verdade, você tem todo o poder nesse casamento. Se o aceitar, ele lhe dará tudo o que ele é e tem, além de fazer tudo o que puder para satisfazê-la. Use esse poder sabiamente.

Aeron assentiu.

— ... ou terei que persegui-la.

Aeron assentiu novamente, em busca de um sinal de que a mulher estava brincando. Não estava.

— Bom — A rainha apontou para o banheiro. — Vou deixar que você tome um banho relaxante. Nós somos quase do mesmo tamanho, acho que tenho alguns vestidos que ficarão bem em você.

— Não posso aceitar — Aeron protestou.

— Não é possível caminhar pelo palácio vestida assim — A rainha decretou. — É compreensível depois de uma viagem, mas não

depois que mostramos a nossa hospitalidade.

— Não quero envergonhar ninguém — Além dela mesma, Aeron pensou.

— Então está decidido. Deve encontrar tudo o que precisa nos armários. Bron se unirá a você quando terminar os assuntos com o rei.



— Você confia na sua esposa? — O rei Llyr observou o sobrinho por trás da mesa, no escritório real.

— Sim — Bron disse sem vacilação. Ele olhou para a lareira acima dos ombros do rei. — Eu aposto a minha palavra.

— Isso é tudo o que eu preciso saber — O rei assentiu, aceitando a palavra de Bron.

Bron se moveu de onde estava olhando o fogo. Caminhava com uma graça natural para tomar seu lugar na mesa do rei. Havia vários documentos na frente do homem, uma grande pilha de pergaminhos.

— Esta não é uma boa notícia — O rei observou Bron com olhos cansados. — Tenho minhas mãos cheias com a ameaça Var. Estão temerários nos últimos tempos. Este último grupo de noivas parece decidido ser problemático. Nenhum dos casamentos reais está bem. Gostaria de cancelar o envio de possíveis noivas no próximo ano, até que possamos investigar porque muitos estão assim, mas não gostaria de um motim por parte os homens. Vários soldados estão prontos para se unirem aos solteiros e vamos ter um

número recorde de homens nos próximos cinco anos. Ao que parece, os casamentos reais e nobres deram mais esperança aos homens. Por anos não tem havido outra forma de trazer noivas. Nunca encontramos os legendários portais de nossos antepassados que dizem estarem enterrados debaixo da terra, para que possamos outra vez sequestrar noivas de outros planetas. Não tenho nenhuma alternativa a não ser a Noivas da Galáxia.

Bron não respondeu. O que poderia dizer?

— Tudo isso, e agora tenho que me preocupar com um possível ataque do espaço por uma raça de alienígenas que nunca ouvi falar — O rei suspirou.

— Mirek cuidará da ameaça e vamos apresentar relatórios das nossas conclusões — Bron pensou na sua mulher e se perguntou o que ela e a rainha estavam conversando. Ele sabia que sua tia era muito possessiva com a família e esperava que Aeron não expressasse sua infelicidade com a mulher. A rainha não duvidaria em colocar Aeron de castigo.

— Vou falar com Zoran e ele poderá colher informações com os homens. Por agora, vamos dizer que tem haver com a ameaça Var, o que não é uma mentira. Não quero que os homens fiquem distraídos olhando para o céu em busca de uma possível ameaça, quando os Vars são muitos reais neste planeta — O rei olhou para o teto, como se pudesse ver através da pedra para o universo além.

— Que os inimigos tentem tomar nossas minas — Bron declarou. — Meus irmãos e eu estaremos prontos.

O rei sorriu, como se parte dele desse as boas vindas à batalha

espacial.

— Confio que sim. Vou deixar este assunto com vocês. Fale com a torre de comunicação, e com mais ninguém. Jorne estará ali, ele é discreto. Se uma nave não autorizada se aproximar, estaremos prontos.

— Eu garantirei que sim.

— Seus irmãos já devem estar em casa, Bron.

— Todos, menos Alek. Deixei-o na cabana.

— Claro — O rei assentiu. — Seu resgate. Fui informado que a sua noiva teve animo para vir em busca de ajuda no palácio.

— Sim — Bron não mencionou o fato de que sua esposa provavelmente o fez por medo, não foi planejado, mas os atos mais valentes eram realizados por medo. Assim, estava orgulhoso da sua esposa.

— Sua captura, ainda que de origem incerta, é muito suspeita. Os Vars não o deixariam sob a terra para apodrecer, mas não podemos descartar nada. Não espero que aqueles gatos lutem com honra. Como já disse, estão ficando atrevidos e inquietos. Temo que o rei Attor logo ataque o palácio. Ouvi rumores de que estava no Festival.

— Meus soldados estão prontos e os mineiros vão defender suas casas — Bron assegurou. — Vou me assegurar de manter tudo escondido e duplicar a guarda.

— Envie relatórios — O rei exigiu. — E talvez seja hora de prepararmos os dispositivos entre a cabine de comando e o palácio.

Vou pedir um técnico para olhar.

— Não o usamos há mais de trinta anos — Bron meditou. — Podem ser reparados? Acho que usamos algumas partes para reparar a conexão entre a minha casa e palácio há uns dez anos atrás.

— Tanto tempo assim? — O rei balançou a cabeça. — Não é nenhuma surpresa. Quem deseja ser incomodado pelo dever quando está caçando? Seria uma lástima perder o descanso, mas vou reparar os sistemas, no entanto. Não podemos ficar sem comunicação no caso de haver um ataque. Esperemos que os Vars e esses Toyes não queiram atacar no mesmo dia.

— Vou revisar o sistema na minha casa também — Bron mantinha a linha principal de comunicação entre sua casa e o palácio, mas as outras não estavam em bom estado. A maioria das notícias eram entregues pessoalmente e a reparação dos dispositivos de comunicação através da montanha não seria uma tarefa fácil. Transmissões por satélite poderiam ser ouvidas, assim teriam que utilizar métodos terrestres.

— Se tivermos sorte, um de vocês se casou com uma mulher experiente em comunicações — O rei sorriu esperançoso.

— Falarei com Aeron. Talvez ela saiba algo a respeito. Era uma Analista de Comunicações da Federação. Foi como descobriu a notícia da ameaça.

— Uma pessoa experiente em comunicações? Olhe, os deuses tem um plano — O rei sorriu. — Há uma boa razão para Aeron ter vindo para você.

Bron não pode evitar sorrir.

— Se o ataque for certo, ficaremos devendo muito à sua esposa. Terei certeza de preparar um banquete em sua honra em poucos anos, uma vez que todos estes casamentos rebeldes se resolvam, e as princesas estejam bem estabelecidas.

Em seu mundo, alguns poucos anos não eram nada em comparação com a vida de centenas de pessoas. Bron assentiu.

— Minha família se sentiria honrada com tal generosidade.

O rei ficou de pé, respondendo com ironia.

— Generosidade nada. Minha esposa desfruta do entretenimento e ficará encantada com a desculpa de ter os filhos no palácio. Não se surpreenda se ela usar sua esposa para trazê-lo com mais frequência ao palácio. Não o vemos o suficiente.

— Viremos sempre que quiser — Bron concordou.

— Não diga isso para a minha esposa. Ela construiria alas e nunca deixaria que fosse embora. Ela o ama como aos nossos próprios filhos.

— É verdade — Bron concordou. — Mas ela logo se cansará de todos nós aqui. Eu a ouvi repreendendo os filhos e ameaçando mandá-los para fora da montanha junto com os primos.

— Isso foi antes da chegada das noras — O rei corrigiu. — Agora ela está mais calma. Pelo menos durante os próximos vinte anos. Um pequeno respiro que terei — O rei soava grave, mas Bron conhecia o homem e sabia que ele adorava a esposa. Ele estaria perdido sem ela. Mede era o universo de Llyr, sua razão de viver.

Não havia vergonha nisso, apenas honra e amor.

— Falando em mulheres, tenho que encontrar a minha. Não podemos ficar muito, devemos encontrar Mirek e assegurar as precauções necessárias.

— Fiquem esta noite. Amanhã chegará o suficiente rápido e seus animais estarão descansados. Se sair muito rápido os empregados especularão. Está convidado para jantar, ainda que imagino que os recém casados não irão querer comparecer — O rei levantou a mão. — Não. Antes que negue, me limitarei a decretar que jante na ala de convidados e trabalhe na reprodução de alguns herdeiros para que a rainha possa mimar.

— Apenas a rainha? — Bron arqueou a sobrancelha.

— Talvez eu estenda a generosidade se as crianças forem da família — Llyr manteve o rosto inexpressivo. Para um estranho o homem pareceria duro, mas a família o conhecia melhor.

— Sim, é claro. Como a carga secreta de espadas em miniatura, escudos e armaduras que comprou depois da cerimônia do ano passado, quando decidiu que seus filhos participariam?

O rei o olhou surpreso.

— O ferreiro que contratou trabalha perto da minha casa. A insígnia real o delatou — Bron sorriu. — Pediu oitenta e oito pares? Seus filhos sabem dos seus planos de uma família grande?

— Não sei do que está falando — O rei começou a reorganizar os papéis em sua mesa. — Além disso, é apenas vinte netos por filho. A metade quando se contam as crianças. Não é tão grande,

especialmente se considerar os anos da maternidade.

— Seu segredo está a salvo comigo, sua majestade! — Bron começou a rir. — Mas tem que me deixar estar ali quando informar às princesas que terão vinte e dois filhos... Nem que seja para ajudá-lo a escapar das mulheres irritadas.

Capítulo Onze

— Você gosta de crianças?

Aeron piscou os olhos cansados. Não ouviu Bron entrar no banheiro. Seguiu seu primeiro instinto e cobriu os seios com os braços. Desde que ele já a tinha visto sem roupas, pareceu como um gesto tolo. No entanto, não se moveu para revelar seu corpo nu sob a água da banheira.

O banheiro era artesanalmente de pedra vermelha da montanha. A banheira grande foi esculpida no chão de pedra com escadas que levavam para baixo em sua profundidade. A fonte natural borbulhava desde baixo apenas para ser distribuída como um banho quente. A pressão em costas era muito boa, ela estava relutante em sair, enquanto suas bochechas ficavam vermelhas e começava a suar. Empregados levaram uma bandeja de comida e o estômago cheio combinado com o calor do banho a fez sentir sono.

Não era um banheiro normal, como era de esperar em um mundo tão simples e havia um espelho grande redondo logo acima. Havia também um armário com varias roupas de cama e outros artigos de higiene. Com um giro, a luz exterior clareava o lugar.

— Se gosto...? — Aeron repetiu lentamente, tentando se concentrar. Bron era bonito. Seu peito estava nu e tentava abrir a calça. Parecia completamente despreocupado com o fato dela admirá-lo.

— De crianças — Ele falou.

— Não conheço nenhuma criança — As mãos de Aeron relaxaram um pouco e os cotovelos deslizaram novamente na banheira. Ainda se escondia dele. — O que disse o rei? Os Toyes fizeram contato?

— O rei ordenou que me ocupasse do assunto. Não, os Toyes não fizeram contato — Bron entrou na banheira. Seus olhos se moveram para baixo, onde ela escondia os seios. — Quer filhos?

— Nunca pensei nisso — Era verdade. Bom, até que a rainha mencionou sua família, antes nunca considerou. Em sua condição, não iria ver os filhos na idade adulta. Poderia fazer realmente isso com uma criança? Lembrava-se muito bem dos seus pais, do seu povo. Em seu mundo os pais tinham filhos e na sua vez, os filhos no momento adequado também procriavam, e o ciclo da vida continuava. Não havia pensado em seu relógio biológico assassino e não sabia o que fazer. As crianças herdariam as características de Bron ou dela? De qualquer forma, não estava preparada para ser mãe. Talvez sua linhagem morresse com ela e Riona. O que ela sabia sobre maternidade? Apenas começou a imaginar viver nesse mundo como uma esposa. De todos os modos, ela estava muito cansada para pensar nisso neste momento. Não era uma prioridade.

— Assim, o rei esta levando a ameaça a sério?

Bron entrou na banheira e lentamente levou seu corpo para o centro. Moveu as pernas para esticá-las.

— Claro que está levando a sério a ameaça contra o nosso povo — Bron afirmou.

— O que vamos fazer? — Aeron rapidamente continuou a

conversa antes que saísse correndo.

— Nós?

— Você disse que o rei nos encarregou da questão. O que faremos primeiro?

— Nós? — Bron negou com a cabeça. — Não, ele me deixou encarregado da questão. Eu vou lidar com isso.

As mãos de Aeron caíram completamente, esquecendo-se de se esconder. Ela franziu o cenho.

— Entendo — Aeron falou friamente.

— Bom — Ele começou a se aproximar dela. O homem tinha a audácia de sorrir.

Aeron se afastou.

— Apenas há espaço para um aqui — Ficando de pé, deu um passo para fora da banheira. — Vou deixá-lo sozinho.

— Mas... — Ele ficou de pé na banheira. Ela testemunhou sua ereção.

Aeron forçou um olhar indiferente por seu corpo. Logo falou ironicamente.

— Tenho certeza de que pode lidar com isso — Ela saiu da banheira, nua e molhada. Oh, ela estava louca de raiva! As mãos tremiam. O homem irritante tinha sorte de não tê-lo afogado. Se queria atuar todo prepotente, então poderia fazer frente a ele. Ela não iria passar o resto da vida sendo tratada como uma empregada. Um arrepio a percorreu, estendendo-se por seus braços e pernas.

Deveria ter pegado uma toalha seca, mas era muito tarde para voltar atrás. Ignorando-o passou pela cozinha e foi para o quarto, que havia explorado depois que a rainha a deixou sozinha. A cama era grande com uma colcha de pele e varias almofadas no centro. Um arrepio voltou a passar por sua pele úmida. Sem pensar, puxou a colcha de pele e deitou na cama. Agarrou algumas almofadas, colocou ao redor do corpo e na cabeça. Logo ficou quente e suspirou com comodidade, obrigando-se a relaxar. Tinha que descansar e ser racional. As cortinas estavam fechadas assim o quarto estava escuro. Fechou os olhos. Informou ao rei. Sua missão estava cumprida. No momento, sentia-se como se finalmente pudesse descansar.

Bron olhou fixamente para sua ereção com incredulidade. Ela o deixou lidar com ela por sua própria conta. Tal coisa não era desconhecida para ele. Poderia manejar suas próprias necessidades físicas. Por tudo que era sagrado, cuidou de tais necessidades toda sua vida de adulto. Este não era o ponto. Estava casado agora.

O sexo era a única coisa que pareciam fazer bem juntos. Era a única coisa com a qual concordavam em silêncio. Como ela foi embora assim? Era a linha entre eles que dava a esperança de um futuro, de um casamento, de uma vida. O que aconteceu? Ela olhou para ele como se não o quisesse. Ela o deixou sozinho.

Bron agarrou sua ereção enquanto se sentava na banheira. Moveu as mãos algumas vezes, mas a paixão que sentiu momentos antes transformava o gesto em vazio. Sem se incomodar em terminar deixou cair a mão e se apoiou na borda da banheira. A água se movia ao redor e não se sentia tão bem como deveria. Olhou para a porta, desejando que Aeron voltasse para ele. Não o fez.

Perdeu sua paixão por ele?

Talvez não devesse ter mencionado filhos.

Bron fechou os olhos, incapaz de se concentrar. Seu corpo estava tenso de desejo insatisfeito. Com um grunhido irritado, levantou a mão e começou a se acariciar. Os movimentos furiosos não eram tão prazerosos, somente funcional. Sua liberação aconteceu mais como um alívio da pressão que outra coisa. Então, pegando o sabonete líquido, começou a passar por sua pele.

Pelas estrelas, o que Aeron queria dele? Não conseguia entendê-la. Queria advertir o rei sobre a ameaça extraterrestre. Ele fez isso. Queria que a situação dos Troyes fosse tratada. Ele se ocuparia disso. Porque a súbita frieza?

Bron esfregou o corpo mais forte. Garras cresceram de suas unhas em sua frustração. Pequenos fios de sangue correram por seu antebraço. Ignorando a ferida continuou esfregando. Se os deuses estavam ainda o castigando pela noite do Festival, estavam fazendo um bom trabalho. Estar casado com Aeron era uma tortura, quase como a ideia de perdê-la.

— Mulher maldita — Ele sussurrou em voz baixa. — O que você quer de mim?



Aeron bocejou, esticando as mãos sobre a cabeça. Ela olhou para o teto, tentando de forma automática descobrir a hora. Seu corpo relaxou e sua mente estava nublada com o sono, mas a luz do dia constante no planeta dificultava dizer se era noite ou dia. A luz parecia menos forte do que quando ela foi para a cama, mas estava

tão irritada com Bron que na verdade não se concentrou na luz e no tempo.

Ficou quase decepcionada ao ver que ele não estava na cama com ela. Certo, ela o rejeitou friamente. Bom, ele estava atuando de forma dominante.

Jogou os cobertores de lado, sentiu o frio do ar no quarto. Não era incômodo, apenas mais frio que sob os cobertores. Tentou passar os dedos pelos cabelos, mas estava embaraçado, já que dormiu com ele molhado. Com sua visão ajustada ao escuro, olhou ao redor, vendo com mais clareza que antes. Uma cadeira estava no canto ao lado de uma pequena mesa de madeira. Sobre a mesa havia uma pilha de roupas. Foi até elas, em busca de algo para vestir.

A rainha foi muito generosa em sua oferta de roupa para Aeron. Havia muitos vestidos bonitos. Vermelhos e azuis mesclados com bege e cinza. O cinza era uma opção mais útil com menos detalhes ao longo da barra, mas o azul era irresistível. Passou o vestido pela cabeça, ao mesmo instante se sentiu como uma princesa. Ou melhor, como uma duquesa. Assim foi como a rainha a chamou antes, não? Lady Aeron, Duquesa de Draig, esposa do Duque.

— Mais como a esposa de um arrogante, prepotente e dor no...
— Ela se distraiu enquanto acariciava a manga do vestido. O material era muito suave. Ela nunca usou nada parecido. A saia era larga em comparação com o outro vestido que usou. Sentia-se ousada, talvez fosse pela falta de roupa íntima, ou devido ao elegante corte do material. Não importava. Não pode deixar de se mover para que o tecido voasse por suas pernas.

Voltou a tocar o cabelo, sentindo o desastre e não havia forma de ver por si mesma. Tentou pentear com os dedos.

— Olá? — A rainha perguntou da porta. — Oh, que preciosa, encontrou os vestidos. Serviram?

Aeron movimentou a cabeça.

— Sim, obrigada.

— É uma opção interessante para a viagem — Disse a rainha. — Eu pensei no cinza. Ah, bom, agora são seus para fazer o que quiser. Trouxe Mirox para arrumar o resto dos vestidos. Vou esperar até que fiquem prontos e logo a levarei para se encontrar com o duque nos estábulos. Ele está na torre de comunicação e se unirá a você assim que terminarmos.

— Estamos indo embora? — Aeron engoliu. — Tão rápido? Pensei que teria ao menos um dia para conhecer o campo. Estamos... Aonde vamos agora?

— Bron não disse? — a rainha observou Aeron. — Oh, vamos cuidar disso para você, certo?

— O quê?

— Você deve ter dormido. Estava muito cansada quando conversamos antes — A rainha pegou um pente no armário e se aproximou. Ela fez um gesto para Aeron se virar. — Você irá para sua casa. Eu gostaria que permanecessem aqui por mais tempo, claro, mas agora não é um bom momento. Os novos casamentos devem se estabelecer. Entende, não?

Aeron assentiu. Os casamentos... Significava o casamento de

Bron? A rainha estava inquieta com isso?

— Você deve voltar. Talvez para a coroação? Tenho certeza que os príncipes e as princesas ficarão encantados de conhecê-la. Eles estão... — A rainha fez uma pausa em seu trabalho. — Indispostos no momento.

— Entendo — Aeron disse educadamente, ainda que na realidade não tivesse a menor ideia do que estava acontecendo com os príncipes e princesas de Draig. Duvidada que alguém fosse explicar. Ao que parecia, Bron nem sequer poderia explicar seus planos de viagem.

Para ser justa, no entanto, ela o deixou de forma um pouco brusca na noite anterior. A ideia a fez sorrir. Ele mereceu. E, se ele falasse com ela como uma empregada, faria novamente. A leve dor de insatisfação em sua região inferior protestou com o plano. Afastar-se foi difícil. Por sorte, teve sua ira para alimentá-la. Ela olhou com nostalgia para a cama. No entanto, teria sido bom tê-lo em sua cama, pedindo perdão...

A rainha puxou o pente em seu cabelo embaraçado. Aeron mordeu o lábio.

— Perfeito — A rainha entregou-lhe o pente. — Assim está bem melhor.



Bron olhou com nostalgia para o campo de prática onde seu primo, o Príncipe Zoran, lançava algumas facas com alguns soldados mais jovens. Recordava muito bem o jogo. Cada lançamento se aproximava mais até o soldado saltar para trás. O homem que

mantivesse sua posição por mais tempo sem que a lâmina acertasse seu pé ganhava. Havia alguns homens com cicatrizes nos pés, mas um médico sempre estava por perto, para o caso de acidentes.

Em vez de se juntar ao exercício, afastou-se para o pátio até um dos tuneis secretos do palácio. Andando vários metros dentro da montanha, através da via estreita, saudou o jovem soldado que estava de guarda. Com poucas palavras, o homem ficou de lado para Bron passar pelo posto de controle. O jovem soldado apertou um botão e começaram a subir na velocidade da luz, já que pegaram o elevador para a torre de comunicação. A torre ficava em cima da montanha como uma pirâmide feita por mãos humanas. Do fundo da montanha até o pico tudo parecia uma rocha. No entanto, no interior, era transparente como o cristal. Nem sequer os sensores do espaço seriam capazes de detectar sua localização, a menos, claro, que alguém fizesse uma comunicação não autorizada no momento equivocado do dia. Se as condições atmosféricas fossem ideais, uma onda de comunicação destinada a galáxia exterior deveria sair do palácio. Era um risco aceitável já que se adotavam medidas preventivas contra tais coisas.

— Informe Jorne — Bron disse ao jovem soldado.

— Sim, meu lorde — Respondeu o homem.

Bron parou perto de um homem que trabalhava em uma tela flutuante. Seus dedos se moviam no ar, fazendo com que a tela se movesse e mostrasse uma nova informação.

— Novos equipamentos?

O homem o olhou e assentiu.

— Instalado há três meses. Faz a interface e é portátil — Mostrou um pequeno dispositivo que estava na mesa. O homem apareceu na tela, logo pegou o dispositivo e bateu na mão. Era duro. Prático para o transporte de informações. — O rei ordenou que testássemos — O homem apertou o botão duas vezes. Voltou a aparecer na tela.

Bron assentiu em sinal de aprovação.

— Com a aprovação do rei, gostaria de ver as especificações do sistema quando terminar os testes.

— Sim, meu lorde — Jorne falou ao entrar no escritório privado. O homem era mais alto que Bron, porém mais magro. Tinha quase quatrocentos anos e desses, trezentos e oito a serviço da família real.

Bron fez um gesto para o escritório de Jorne. O homem assentiu com a cabeça e abriu o caminho para a o lugar privado e fechou a porta de metal atrás deles.

— O rei me enviou — Bron começou. Rapidamente disse ao homem sobre a situação antes de acrescentar. — Você não deve dizer a ninguém sobre isso. Se uma nave não autorizada se aproximar do nosso espaço aéreo, deve informar diretamente ao rei, a mim ou a um de meus irmãos. Esta informação é secreta.

— Como quiser meu lorde — Jorne concordou.

Bron falou com o homem um pouco mais, perguntando sobre a família dele. Seu último filho encontrou uma noiva na cerimônia e segundo o pai orgulhoso, estava se adaptando bem e muito feliz. Aparentemente o novo casal já pensava em ter filhos. Bron sorriu

educadamente e engoliu o ciúme amargo. Foi para o elevador e voltou para o chão. O ar da montanha o saudou. Zoran gritava ordens à distância.

Bron passou a noite no sofá, ouvindo o som da respiração de sua esposa no quarto ao lado. Aeron dormiu profundamente, sem quase se mover. Ele não teve tanta sorte.

Quando o empregado da rainha entregou vários vestidos ao amanhecer, ele os colocou na mesinha no quarto onde estava Aeron. Ela parecia tão tranquila que não quis acordá-la. Agora, sabendo que a rainha iria enviar comida e a levaria para se encontrar com ele nos estábulos, vacilou. Lançou um olhar nostálgico para o campo de práticas. A batalha parecia mais fácil de enfrentar do que uma esposa irritada.

Do chão, devido ao ângulo, era impossível ver as janelas ou balcões do palácio. Foram esculpidas assim, inclusive a distancia se via como uma montanha. No vale ao redor, perto de onde aconteceu o Festival, um pequeno povoado situava-se abaixo sob a proteção da casa Draig. A estrada era de terra rochosa, plana e uniforme. A aldeia era impecavelmente limpa, construída com quase perfeição militar. As casas eram de pedra e madeira, de modo que inclusive a mais pobre das famílias era bem acomodada.

Os estábulos reais ficavam acima da aldeia. Era uma estrutura rústica, retangular cheia dos melhores ceffyls do planeta. O cavaliço esperava junto a sua esposa. Por um momento deixou de caminhar. Ela não o viu enquanto conversava com o homem. Um sorriso aparecia em seu rosto. Ela sempre foi bonita para ele, mas ao vê-la vestida como uma mulher da nobreza em um vestido azul

escuro que a rainha deu, sentiu o fôlego faltar. A cor combinava com ela, acrescentando um tom rico ao cabelo negro e iluminava seus olhos escuros, com um fogo interior, aumentando o encanto.

Ao notar que o cavaliço o olhava, Bron começou a caminhar novamente. Os olhos de Aeron se voltaram para ele. Seu sorriso morreu. Então, olhou para o chão.

— Meu senhor — O homem saudou —, apenas estava dando a sua esposa uma mensagem para o senhor Alek. Um dos ceffyl saiu do isolamento e está muito melhor. Agora começou a comer normalmente.

Bron assentiu. Não conhecia a situação exata a qual o homem se referia, mas não era raro receber mensagens para seus irmãos. Foi essa conversa que colocou um sorriso no rosto da sua esposa? Um ceffyl?

— Vou dizer-lhe. Obrigado.

Os olhos do homem foram novamente para a nova duquesa antes de voltar para os animais. Se Bron não estivesse errado, achava que o homem poderia começar a salivar.

— Aconteceu algo? — Aeron o observou detalhadamente. Seu sorriso sumiu e ela tinha um aspecto preocupado.

— Algo? — Bron riu, mas o som não tinha humor. Ele pensou em sua longa noite no sofá. — Não. Nada. Absolutamente nada.

— Ah — Aeron relaxou. — Pensei que talvez, por sua expressão, os Toyes poderiam ter feito contato.

Os malditos Toyes. Claro, isso era o que ela estava pensando.

Isso era tudo no que ela parecia pensar. Bron se encontrou de repente sentindo ciúme desta misteriosa raça alienígena avançada tecnologicamente. Ele queria um deles para atacar apenas para poder golpear a criatura no rosto e aliviar um pouco sua frustração. Olhou para o céu verde. Estava sem sorte.

— Nos deram o feio novamente — Aeron apontou para o ceffyl. De fato, ela estendeu a mão para tocar as costas do animal e deu algumas palmadas. — O cavaleiro perguntou se queria a mesma montaria, a grande fera que pegamos do Alek. Disse que estava tudo bem já que o animal era o mesmo que montou, mas não tinha certeza de como funcionava o sistema. Quer outro animal?

— Está bom — Disse Bron, apesar do animal de Alek ser uma criatura temperamental que precisava de uma mão firme. Não era exatamente a melhor opção. — A maioria dos ceffyl pertence a minha família, mas a família real os usa como querem em troca de cuidar deles. É um sistema antigo, mas funciona bem para todos.

Automaticamente, ele a ajudou a subir no animal. Quando ela se equilibrou e seu vestido foi arrumado ao redor das pernas, Bron montou seu animal e o fez se mover com um leve puxão no chifre central. O animal de Aeron a seguiu. Pelo canto dos olhos, Bron a viu observar sua mão, como se tentasse imitar seus movimentos.

Viajaram ao longo do campo de prática, até a encosta com vista para a montanha. À medida que o caminho se abria, Aeron moveu seu animal para ficar ao lado dele.

— Seu povo sempre viaja tanto? — Aeron perguntou.

— Tanto?

— Estou quase todos os dias sobre um ceffyl desde que cheguei ao seu planeta. Estava me perguntando se era normal — Ajustou-se no assento, esticando as costas e os braços enquanto tentava manter o equilíbrio.

Bron escondeu o sorriso enquanto olhava para frente.

— Não. Não é comum.

— Fico feliz em ouvir isso. Não acho que meu corpo possa lidar com mais galopes — Ela se ajustou incomodamente sobre o animal, como para provar seu ponto.

Não havia nada que pudesse fazer para deixar a viagem mais fácil para ela.

— Quando chegarmos em casa, poderemos descansar um pouco.

— Casa — Aeron repetiu em voz baixa. Sentiu uma onda de tristeza passar por ela.

A conexão estava crescendo e Bron não tinha certeza de como parar isso ou se queria. A tristeza dela o atormentava, mas sem a conexão não teria sido capaz de detectar suas emoções.

— Eu desejo — Bron parou de falar. Limpou a garganta e disse mais forte —, eu desejo que seja feliz na sua nova casa. Qualquer coisa que precise, vou encontrar uma maneira de conseguir para você. A vida neste mundo não é tão difícil como pensa. Temos tecnologia, se é o que precisa para ser feliz. O que não tivermos, encontrarei para você. Tudo o que tem que fazer é pedir.

Ela o olhou com surpresa.

— Acaso estou me queixando? Não queria dar esta impressão.

— Não, não se queixou, mas posso sentir sua insatisfação — O animal sentiu a tensão do Bron, e tentou ir mais rápido. Ele obrigou a criatura a diminuir para um ritmo constante.

— Insatisfeita? — Aeron repetiu lentamente e olhou para ele. — Então a rainha disse a verdade? Podemos sentir um ao outro. Tive uma estranha sensação quando o vi nos estábulos. É... — Aeron fechou os olhos. Bron a sentiu tentando destravar os bloqueios mentais que ele construiu para mantê-la fora. Com um suspiro, ele abriu a mente para ela. Ela ficou sem fôlego. — Sinto preocupação. Não é medo, mas... Preocupação. Isso é verdade? — Ela negou com a cabeça confusa. — Está preocupado com os Toyes?

Ele não queria responder. Não, não era com os Toyes.

— Sinto a sua tristeza. Sei que não é feliz aqui. Sinto isso. Então, seja qual for a felicidade que puder dar a você, será sua. Simuladores de alimentos. Empregados. Vestidos. Joias. Espadas. Lasers. Computadores. Unidades médicas...

— Respeito — Aeron disse temerosa quando ele parou um pouco.

Isso o surpreendeu, mas percebeu que ela falava sério. No processo de tentar senti-lo, ela mesma se abriu para ele. Parou o ceffyl e se voltou para o palácio.

— Quem te faltou com respeito? Vou tratar com esta pessoa imediatamente.

— Bron — Ela disse.

A ira o percorreu. Ele deveria ter ficado ao lado dela o tempo todo.

— Bron, pare! — Ela não se moveu para segui-lo. A fera protestou quando ele levou seu animal até onde ela estava. — Refiro-me a você. A seu respeito.

Bron sentiu como se ela tivesse lhe dado um tapa. Não, ele teria preferido que ela tivesse lhe dado um tapa. Isso era muito pior.

— Se a tratei com falta de respeito, posso expiar isso de imediato — Bron respondeu. O que mais poderia dizer? — Vou encontrar um templo e...

— Não seja dramático — Ela interrompeu. — Um pedido de desculpa é o suficiente.

— Sinto muito — Ele falou no mesmo instante.

— Nem sequer sabe o que fez, verdade? — Ela suspirou. — A situação Toye. Fui eu quem lhe deu a informação. Sem mim, nem sequer ficaria sabendo, mas me ignorou varias vezes quando perguntei a respeito. Você me disse apenas que iria lidar com essas coisas.

— Eu o farei.

— Você disse eu, não nós — Aeron apontou para os dois. — Nós. Eu sou parte disso. Deixei tudo o que tinha para vir aqui avisar. Eu tinha uma vida. Poderia não ser emocionante ou aventureira, mas era minha e estava a salvo. Você parece ter a impressão de que a minha vida começou quando cheguei aqui. No momento em que ficamos juntos na tenda, meu relógio biológico

começou a funcionar. Estou morrendo, Bron. É a maldição do meu povo. Quando uma mulher tem relações sexuais, ela começa a morrer. Do contrário, viveria para sempre. Assim que quando me trata como uma simples mulher e me esconde informações, está me insultando. De uma maneira indireta, dei a minha vida para que esta batalha fosse possível. Deixei tudo para salvar o seu mundo. Então, se o incomodo ao perguntar sobre a ameaça alienígena ou sou persistente, é por isso. Quero que meus últimos atos signifiquem algo. Portanto, quando diz que vai lidar sozinho com a situação, me sinto desrespeitada.

Ela ficou animada enquanto falava. Bron desceu do animal e se dirigiu para ela.

— Morrer? Está você...? — Ele procurou sinal de dor, mas não viu nada. Cheirou o ar. Ela não cheirava mal. De fato, cheirava maravilhosamente bem.

— Sim. Não tenho muito tempo. Assim pode entender porque preciso que fale comigo sobre os Toyes.

— Quanto tempo tem? Tem que haver alguém que possa chamar. O médico do palácio. Um médico? A Aliança Médica terá uma resposta.

— Talvez uns cinquenta anos — Ela respondeu com tristeza.

— Cinquenta? — Bron franziu o cenho.

— Eu sei. Sinto muito — Ela não se moveu do ceffyl.

O cenho dele ficou mais franzido. Teria perguntado se era uma brincadeira, mas sabia que ela falava sério.

— Não é este o tempo de vida normal do ser humano?

— Humano da Terra sim, mas meu povo é de fora da Terra. Somos imortais até que tenhamos sexo.

— Você cheira a humano para mim — Bron respirou fundo.

— Eu sou humana, um tipo diferente... — Ela franziu o cenho e se mexeu nas costas do animal. — Acha que estou mentindo? Que razão teria para fazer uma coisa assim?

— Não, sei que não está mentindo, mas talvez você esteja enganada...? — Bron levantou automaticamente as mãos para ajudá-la a descer. — Pode ser que esta preocupação não seja válida. Quando se converteu em minha esposa nos unimos. Nós...

— A rainha falou sobre isso, mas não acho que vá funcionar comigo. Éramos bem jovens, eu e minha irmã, mas me lembro bem do que a minha mãe falou. Quando uma mulher tem relações sexuais, seu relógio biológico começa a funcionar e ela começa a morrer. A espécie deve continuar e é por isso que a maternidade deve ser cuidadosamente considerada e...

Bron suspirou com alívio, entendendo.

— Você era muito nova?

— Sim — Aeron franziu o cenho.

— Não está morrendo — Bron segurou o rosto dela. — Sua mãe estava tentando evitar que atraísse a atenção dos rapazes.

— Minha mãe não era uma mentirosa. Minha avó, minhas tias e primos não eram mentirosos. Todos sabiam que... — Fez uma

pausa e respirou fundo. — Foi a última coisa que a minha mãe...

— Última? Que idade você tinha quando a perdeu? — A expressão dele suavizou.

— Eu tinha dezesseis anos, quando perdemos todos — Revelou com amargura.

— Todos? Houve um acidente? Como uma explosão em uma mina? — Bron se aproximou mais, mas ela se afastou dele.

— Suponho que já não importa — Aeron se afastou do ceffyl. Os animais tiveram a oportunidade de começar a comer pelo caminho. Lambiam as plantas e depois as comiam. — A minha casa foi destruída. Não apenas a minha casa, mas o meu planeta. Os Gregoris tinham uma arma, uma arma muito potente e queriam testá-la. Meu planeta estava comodamente posicionado. Isso é tudo. Conveniente. A nave nem sequer pousou. Simplesmente apontou o laser para a superfície e acionou o núcleo. Tudo aconteceu muito rápido. Nós, a minha irmã Riona e eu, estávamos no espaço. Estávamos a caminho de casa depois de uma viagem escolar no Distrito de Zonar. O único consolo foi que a explosão destruiu a nave Gregori. Aparentemente, estava na linha direta de uma usina de energia. Má sorte para eles. Não havia maneira de calcular quanto seria projetado com a explosão da usina. A Federação estava nisso, mas decretou que todos os envolvidos estavam mortos. Por isso originalmente me apresentei para trabalhar na Federação, para ver seus informes de investigação. Chamaram de tragédia e isso foi tudo. Tudo que eu conhecia se foi e simplesmente se transformou em uma tragédia sem ninguém vivo para culpar.

— É de Jagranst? — Bron lembrou de contos do planeta que

morreu. Ela ficou tensa, mas assentiu com a cabeça. — Meu irmão Merik, ouviu variações da história de diferentes viajantes, quando estava no espaço negociando minério. Eu não sabia que houve sobreviventes. Nós ainda não tínhamos certeza se as histórias eram verdadeiras. Soavam como um conto de terror para assustar. Sinto muito pelo que passou, Aeron. Não sabia.

Não era de estranhar que ela estava tão desesperada para salvar o seu povo. Não imaginava ver sua casa, seu povo, seu planeta destruído ante seus olhos, sem nada que pudesse fazer a respeito, sem nada que pudesse fazer para evitar.

— Riona e eu somos o que restou. Não era minha intenção entrar neste assunto. Não tem nenhuma importância real para deter os Toyes ou o fato de que estou morrendo.

Bron sentia a preocupação, o medo e a tristeza dela. Agora conhecia a história da sua mulher. Ele era um homem de ação e, como tal, adotaria a única ação que podia. Neste momento, seria consolar a sua mulher tomando o controle da situação.

— Não sabemos com certeza que está morrendo — Simplesmente dizer que era o destino dela, não era o que um guerreiro como ele diria. — Vou me assegurar para que fique comigo, suprirei cada ano que falta. Se você morrer, morreremos juntos. Dou a você todos os meus anos, Aeron. Não vou te deixar morrer.

Cinquenta anos era muito tempo, em alguns aspectos, mas em comparação com a eternidade, entendia como ela se sentia sem ter muito tempo. Teria que ser suficiente. Se isso era tudo o que tinham, seria suficiente. Bron já não conseguia imaginar a vida sem ela. Era simples assim.

Bron não queria nada mais do que puxá-la para seus braços e mantê-la a salvo. Seu instinto lhe dizia para protegê-la como a delicada criatura que parecia ser. Mas havia uma força nela, nascida da tragédia e era impossível ignorar. Fosse qual fosse o tempo que os deuses dessem a eles, iria agarrar. Uma coisa que os Draig sabiam fazer, era lutar. O que viesse, o que tivesse que fazer, fariam. Juntos.

Aeron respirou fundo. Seu coração acelerou. Não olhou para Bron, ainda não. Um alívio estranho se apoderou dela quando disse a verdade. O passado era difícil de enfrentar, mas contar não foi tão difícil quanto imaginou.

Uma mão apertou seu ombro.

— Por isso veio aqui. Por isso está tentando salvar o meu povo de uma ameaça que não sabíamos que existia. Deu-nos a oportunidade que seu povo nunca teve. Devido a isso, agora somos conscientes do inimigo e estaremos prontos.

Ela sorriu. Uma lágrima rodou por seu rosto e limpou. Aeron o encarou. Seu rosto era expressivo, tranquilo e seguro, no entanto, havia uma preocupação. Aeron sentiu mais do que viu.

— Pensei que fosse o destino que me trouxe aqui. A vontade dos deuses.

— Isso também — Bron assegurou. A brisa balançou os cabelos dela. Bron levantou a mão lentamente e os tirou do rosto bonito. — Nenhum de nós sabe quanto tempo temos para viver. Não passe seus dias sentindo que está morrendo.

As palavras poderiam ter soado como uma ordem, mas eram suaves e suplicantes. Havia coisas que Aeron queria dizer, mas não

sabia por onde começar. Já havia falado muito. Ela não planejou isso. As palavras apenas saíram dela como se não pudesse mais guardar em seu interior.

— Se houver uma maneira, vou salvar você deste destino — Segurou o rosto dela com carinho. — Por todos os deuses, vou encontrar uma maneira de manter você comigo ou morreremos juntos.

— Não há razão para você morrer se...

O beijo de Bron cortou suas palavras. A suave pressão da boca dele a fez abrir a sua. Estava fascinada com ele, queria com cada fibra do seu ser se aproximar dele, e explorar os sentimentos em seu interior. Era impossível decifrar quais eram os seus e quais eram os dele. As sensações eram avassaladoras, como iria lutar contra tal paixão e desejo? Sentia-se querida, necessária. Desejava suas palavras, seu toque.

Sem se importar onde estavam, Aeron puxou as roupas dele querendo se aproximar mais. As mãos do Bron foram para as costas dela, avançando por baixo do vestido. Aeron levantou a túnica dele para expor o tórax trabalhado. O calor do seu corpo esquentou os dedos frios. Ela levou o rosto para o pescoço dele, beijando e mordendo a pele debaixo da orelha. Respirou profundamente, sentindo sua essência.

Aeron beijou o caminho de volta para a mandíbula. Ele falou algo ao seu ouvido, mas ela não entendeu as palavras Draig. As grandes mãos pareciam estar em todas as partes dela, cintura, costas, tocando a parte superior das coxas expostas. Aeron abriu a calça dele, desejando que houvesse uma forma de deixá-lo

completamente nu. Em um momento de lucidez, percebeu que estavam na estrada da montanha.

Ela tentou afastar a boca para expressar suas preocupações, mas os lábios dele não deixaram. Todos os pensamentos fugiram dela quando a língua dele massageou a língua dela em um golpe certo. Aeron passou a mão na parte da frente da calça dele, encontrando a ereção dura e pronta. A excitava o fato de que ele a desejava. Ele estava dentro da mente dela. Aeron ouvia em pensamento suas palavras apaixonadas pedindo mais, mas sua boca se ocupava dela. Seus pensamentos sussurravam novamente.

— Sim — Aeron respondeu gemendo.

Bron grunhiu, como se na realidade soubesse o que ela estava pensando. Soltoou a boca dela e ajoelhou. Olhando para ela, puxou sua mão para que ela o seguisse. Aeron sentou-se. Ela olhou para as montanhas e o vale que os rodeava. Ela não via ninguém olhando, mas isso não significava que não poderia haver alguém escondido.

Bron segurou seu rosto e exigiu sua atenção para ele.

— Está tudo bem. Não há ninguém por perto.

Aeron acreditou em sua palavra. Seus olhos brilhavam como ouro. Um arrepio a percorreu. Bron deitou no chão e a colocou sobre ele, levantou sua saia e as mãos se perderam nela.

Finalmente eram capazes de se unir verdadeiramente. Não como antes. Desta vez era diferente, mais íntimo. A conexão cresceu até que ela se converteu em parte dele. A ponta da sua ereção a roçava. Ela abriu a boca e mordeu o lábio, tensa pela espera. Bron a levantou um pouco, segurou o pênis e o guiou para a entrada dela.

Ela baixou o corpo, fechou os olhos quando as sensações de pertencimento entorpeceram seus sentidos. Seu desejo se mesclava com o dele, sua paixão vertida nele. Era uma loucura. Era perfeito. Uma loucura perfeita.

Aeron pressionou mais as mãos contra o peito largo enquanto se deixava guiar por suas investidas. A situação lembrava a primeira noite na tenda. Era incapaz de parar. Sentiu algo diferente nele desde o começo. Por muito que ele a frustrasse, ainda o queria. No princípio pensou que era apenas um prazer fugaz. Agora, já não sentia assim. Em troca, sentia-se como se o destino os houvesse unido.

O coração estava acelerado, batendo em seus ouvidos, superado apenas pelos gemidos suaves e as investidas fortes sob ela. O movimento lento de seus quadris era realçado pela força das mãos dele em seus quadris. O prazer aumentava lentamente.

Nenhum dos dois se precipitou para o clímax. Amavam esses momentos, a sensação absoluta um do outro bloqueava todas as demais.

Aeron observou o rosto dele. Paixão enchia sua expressão, dos olhos castanhos até o queixo. O corpo vigoroso ficou tenso. Sentiu-o flexionar os músculos sob a roupa. Ela puxou a túnica dele, deixando o tórax descoberto para tocá-lo. As estocadas ficaram mais rápidas, mais insistentes. Nada poderia parar o ataque de prazer que aumentava entre eles. Ela ficou tensa, fechando os olhos enquanto a cabeça caía para trás. Ambos atingiram a plenitude das sensações.

Devagar, a lucidez voltou. A respiração ficou mais devagar,

enquanto Aeron ainda lutava por ar. Bron se mexeu sob ela, o que a obrigou a abrir os olhos e observá-lo. Bron levantou o tronco. O movimento fez com que ele saísse dela. Aeron sentou sobre as pernas dele. Antes que pudesse falar, ele segurou seu rosto e a beijou. Ele parecia muito satisfeito com o que aconteceu. Não, era algo mais do que aparentava. Ele estava realmente satisfeito. E Aeron se sentia completa, percebeu apenas agora que seu coração estava desacelerando.

— É hora de levá-la para casa, minha dama — Bron falou contra os lábios dela. — Temos muito ainda para conversar.

Capítulo Doze

Aeron achava que era noite, mesmo que a luz não tenha mudado. O ar fresco balançava seu vestido e se alegrou pelas mangas longas, embora a saia estivesse suja do seu tempo no chão com Bron. Pensando nisso, ela sorriu e olhou para Bron. Ele a olhou e piscou. O sorriso dela ampliou.

Bron apontou com a cabeça para frente, quando se aproximaram de uma curva. Aeron voltou sua atenção para ver o que ele indicava. Seu sorriso congelou no rosto. Rodeado de montanhas e desfiladeiros com uma vegetação exuberante, havia um palácio. Ouviu Bron falar, mas era difícil ouvir o que ele dizia enquanto seu coração acelerava. Era isso. Sua nova casa.

O início.

A palavra a fez estremecer. Um medo percorreu seu interior. Levantou o olhar para o céu em busca de um sinal de qualquer anomalia. Uma parte dela esperava uma onda de fogo como chuva sobre eles. O som da voz de Bron atraiu sua atenção novamente para a fortaleza de pedra adiante. Não importava o quão forte fosse o castelo. Uma explosão vinda do espaço poderia destruir tudo. Ou mais provavelmente, no caso dos Toyes, um ataque em grande escala ao planeta.

O castelo estava localizado em um vale, uma mera fachada para as casas escondidas dentro da base da montanha, de acordo com Bron. A terra era da cor vermelha salpicada com cinza pelas pedras. Bron levou o ceffyl para uma grande estrutura retangular

que eram os estábulos. O animal abriu a boca silvando quando a língua deslizou por entre seus lábios.

— Muitas bênçãos, meu lorde — Disse um homem mais velho enquanto se aproximavam.

— Obrigado, Cenek — Bron respondeu. — Apresento a minha esposa, Lady Aeron. Minha dama, este é um dos nossos melhores treinadores de ceffyl, Cenek.

— Minha dama — O homem assentiu com a cabeça. Tinha o rosto rude, mas com um sorriso sutil que parecia irradiar quando ainda não aparecia fisicamente. Aeron não respondeu. Não conseguia. Tinha a garganta apertada com temor.

— Meus irmãos chegaram? — Bron perguntou enquanto se movia para ajudar Aeron a descer do animal.

— O senhor Mirek esta aqui com sua noiva — Cenek segurou os chifres dos ceffyl mandando-os para os estábulos. — É uma pena.

— Mirek trouxe uma noiva para casa? — Bron parecia surpreso com a notícia.

— Sim — Cenek assentiu. — Ela está viva. Os médicos foram vê-la e mais apareceram para examiná-la. Ela está confinada.

— Confinada? — Perguntou Aeron. A ideia a tirou de seus pensamentos preocupados. — É contagioso?

— Doença estranha, eu acho, senhora — Cenek respondeu. — O resto o senhor Mirek mesmo os informará.

Cenek seguiu os ceffyl para os estábulos.

— Ataque biológico? — Perguntou Aeron quando ficaram sozinhos. Seria uma maneira de acabar com a população do planeta, apenas movendo um dedo. Com suas palavras, Cenek parou brevemente perto do estábulo, mas não se voltou.

— Vamos falar com Mirek — Bron ofereceu o braço para Aeron enquanto a conduzia para a entrada principal do castelo. Diferente do palácio, não havia guardas esperando para lhes dar as boas vindas na entrada. — Se houvesse uma razão para nos preocupar, Mirek teria enviado uma mensagem. Tenho certeza de que o confinamento não é mais do que uma medida de precaução.

— É tranquilo aqui — Aeron observou, olhando ao redor. No palácio havia soldados no campo se exercitando. O som dos treinamentos se ouvia de longe, misturado com risadas. — Há outras pessoas vivendo no castelo?

— Apenas a família. Alguns empregados dormem às vezes aqui, se ficar muito tarde para voltar para casa. Há uma comunidade perto das minas e mais famílias espalhadas pelo bosque. Como pode ver com Cenek, não somos formais como no palácio. Nós preferimos que as coisas sejam mais simples. Todos conhecem seu trabalho e o fazem. Vão e vem como querem. Futuramente, vamos ter o festival das minas. Todo este jardim ficará movimentado com a celebração.

Apesar de uma série de portas de ferro ter sido construída para bloquear a entrada de possíveis ataques, agora estavam abertas entre as paredes de pedra. Ninguém os impediu de entrar enquanto abriam caminho para o interior. No princípio, a entrada era tênue, mas quando Bron foi adiante, uma luz suave começou a brilhar na parede.

— Verão? — Aeron perguntou, apesar de parecer a cor equivocada.

— Sim. A luz externa é filtrada — Bron explicou.

Logo, o corredor se dividiu em cinco direções. Bron parou e apontou adiante.

— O salão principal leva a todas as zonas comuns. Na direita, existem os apartamentos por ordem de nascimento. Sou o mais velho, assim o nosso apartamento é o primeiro. Então tem o apartamento de Alek, Mirek e Vladan. Uma vez dentro, há mais corredores — Bron apontou com a cabeça. — Alguns acima outros abaixo de nós. Tente se manter no salão principal até conhecer o caminho. Mas, se ficar perdida, feche os olhos e pense em mim. Eu a encontrarei e guiarei de volta — Ele olhou para cima. — Na verdade, agora que estamos casados, se espera que fiquemos na torre. Era a habitação dos meus pais e não são utilizadas desde que eles se foram.

— É um labirinto? — Aeron parou e olhou cada rota. Pareciam idênticas.

— Foi desenhado desta maneira para confundir os intrusos. Se o invasor vai por um caminho e não é capaz de abrir uma porta, se dirige para frente em um corredor sem saída quando tenta voltar. As salas em espiral tem um padrão sem fim para prender os inimigos. No caso dos sensores não funcionarem, os atacantes se dispersam pela montanha até que são encontrados.

Aeron estava a ponto de pedir por mais detalhes, porém passos a impediu. Voltou-se para a entrada. Deu um passo mais perto de

Bron e segurou seu braço. Vários homens muito grandes se aproximaram deles, com varias caixas de plástico de procedência hospitalar.

— Meu lorde — Alguns deles cumprimentaram Bron, mas não pararam em sua tarefa. Levou um momento para recordar de quem era o apartamento que eles entraram, e percebeu que era de Mirek.

— Isso é material médico — Aeron disse. — Acha que é seguro aqui? A esposa do seu irmão deve estar muito doente. Ninguém estava doente na nave do Noivas da Galáxia. Não permitiriam alguém doente.

— Não acho que Mirek encontrou sua esposa na nave. Talvez seja alguém de uma de suas missões da embaixada. Havia noivas fora da nave — Bron a incentivou a seguir em frente. — Venha. Vamos descobrir.

Bron segurou seu braço. A sala se retorcia e girava, mas depois ficou em um curso estável. Chegando a porta com padrões intrincados talhados na madeira, Bron entrou. Os empregados estavam preparando alguma coisa no outro extremo.

O apartamento de Mirek era luxuoso, todas as paredes e piso tinham grossos tapetes e moveis de madeira escura. Como no palácio, havia bandeiras dentro. A decoração se encaixava muito bem com a sala espaçosa. Havia um quadro grande de um dragão na parede. Seu lugar indicava importância.

Ao ver um homem que se parecia muito com Bron e Alek, deduziu que era Mirek. Bron se dirigiu ao irmão. Mirek tinha o mesmo cabelo castanho que parecia ser um traço de família, mas os

olhos eram de um verde brilhante. Parecia cansado, mas não demonstrou em seus movimentos enquanto fazia um gesto para a sala de estar do seu apartamento. Moveis estavam sendo removidos, e o material hospitalar estava sendo retirado das caixas.

Havia sofás ao redor de uma lareira. Um empregado tropeçou junto a ela e murmurou uma desculpa. Desde que Bron estava em uma profunda conversa com seu irmão, ela se dirigiu para o sofá. Ausente, alisou a saia, tentou tirar uma mancha de sujeira. Realmente era uma pena ter arruinado o vestido azul. Se tivesse sorte, teria algum tempo para limpar o material. Os empregados haviam colocados algumas provisões no sofá. Aeron se dirigiu para uma grande caixa de plástico. Ao olhar dentro ficou paralisada de terror.

— Riona! — Aeron deu um passo vacilante. Sua irmã estava presa dentro da caixa. Os olhos de Riona estavam fechados e parecia dormir de forma forçada. Manchas vermelhas e bolhas cobriam sua pele em padrões estranhos. Estava muito pálida para ser Riona. O longo cabelo castanho avermelhado estava seco e retorcido na parte superior da cabeça e muito sujo. Aeron tocou a barreira transparente. Ela golpeou o plástico. — Riona? — Sua irmã não se moveu. Aeron bateu mais forte. — Riona, acorde.

Quase ao mesmo tempo que bateu na prisão humana, dois homens estavam em suas costas.

— Não toquem nela — Bron ordenou.

— O que acha que está fazendo com a minha esposa? — Mirek exigiu. Estava de pé perto da cabeça de Riona, com os braços estendidos como se quisesse proteger a mulher adormecida.

— Eu? O que você está fazendo com a minha irmã? Era para ela estar no sistema estelar — Aeron encarou Mirek com o cenho franzido de preocupação. — Como...? O que fez com ela?

— Ela está doente — Bron tentou explicar.

— Não. Ela estava bem na nave. Estava saudável. Todas nós fizemos exames. Nós... — Aeron afastou a mão de Bron, que tentava abraça-la. — Temos que levá-la a um posto médico.

— Riona é sua irmã? — Perguntou Mirek, não tão irritado quanto antes. Parecia hesitante.

— O que fez com ela? — Aeron empurrou Mirek e inclinou-se sobre a irmã para ver se respirava. Um tubo estava ao seu lado cheio de um líquido amarelo. Um pó fino cobria sua pele. Isso a fazia parecer pálida. — Tire-a daí. Desperte-a. Quero falar com ela.

— Não posso. Ela não acorda — Respondeu Mirek. — O êxtase é para mantê-la confortável.

Em algum lugar no fundo da sua mente, não pode evitar pensar que Riona estava mau. Era a sua irmã. Riona veio a este planeta por causa dela, e agora se sentia culpada.

— Você não pode ser seu marido. Supõe-se que os maridos protegem suas mulheres neste planeta. Isto não está acontecendo. Riona nunca se casaria — Aeron acariciou a caixa, desejando poder fazê-la acordar. Uma lágrima deslizou por seu rosto e caiu na caixa. Desta vez suas palavras foram para sua irmã, enquanto sussurrava: — O que você fez? Ri, isso foi um grande erro. Você não pertence a este lugar.

— Não sabemos o que aconteceu, mas os médicos acreditam que teve uma reação alérgica a algum vegetal no bosque. Ela está estável, mas agora o melhor é que o ar que ela respira é filtrado. Por isso a colocamos em uma capsula de êxtase. Cobrei vários favores para trazê-la aqui — Mirek olhou para seu irmão. Ele soava desanimado e na defensiva. — Os engenheiros estão construindo um local mais adequado para ela. Poderemos mudá-la tão logo quanto possível. Pedi mais médicos e uma nova unidade médica, casos os postos não estejam funcionando. E...

— Sei que está fazendo todo o possível — Bron interrompeu. Ele tocou o braço de Aeron. — Tudo será feito por ela. Juro a você, Aeron.

— Não vou deixá-la desamparada — Disse Mirek. — Ela vai ter tudo o que precisar.

Aeron lhe lançou um olhar duvidoso. Ela não o conhecia. O único que tinha a seu favor era que estava relacionado com Bron. Ela, no entanto, conhecia sua irmã. Não havia como Riona ter ficado neste planeta. Sua irmã era muito inteligente para isso.

— Vamos levá-la para o meu quarto, ela pode ficar comigo — Aeron decidiu. — Eu vou cuidar dela.

— Ela deve ficar com o marido — Bron refutou.

— Ela está na capsula esterilizada. Outro lugar está sendo construído — Mirek argumentou. — Eu me ocuparei da minha esposa.

Aeron o olhou, pensando que não havia muito que ela pudesse fazer. Bron a tocou novamente e ela sentiu sua segurança, sua

calma. Assentiu lentamente.

— Muito bem. Mas virei sempre para ver como ela está. Quero ler os informes médicos. E quero saber exatamente o que aconteceu. E quero estar aqui quando for examinada e quero monitores na minha casa. E quero tocá-la sem precisar da sua permissão e...

Bron segurou sua esposa e a puxou contra o peito. Apertou seu rosto contra a túnica, cortando suas demandas.

Acariciando seu cabelo, disse em voz alta: — Lady Aeron se preocupa com lady Riona, são irmãs.

O som dos empregados soou como murmúrios de compreensão e Aeron percebeu que estava sendo ouvida.

— Tudo o que pediu será feito — Mirek concordou.

Se estivesse falando de qualquer outra pessoa, Aeron sentiria pena do homem. Aeron abriu a boca, mas Bron a pressionou novamente. Foi interrompida antes que pudesse falar.

— Tem nossa palavra. Sua irmã terá todas as comodidades possíveis — Bron assegurou. Quando ele perguntou se Aeron se sentia mais calma, ela assentiu com a cabeça. — Muito bem. Vamos. Não há nada que possamos fazer agora. Mirek, voltaremos de manhã para visitá-la.

— Podem visitá-la a qualquer momento — Mirek afirmou. — Não tenho nada a esconder. Aeron, vou programar sua voz na entrada da minha casa. Pode entrar e sair quando quiser.

Aeron deu uma última olhada na irmã quando Bron a puxou.

Quando ficaram sozinhos, longe da porta de Mirek, ele confidenciou: — Meu irmão é um bom homem. Ele não a teria machucado de forma nenhuma. Se ele disse que é reação a uma planta, então é o que aconteceu.

— Eu não disse que duvidava dele — Aeron sussurrou, ainda que na realidade não tivesse certeza de tudo o que disse em voz alta.

— Sua expressão fala por si. Você o culpa.

— Fiquei surpresa ao vê-la. Riona não queria um marido — Aeron balançou a cabeça em negação. — Se você pensou que eu era teimosa sobre o casamento, é porque não conheceu Ri. Ela nunca estaria de acordo em se estabelecer, inclusive se estivesse apaixonada. De fato, se estivesse apaixonada, ela provavelmente sabotaria o casamento por causa disso.

— Sabotar o casamento? Porque lutar contra o amor? — Bron olhou para sua esposa e apertou os lábios com força, como se lembrasse dos problemas deles.

— Quando alguém vê o que nós vimos, isso muda uma pessoa. Muita perda em um só momento. Tudo mudou. Perdemos nossa família, nosso povo, nossa casa, nossos pertences, nosso planeta. Eu me escondia e Ri saía e vivia a vida ao máximo, negando-se a se conformar. Minha irmã é uma tempestade desde que nasceu. Logo, depois do ataque ao nosso planeta, este fogo tomou conta do seu corpo. Ela se move através do universo como um cometa desde então. Se está aqui, não é porque quer. Eu apostaria minha vida.

— Meu irmão é honrado — Bron protestou.

— Eu conheço a minha irmã — Sentia-se frustrada. Pensou na

irmã na capsula de êxtase. — Quero os informes médicos, Bron.

Ele franziu o cenho, mas concordou com a cabeça.

— Está tarde minha dama, e tivemos uma longa viagem. Eu mostrarei o seu novo apartamento para que possa comer e depois descansar. Terá os informes médicos da sua irmã pela manhã.

Para sua surpresa, ela não rejeitava mais a ideia de morar com ele, ao menos não com tanta força quanto antes. Ela o seguia caminhando pelos corredores em um ritmo acelerado. Ao chegarem ao local de abrir a porta lateral com um escâner de mão, viraram em um corredor e subiram várias escadas e passaram por mais algumas portas em um padrão aparentemente ao azar. Se ela não mantivesse o ritmo, não teria como encontrar o caminho de volta.



A nova casa de Aeron não se parecia em nada com o que já viu antes. Havia esperado que fosse como a de Mirek, mas era muito diferente. Cortinas de tecido estavam nas paredes para esconder a pedra por trás. A sala principal era oval com um grande lustre pendurado no centro. Refletia a luz no alto e espalhava por todo o lugar. Sofás ao longo das paredes. Uma mesa comprida com cadeiras ao redor.

No centro da sala dois sofás grandes formavam um círculo completo sob o lustre. A decoração era bonita. No meio da mesa havia um dragão esculpido. Parecia uma mesa decorativa, mas era informatizada. Ela sabia que os dispositivos de comunicação padrões tinham grandes telas transparentes e imagens holográficas.

Antes que a deixasse sozinha, Bron mostrou um simulador de

alimentos escondido na parede. Era um modelo antigo, mas funcionava. Ante seu olhar inquisitivo, ele disse.

— Sempre queremos agradar as raças alienígenas com quem mantemos negociações comerciais, é conveniente.

Aeron não se importava com a razão, estava feliz por não ter que cozinhar. Talvez não se importasse em preparar a comida, mas havia algo a falar sobre gratificação instantânea e automática. Claro, a comida não tinha o mesmo sabor, mas depois de toda uma vida comendo alimentos do simulador, quase não era desagradável. Inclusive enquanto pensava, sabia que não era verdade. O simulador não se comparava ao sabor dos pratos recém-preparados.

Havia quatro portas ao redor da sala. Sozinha, Aeron descobriu um banheiro com uma grande banheira muito parecida com a do palácio. A segunda porta dava para um corredor. As outras iam para a cozinha e uma sala de exercícios. O teto era parecido com o da sala principal e havia um hall aberto para o segundo andar, onde ficavam os quartos.

Aeron materializou uma refeição e esperou Bron voltar. Quando ele não apareceu, comeu e decidiu tomar um banho. Parte da sua esperança sumiu. Arrependeu-se de tê-lo abandonado no palácio. Seria bom desfrutar com ele daquela água quente deslizando por sua pele. Ela soltou um suave gemido. Seria celestial.

Quando seus dedos começaram a enrugar por ficar muito tempo na água, envolveu seu corpo em uma toalha e foi para a escada. Havia muitos quartos, mas apenas um parecia pronto para uso. A cama era grande, um tamanho perfeito para dois. Entrou sob os lençóis e se aconchegou. Não se imaginava capaz de dormir, mas

o calor era muito bom e seus olhos se fecharam involuntariamente.



— Entendo o que está me pedindo, mas não posso deixar a minha esposa — Mirek disse. — Se for mesmo necessário, Vladan por ir em meu lugar. Seu casamento está bem. Todos viram o brilho do cristal quando sua esposa o escolheu antes da cerimônia.

— Está casado com uma mulher estrangeira que se negou a seguir as nossas tradições. Eu não diria que o casamento do Vladan esteja bem — Bron contestou. — Precisamos de você, Mirek. Conhece as pessoas que visitam o nosso planeta. Já tratou com eles antes. Precisamos que faça perguntas sutis. Vladan nem sempre é diplomático. Ele está acostumado a tratar com mineiros.

Mirek sentou-se perto da cabeça da sua esposa. Apoiou as mãos na parte superior da sua prisão de plástico.

— Não pode me pedir para sair daqui. Não agora. Não posso deixá-la assim.

— Minha esposa ficará com a irmã — Bron afirmou. — Precisamos avaliar a ameaça.

— Conheço os Toyes — Mirek falou. — É uma raça agressiva.

— E nunca os mencionou? — Bron sentou-se na frente do irmão. Ele contou tudo, sua captura e prisão, a advertência de Aeron sobre os estrangeiros e as ordens do rei.

— Não havia nada para falar — Mirek comentou depois. — Normalmente, não nos preocupamos com eles. Ofereceram-se para comprar as nossas minas por um preço injusto e eu me neguei. Não

são os primeiros a tentarem este tipo de acordo e não serão os últimos. Me atrevera a dizer que a oferta dos Toyes foi a melhor das que foram feitas por aqueles que desejam a continuidade do nosso trabalho enquanto colhem os benefícios. Não sei o que deseja que eu verifique. Duvido que haja algo interessante para encontrar. Minhas relações com eles estão nos registros.

Bron olhou a mão de Mirek traçar o contorno do rosto adormecido da esposa, como se pudesse senti-la através da barreira transparente. Bron não conseguia nem imaginar não poder tocar sua esposa.

— Sei que é injusto pedir isso a você, irmão.

— E estou moralmente obrigado a ir pelo dever que me chama — Disse Mirek suavemente olhando o rosto imóvel da esposa. Caso não o conhecesse bem, Bron teria pensado que a mulher estava morta. — Eu não deveria passar para Vladan as minhas obrigações. Vou fazer os arranjos necessários. Vou atrás dos meus contatos. Não estávamos planejando decolar, então vamos levar alguns dias para que a nave fique pronta e o piloto esteja aqui. Vamos explorar o campo no espaço e também assegurar que ninguém esteja na órbita do nosso planeta. Uma busca visual será muito mais eficiente do que as explorações da superfície.

Bron assentiu. Não precisava assegurar ao seu irmão que tudo o que Riona precisasse seria feito. Mesmo se não fosse irmã de Aeron, a mulher era da família. Quando se casou com Mirek, converteu-se em uma deles. Cada um dos irmãos daria sua vida para proteger um membro da família. Ou daria suas fortunas para salvá-los. Como ele faria tudo para salvar Aeron. Bron observou

Riona. Se eram irmãs, ela teria o mesmo problema com o relógio biológico. Pensou em dizer a Mirek, mas não quis dar ao seu irmão algo mais para se preocupar.

— Minhas bênçãos para o seu casamento, meu irmão. Acredito que o destino despertará sua noiva. Mesmo que tenhamos que cruzar a galáxia em busca de médicos nós mesmos — Bron encorajou o irmão.

Mirek assentiu.

— Já chamei vários. Terá uma cópia dos arquivos médicos de manhã, para sua esposa.

— Aeron não entende os nossos costumes. Não quis insultar.

Mirek levantou as mãos para deter as palavras de Bron.

— Ela teme por sua irmã. Não preciso de explicação.

Bron deixou o irmão sozinho com a esposa adormecida. Vê-los juntos o incomodava. Os deuses não dariam a Mirek uma mulher para em seguida apenas tirá-la dele. Tinham que ter fé que Riona acordaria com o tempo.

Poderia estar a benção da cerimônia contaminada de alguma maneira? A rainha e o rei disseram que estavam preocupados com os príncipes e suas escolhidas. A noiva de Vladan era uma criatura fora do comum com uma cabeça de formato estranho. A noiva de Mirek estava doente e confinada. Se Riona estava doente por causa da fauna e flora local, ela poderia permanecer no planeta? O casamento de Alek parecia ter problemas, Alek e Kendall brigavam o tempo todo. E, seu próprio casamento, ainda que melhor, ainda era

fraco. Sentiu as dúvidas de Aeron quando ela viu sua irmã. Não confiava neles.

Pegou o caminho de casa, indo para a entrada do castelo antes de dar a volta para o corredor. O lento caminhar lhe deu tempo para pensa, mas fez pouco para limpar sua mente. Começou ouvindo Aeron antes chegar à entrada. Tudo estava tranquilo dentro. Quando entrou, concentrou seus sentidos até que percebeu o som de sua respiração constante no quarto. O som era fraco, mas sabia que ela dormia. Como não queria acordá-la e arriscar sentir a dúvida e a preocupação que estava em seu interior, foi para o simulador de comida. Nunca usou a coisa, mas não tinha energia para preparar sua comida. As verduras murchas e a carne sem sabor era mais um castigo do que comida. Depois tomou um banho e foi examinar os documentos que requeriam sua atenção.

Quando as horas se arrastaram até o amanhecer, sabia que não poderia evitá-la por mais tempo. Bron se dirigiu para o quarto escuro. Não deixou seus olhos se movessem pelo lugar. Se visse Aeron, teria que tocá-la e sua respiração era calma e estável. Seu cheiro era doce e feminino.

Bron entrou na cama e fechou os olhos. Cada músculo parecia ir para ela, mas manteve os braços quietos. No momento, ficaria contente simplesmente em ouvir seus sons.

Capítulo Treze

Cinco dias se passaram em um borrão de visitas ao castelo por cada um dos moradores, as visitas para ver Riona, os olhares pensativos de Bron, a expressão estoica de Mirek e uma onda de trabalhadores e costureiras. Se fosse uma mulher insegura, teria pensado que Bron a estava evitando. Na verdade, não tinha como ter certeza. Sim, precisava de vestidos, assim as costureiras eram necessárias. Ela descobriu como se mover pelo castelo e visitava constantemente a irmã, ainda que Riona não pudesse responder.

Trabalhadores construíam uma câmara para Riona. Trabalharam sem parar até que terminaram. Sua irmã estava ainda em êxtase. Os informes médicos eram muito exaustivos, alguns até mesmo repetitivos. Este fato surpreendeu Aeron. Mirek tinha todos os médicos disponíveis do território Draig cuidando da sua irmã. Parecia realmente preocupado com ela. Casada com um Draig, estava começando a descobrir como funcionavam esses homens. Qualquer que fosse a razão, romper o cristal realmente parecia fortalecer os sentimentos por suas esposas. E, talvez, também solidificasse os sentimentos das esposas por seus maridos.

Aeron viu Bron do outro lado da sala, enquanto esperava perto da capsula da irmã. Os trabalhadores saíram da casa. Aeron os ouvia conversando, a espera, caso fossem necessários. Mirek empurrou um comando na parede para iniciar a descontaminação do ambiente.

A pequena sala foi construída como uma espécie de laboratório. Havia material médico, injeções e outros medicamentos em um

armário transparente na parede. O único mobiliário era a cama junto a capsula de êxtase. Quando o lugar ficou limpo, abriram a caixa. Aeron mordeu o lábio, olhando sua irmã ser levantada da caixa de plástico e sendo colocada na cama.

O lugar não parecia em nada com o que viu no planeta. Era muito avançado tecnicamente. O fato de serem necessárias medidas tão drásticas apenas aterrorizava Aeron com relação ao estado atual da irmã. Eles viviam em uma época onde médicos eram encontrados em qualquer lugar e curavam quase qualquer coisa. Se um deles não conseguia curar Riona, então...

Aeron não queria nem pensar nisso. Não perderia sua irmã. Bron ajudou na mudança de Riona antes de ir para a porta. Abriu e rapidamente saiu, deixando Mirek e Riona para trás. O repugnante cheiro de descontaminação o seguiu.

— O que está fazendo? — Aeron levantou para ter uma imagem mais clara de Mirek.

— As bolhas cobrem o corpo dela. Temos que tirar sua roupa para que não prejudique a cura e voltar a conectar o tubo de nutrientes na cama. Uma vez que se estabilizar, o tubo pode sair. Os médicos acreditam que esta é a melhor chance de recuperação. A cama monitorará a dor e dará os medicamentos necessários.

Bron voltou e parou ao lado dela.

— Assim que ela acordar, um alarme tocará para Mirek e ele nos informará. Até então, não há nada que possamos fazer.

Aeron colocou a mão no peito dele. Era um dos primeiros momentos de contato que tinham nos últimos dias. Ele estava se

mantendo a distancia, saindo cedo e chegando tarde. Ela assumiu que tinha deveres para atender, mas descobriu que não gostava da ausência dele, ainda que tenha enviado um empregado para levá-la ao redor do castelo e entretê-la.

— Obrigada por tudo o que tem feito — Ela disse em voz baixa.

— Venha, vamos deixá-lo cuidar da sua esposa — Bron pegou Aeron pelo braço. — Parece cansada. Tem dormido?

Antes que pudesse responder, os trabalhadores voltaram. Bron disse algo para eles no idioma Draig. De imediato eles se dirigiram para a porta novamente.

— Realmente tenho que aprender o idioma Draig — Ela murmurou.

— Eu ensinarei, ainda que me disseram que cordas vocais delicadas podem dificultar o aprendizado, por causa da forma dos sons — Bron tocou levemente o pescoço dela e ela estremeceu.

— Talvez, mas seria bom aprender para entender os sons, inclusive se não puder formá-los. E para responder a sua pergunta não, não estou dormindo bem. Continuo te esperando. É sempre tão ocupado? Ou está me evitando? — Disse brincando, mas quando falou, não pode evitar sentir um medo verdadeiro aguardando a resposta.

— Eu só queria te dar espaço. Parecia irritada por causa da sua irmã e... — Bron parou.

Ela se perguntou o que ele iria dizer. Aeron fechou os olhos e sentiu a resposta imediatamente.

— Sentiu a minha preocupação e a confundiu com um questionamento sobre a honra da sua família.

Bron vacilou antes de finalmente assentir com a cabeça.

— E isso o ofendeu — Aeron completou.

Uma vez mais ele vacilou, e logo assentiu novamente.

— Bron, gostaria que entendesse que a minha preocupação não é insultante. Não é que não confie em você para fazer o correto, mas estou preocupada. Preocupo-me com tudo, com os Toyes, com a minha irmã, com você, com nós dois. É como eu sou. As coisas me preocupam. Inclusive às vezes me preocupo com coisas que não deveria. Um médico da Federação uma vez me disse que era pelo que aconteceu. Não posso controlar, inclusive com os pequenos detalhes. Eu também sou lenta para aceitar mudanças. A Federação não se importava, porque eu fazia bem o meu trabalho. Olhava todos os pequenos detalhes. Sou assim. Não tenho certeza se posso mudar.

— Preocupa-se comigo? — Um pequeno sorriso levantou os lábios dele.

— Como pode perguntar isso? — Ela bateu levemente no braço dele.

— Então está dizendo, que o que senti quando me aproximei de você nestes últimos dias se devia a tensão? Não porque duvidava da honra da minha família?

— Ela é minha irmã Bron. Claro que estou preocupada com ela. Ela é a última do meu povo. Eu a amo. Vê-la assim, e incapaz de fazer alguma coisa por ela, claro que mexe comigo — Aeron parou e

acrescentou. — Eu sei que fará tudo o que puder por ela e agradeço. Vejo honra em você e no seu irmão. Não duvido. Esta capacidade de sentir a outra pessoa é nova para nós dois. Acho que vai levar um tempo para decifrar o que estamos sentindo de verdade.

— Virá com o tempo — Ele assegurou. — Como as outras coisas.

— Refere-se aos Toyes?

— Não há nenhum perigo imediato, mas estamos preparados para isso. Um de nossos pilotos chegará amanhã. Mirek se unirá a ele e verá as coisas do espaço. Explorará ao redor do planeta e garantirá que estamos a salvo. Logo enviará as informações aos contatos que ele mantém. Vamos descobrir tudo sobre os Toyes. Se houver uma batalha no futuro, vamos estar preparados. Nosso povo deve muito à sua nova duquesa. Talvez algum dia eles saibam plenamente o que fez por nós.

— Temos que manter todos a salvo — Ela ruminou. — Não importa se sabem ou não que fui eu quem avisou do ataque. No que me diz respeito, sempre e quando ficarem a salvos é o suficiente.

— Fala como uma verdadeira Draig — Bron sorriu.

— Posso dizer uma coisa? — Aeron ficou vermelha quando olhou para baixo.

— O quê?

— Tenho certeza de que é desejo, o que está sentindo agora — Ela o encarou.

— Tem certeza? Pensei que fosse você sentindo — Ele sorriu,

um aspecto encantadoramente malvado e completamente seguro de si.

— Tenho certeza — Ela passou as mãos pelo peito dele.

— Hummm, talvez devêssemos ir para casa e resolver isso agora mesmo. Comprometo-me a chegar ao fundo dos nossos desejos mesmo que leve a noite toda.

— Mas... — Ela olhou ao redor. — Não é de dia? Pensei que teria que trabalhar.

— Oh, é cedo mesmo. Porém, esta tarefa é mais importante do que qualquer trabalho. E durará todo o dia e a noite também.

Aeron riu enquanto ele caminhava rápido, levando-a para casa.



Bron traçou uma linha pelo braço da esposa, vendo as diminutas protuberâncias e os pelos arrepiarem. Bron parecia hipnotizado pela reação. De fato, estava fascinado com tudo relacionado a ela. Perguntou-se se ela sabia quanto controle tinha sobre ele. Uma palavra, um pensamento e ele faria o que ela quisesse.

Aeron abriu os olhos e lhe dedicou um sorriso sonolento antes de fechá-los mais uma vez e se aconchegar no largo peito nu. O quarto estava escuro e Bron se perguntou se ela conseguia ver seu rosto. Duvidava.

Bron deslizou a mão pela cintura fina e a abraçou. A pele suave se moldando facilmente aos seus dedos. O fantasma de um sorriso se formou em sua boca.

— Pergunte — Aeron gemeu, reprimindo um bocejo.

— Perguntar? — Bron passou a mão por seu traseiro antes de ir para a coxa. Sua perna deslizou sobre ele. Ele pressionou a ereção no sexo feminino.

— Não isso. Pergunte o que estou pensando — Aeron riu entre dentes.

— Mas... — Bron moveu os quadris adiante.

— Bem, a resposta a essa pergunta é sim, depois que me fizer a outra pergunta — ela não vacilou em seu toque.

— Você é muito experiente em comunicação — Bron novamente passou a mão pelo traseiro e a parte posterior da coxa. Ela era muito flexível.

— Essa é uma ótima declaração — Aeron moveu-se sobre o seu peito.

— O que conduz a uma pergunta — Ele sorriu, capaz de sentir seu próprio cheiro na pele dela. Era extremamente erótico, como se estivesse marcada como dele. — Temos que configurar as comunicações entre a nossa casa, a nave, as minas, o povo e o palácio. As unidades que temos são velhas e algumas precisam de reparações. Tinha a esperança de que com seu conhecimento, você poderia gostar de supervisionar o projeto. Entendo se não quiser fazer, já que é muito trabalho. No entanto, você não parece o tipo que fica em casa cozinhando e tendo filhos, ainda que estivesse mentindo se não tivesse a esperança de você querer algo assim também. Isso seria algo em que poderia me ajudar?

Aeron lentamente soltou o fôlego e assentiu.

— Sim. Eu ficaria encantada em ajudar — Aeron começou a sentar na cama, usando o peito dele como suporte. — Preciso ver alguns mapas e calcular a distância. Também preciso ver os esquemas dos sistemas solares e escolher um ajudante e...

— Mas não agora, minha dama — Bron a puxou novamente para seus braços. — Acho que me prometeu algo primeiro.

— Sim — Aeron começou a rir.

— Sim — Bron repetiu e assentiu com a cabeça antes de beijar o pescoço dela. — Ummm — Ele suspirou. Os lábios se arrastaram para o ombro.

Ele fez amor devagar, com ternura, aproveitando o tempo para explorar cada centímetro dela. Já tinha seu corpo memorizado, mas cada toque sentia como se fosse o primeiro. No momento em que ele se colocou em cima dela, suas pernas estavam abetas e seu sexo úmido e acolhedor. Ele a beijou enquanto a penetrava. As mãos dele percorriam o corpo feminino, traçando os músculos e arranhando levemente. Oh, era muito bom estar dentro da sua esposa. Bron tinha certeza de que nunca sentiu algo tão perfeito.

Nesse momento, o mundo desapareceu e nada mais importava. Aeron finalmente estava envolvida em sentimentos por ele, aberta e pura. Ela não tentou esconder. Poderia ter tudo dele e ele não a impediria.

Quando o clímax chegou, estavam em perfeita harmonia. Ele separou os lábios dos dela, deixando que suas respirações se misturassem. O coração dos dois estava tão acelerado que o mundo

todo poderia ouvir.

Bron sorriu. O prazer o percorreu.

— Eu também a amo, esposa.

—Mas... — Ela começou um protesto. — Você realmente deve esperar que eu diga as coisas em voz alta antes de ler os meus pensamentos — Então Aeron fechou os olhos e respirou profundamente. — Eu te amo, marido.

Epílogo

Bron sorriu para si mesmo ao enviar seus sentimentos para a esposa. A conexão aumentou nas últimas semanas. Conseguia encontrá-la em quase qualquer lugar do castelo. Sentindo uma onda de tristeza e preocupação dentro de Aeron, sabia que ela estava com a irmã. Riona ainda estava em êxtase. Não teve nenhuma mudança em sua condição. Todos os médicos diziam para esperar. Tinham a esperança de que simplesmente acordasse um dia por conta própria. Até então, Merik a vigiava e a guardava como um tesouro sagrado.

Suspirando, fechou os olhos e apoiou a cabeça no encosto da cadeira. A expedição de Mirek no espaço foi muito contundente. Havia algumas naves na zona, tanto no céu como na montanha, mas nenhuma nave se comunicou. Bron agora suspeitava que foram os Toyes que o havia sequestrado. Aparentemente, a sua esposa tinha razão. Os Toyes estavam planejando algo. Talvez a sua captura fosse um experimento para ver como os Draigs reagiriam. Ou talvez os Toyes simplesmente queriam se desfazer de um nobre de alta posição das minas. Se fosse esse o caso, ninguém na sua família estava a salvo. Mas, já estavam tomando precauções.

Pelo menos seu casamento se resolveu. Por isso estava agradecido. Aeron continuava preocupada com o seu relógio biológico, apesar de tentar esconder dele. Bron não estava convencido de que havia algo para se preocupar, mas ela não queria consultar um médico. Ele faria o que fosse preciso para proteger a sua esposa e para que se sentisse tranquila. Enquanto isso, ele se mantinha ocupado com as redes de comunicação. Os conhecimentos

dela superavam em muito os dele e Bron se alegrou em não ter que lidar com os problemas de codificação e módulos à distância.

Quanto a Alek, Vladan e os quatro príncipes, eram histórias completamente diferentes, e que levaria muito tempo para decifrar e contar. Bron não tinha esse tempo ou energia. Neste momento não. Não quando sua esposa havia sussurrado em voz baixa de manhã que estava grávida.

Bron sorriu. Seria pai. Agora sim, se apenas seus irmãos pudessem seguir seu exemplo e consertassem seus casamentos, a vida seria perfeita.

